



# Aíetos, diálogos e resiliências: ✦

A LITERATURA PORTUGUESA E AS  
LITERATURAS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA  
NO MUNDO PÓS-PANDEMIA

25/09  
29/09  
2023

UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SÃO  
CARLOS



# ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROFESSORES DE LITERATURA PORTUGUESA

**GESTÃO 2022 – 2023**

## **DIRETORIA EXECUTIVA**

### **PRESIDENTE**

JORGE VICENTE VALENTIM (UFSCar)

### **VICE-PRESIDENTE**

SILVIO CESAR DOS SANTOS ALVES (UEL)

### **SECRETÁRIO EXECUTIVO**

RODRIGO VALVERDE DENUBILA (UFU)

### **SECRETÁRIA ADJUNTA**

CAMILA DA SILVA ALAVARCE (UFSCar)

### **TESOUREIRO EXECUTIVO**

DANIEL MARINHO LAKS (UFSCar)

### **TESOUREIRO ADJUNTO**

CARLOS HENRIQUE FONSECA (EMD/ ARARAQUARA)

### **ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO**

ROBERTA GUIMARÃES FRANCO (UFMG)

## **REPRESENTANTES REGIONAIS**

### **REGIONAL 1 (RJ E ES)**

SÉRGIO NAZAR DAVID (UERJ) / RENATA FLÁVIA DA SILVA (UFF)

### **REGIONAL 2 (SP E MS)**

EMERSON DA CRUZ INÁCIO (USP) / LUCIENE MARIE PAVANELLO (UNESP/IBILCE)

### **REGIONAL 3 (BA, SE E AL)**

MÁRCIO RICARDO COELHO MUNIZ (UFBA) / SOLANGE SANTOS SANTANA (IFBA)

### **REGIONAL 4 (PE, PB, RN, CE, MA E PI)**

MÁRCIA MANIR (UFMA) / MAURO DUNDER (UFRN)

### **REGIONAL 5 (RS, SC E PR)**

RAQUEL TEREZINHA RODRIGUES (UNICENTRO-PR) / PAULO RICARDO KRALIK ANGELINI (PUCRS)

### **REGIONAL 6 (MG, GO, TO E DF)**

MARIA LUIZA SCHER PEREIRA (UFJF) / DAVIANE MOREIRA E SILVA (UFG)

### **REGIONAL 7 (AM, AP, AC, PA, RO, RR, MT)**

GERMANA SALES (UFPA) / VERONICA PRUDENTE (UFRR)

•

**SECRETÁRIO DA PRESIDÊNCIA**

Carlos Roberto dos Santos Menezes (UFRJ)

**COORDENADORA DO COMITÊ AVALIADOR**

Gabriela Farias da Silva (FURG)

•

**MONITORES**

Amarildo Rodrigues da Silva Júnior (UFSCar)

Ana Beatriz de Cerqueira Silva (UFSCar)

Andressa Siqueira dos Santos (UFSCar)

Angeline Aparecida Fernandes Pizetta (UFSCar)

Gabriel Mendonça Vieira da Costa (UFSCar)

Ghabriel da Silva Valente (UFRA)

Gustavo de Jesus Oliveira (UFSCar)

Kayke de Oliveira Sobrinho (UFSCar)

Luidy Pinheiro Zaia (UFSCar)

Maria Gabriela Gobbi (UFSCar)

Marina Buozo Bolognesi (UFSCar)

Nina Marins Giroldo (UFSCar)

Nívea da Costa Peixoto (UFSCar)

Paulo Henrique Ribeiro Ratti (UFSJ)

Viviane Cristina Tinoco de Paiva (UFSCar)



## SUMÁRIO

<b>CONFERÊNCIA DE ABERTURA.....</b>	<b>17</b>
Luci Ruas .....	17
<i>Histórias de amor, o livro censurado de José Cardoso Pires</i>	
<b>MESA PLENÁRIA 1 .....</b>	<b>18</b>
Márcio Ricardo Coelho Muniz .....	18
<i>Gil Vicente - microleituras de D. Cleonice Berardinelli</i>	
Teresa Cristina Cerdeira.....	18
<i>Cleonice Berardinelli: a sedução das letras</i>	
<b>MESA PLENÁRIA 2 .....</b>	<b>19</b>
Teresa Nascimento .....	19
<i>A Viagem do Gama em Comentários de Manuel de Faria e Sousa</i>	
Maria Aparecida Ribeiro.....	19
<i>Manuel: Bandeira, em Portugal, lança em África</i>	
<b>MESA PLENÁRIA 3 .....</b>	<b>20</b>
Luciana Morteo Éboli .....	20
<i>A sacralidade e o desejo na peça teatral "A Pécora", de Natália Correia</i>	
Jorge Fernandes da Silveira .....	20
<i>Eugénio de Andrade e as palavras interditas</i>	
<b>MESA PLENÁRIA 4 .....</b>	<b>21</b>
Inocência Luciano dos Santos Mata .....	21
<i>Romances coloniais como ensaios: a obra de Fernanda de Castro e Maria Archer</i>	
Mário César Lugarinho.....	21
<i>Histórias Literárias e Identidade nacional: a literatura colonial como desafio epistêmico</i>	
<b>MESA PLENÁRIA 5 .....</b>	<b>22</b>
Serafina Maria Grazina Martins .....	22
<i>Ler Teresa Veiga e não estranhar</i>	
José Cândido de Oliveira Martins.....	22
<i>Reinventar o mundo em Lídia Jorge: voz crítica e resiliente sobre o quotidiano</i>	
Mônica do Nascimento Figueiredo .....	23
<i>"Como cartas de amor vencem os silêncios da História. A propósito da narrativa de Ana Margarida de Carvalho"</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 1 .....</b>	<b>24</b>
Possidónio José Rosado Cachapa .....	24
<i>Cinema e Literatura - a presença da literatura portuguesa no cinema</i>	
Camila Alavarce.....	24
<i>É tarde, Inês é morta: a impossibilidade da morte em Pedro, o cru, de António Patrício, em diálogo com o cenário pós-pandemia</i>	

<b>Carlos Henrique Fonseca</b> .....	25
<i>De Jorge Amado a Evel Rocha: a juventude marginalizada em literaturas de língua portuguesa</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 2</b> .....	<b>26</b>
<b>Cristina Maria Matias Sobral</b> .....	26
<i>«Temos uns mil volumes sofríveis»: notas sobre a livraria de Camilo Castelo Branco</i>	
<b>Luciene Marie Pavanelo</b> .....	26
<i>A versão de Alfredo Hogan sobre o mito sebástico: Marco Tullio ou O Agente dos Jesuítas</i>	
<b>Eduardo da Cruz</b> .....	27
<i>Maria da Cunha no Brasil: uma poetisa que amava mulheres</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 3</b> .....	<b>28</b>
<b>Renata Flavia da Silva</b> .....	28
<i>"Em nome do progresso e da unidade das forças combatentes": fidelidade e inimizade em As Lágrimas e o vento, de Manuel dos Santos Lima</i>	
<b>Roberta Guimarães Franco</b> .....	28
<i>Qual 25 de abril, qual Portugal, 50 anos depois? Colonialidade e Outridade na Literatura Portuguesa Contemporânea</i>	
<b>Daniel Marinho Laks</b> .....	29
<i>Por uma curadoria da dor: marcas do colonialismo nas personagens de O Tibete em África, de Margarida Paredes</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 4</b> .....	<b>30</b>
<b>Anna Klobucka</b> .....	30
<i>Mapeando a paisagem da Literatura de Sodoma</i>	
<b>Maria Lúcia Outeiro Fernandes</b> .....	30
<i>À procura da beleza: o exílio de António Botto</i>	
<b>Fabio Mario da Silva</b> .....	31
<i>100 anos de Decadência. Judith Teixeira e o contemporâneo</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 5</b> .....	<b>32</b>
<b>Adriana Goncalves da Silva</b> .....	32
<i>Apropriação política da memória em "Melhor a ementa que o cianeto", de Ana Margarida de Carvalho</i>	
<b>Mauro Dunder</b> .....	32
<i>"Com sedas matei e com ferros mori": representações da violência de gênero em "Indulgência Plenária" e "Pão de Açúcar"</i>	
<b>Eliana da Conceição Tolentino</b> .....	33
<i>Biografia involuntária da escrita</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 6</b> .....	<b>34</b>
<b>Simone Caputo Gomes</b> .....	34
<i>Apresentando Vera Duarte: de Cabo Verde para o mundo</i>	
<b>Sávio Roberto Fonseca de Freitas</b> .....	34
<i>Amanhã amadrigada, de Vera Duarte: 30 anos de exercícios poéticos com sal, mar e corpo</i>	

<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 7 .....</b>	<b>36</b>
<b>Ida Alves .....</b>	36
<i>O espólio literário de Carlos de Oliveira e suas ressonâncias</i>	
<b>Silvio César dos Santos Alves.....</b>	36
<i>Atualidade e tradição na poesia contemporânea de língua portuguesa</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 8 .....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
<b>Alleid Ribeiro Machado .....</b>	37
<i>Velhice e condição feminina em "Retrato de um jovem poeta", de Dulce Maria Cardoso</i>	
<b>Maximiliano Gomes Torres .....</b>	37
<i>Quanto vale um corpo de mulher? O feminicídio em Maria Teresa Horta e Patrícia Melo</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 9 .....</b>	<b>39</b>
<b>Teresa Cristina Cerdeira.....</b>	39
<i>O Retorno de Dulce amaria Cardoso: as sobras do Império</i>	
<b>Gabriela Farias da Silva.....</b>	39
<i>Por uma estética da novíssima ficção portuguesa</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 10.....</b>	<b>40</b>
<b>Cátia Monteiro Wankler   Veronica Prudente Costa .....</b>	40
<i>Diálogos possíveis na poesia feminina de Portugal e da Amazônia: Florbela Espanca e Rosidelma Fraga</i>	
<b>Flavia Maria Ferraz Samapio Corradin .....</b>	40
<i>Inês de Castro: ontem, hoje e sempre</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 11.....</b>	<b>42</b>
<b>Lúcia Helena Costigan .....</b>	42
<i>"Dissidências e discrepâncias nas obras O Brasil restituído, comédia escrita pelo prolífico escritor espanhol Lope de Vega, e La Pérdida y Restauración de La Bahia de Todos Los Santos, atribuída a João Antonio Correa"</i>	
<b>Rita Aparecida Coelho Santos .....</b>	42
<i>"Coleção Atlânticos - portulano para uma navegação pelas literaturas portuguesa"</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 12.....</b>	<b>43</b>
<b>Verônica Prudente Costa .....</b>	43
<i>A produção de Francisco Gomes de Amorim sobre emigração em periódicos e cartas do século XIX</i>	
<b>Andreia Alves Monteiro de Castro .....</b>	43
<i>"Este nosso Portugal": Literatura, identidade e nação nas Memórias do Cárcere, de Camilo Castelo Branco</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 13.....</b>	<b>44</b>
<b>José Emanuel Coelho Vieira.....</b>	44
<i>Viagem à salvação do que vincula. Uma leitura de As Estações da Vida, de Agustina Bessa-Luís</i>	
<b>Viviane Vasconcelos.....</b>	44
<i>Sobre afeto e criação: Agustina Bessa-Luís em diálogo com Juan Rodolfo Wilcock e José Régio</i>	

<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 14</b> .....	Erro! Indicador não definido.
<b>Orlando Nunes de Amorim</b> .....	45
<i>Ensaio sobre as trovoadas: imagens de pensamento no Livro do Desassossego</i>	
<b>Telma Maciel da Silva</b> .....	45
<i>Ofélia e Pessoa: dois fingidores</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 15</b> .....	<b>46</b>
<b>Sandra Aparecida Ferreira</b> .....	46
<i>A repetição de tudo em Não é meia-noite quem quer, de António Lobo Antunes</i>	
<b>Tatiana Prevedello</b> .....	46
<i>O olhar do Angelus Novus sobre as ruínas da casa em Hatoum e Lobo Antunes</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 16</b> .....	<b>47</b>
<b>Sílvio Renato Jorge</b> .....	47
<i>A literatura interroga o colonialismo: olhares sobre o espaço urbano em textos contemporâneos</i>	
<b>Maria Luiza Scher Pereira</b> .....	47
<i>"O outro de mim"; escrita como terapia em Cardoso Pires</i>	
<b>Maria Theresa Abelha Alves</b> .....	48
<i>Figurações afetivas em "Tiago Veiga, uma biografia" e em seus epítetos</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 17</b> .....	<b>49</b>
<b>André Corrêa de Sá</b> .....	49
<i>"Meu Manuel bai pró Brazil"</i>	
<b>Manaíra Aires Athayde</b> .....	49
<i>Alexandra Lucas Coelho e o Brasil</i>	
<b>Gregório Foganholi Dantas</b> .....	50
<i>A ditadura como fantasma em Sem nome, de Helder Macedo, Purgatório, de Tomás Eloy Martínez, e Benjamim, de Chico Buarque</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 18</b> .....	<b>51</b>
<b>Sérgio Nazar David</b> .....	51
<i>Memória histórica da duquesa de Palmela (de Almeida Garrett, 1848): o capítulo L de Viagens na minha terra</i>	
<b>Antonio Augusto Nery</b> .....	51
<i>Camilo e "O frade que fazia reis"</i>	
<b>Paulo Motta Oliveira</b> .....	52
<i>As várias vidas de Fradique: esboço de um percurso</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 19</b> .....	<b>53</b>
<b>Ana Maria Wertheimer</b> .....	53
<i>A eloquência do narrador de Saramago em As Intermitências da Morte</i>	
<b>Patrícia da Silva Cardoso</b> .....	53
<i>José Saramago e os desafios do viajante</i>	
<b>Márcia Manir Miguel Feitosa</b> .....	54
<i>Topofilia e espaciosidade em Lanzarote: a experiência epifânica de Saramago</i>	
<b>MESA SEMI-PLENÁRIA 20</b> .....	<b>55</b>

<b>Jane Fraga Tutikian</b> .....	55
<i>Caboverdianamente Orlanda</i>	
<b>Rodrigo Valverde Denubila</b> .....	55
<i>Lugares e não-lugares das poéticas afrofuturistas na produção estética contemporânea</i>	
<b>Edvaldo Aparecido Bergamo</b> .....	56
<i>A resistência anticolonial no romance histórico africano: ocupação, insurgência e liberação (Angola e Moçambique no sistema-mundo)</i>	
<b>MESA DE ENCERRAMENTO</b> .....	<b>57</b>
<b>Isabel Pires de Lima</b> .....	57
<i>Pandemia, liberdade, literatura: que fazer?</i>	
<b>MESAS DE COMUNICAÇÕES – 2ª feira 25/09</b> .....	<b>58</b>
<b>Kethlyn Sabrina Gomes Pippi</b> .....	58
<i>Repetições e rupturas: performances femininas ao longo de três gerações, em Maina Mendes, de Maria Velho da Costa</i>	
<b>Júlia Fontana</b> .....	58
<i>A condenação à loucura das personagens femininas nos contos de Teolinda Gersão: há redenção ao outro lado do fio telefónico?</i>	
<b>Irene Izilda da Silva</b> .....	59
<i>As profundezas marítimas femininas conversando com a obra de Teolinda Gersão</i>	
<b>Nair Fernandes Pereira</b> .....	59
<i>Configurações de gênero em O Mosteiro, de Agustina Bessa-Luís</i>	
<b>Maria Eduarda Senibaldi</b> .....	61
<i>A desidealização da personagem romântica feminina em Camilo Castelo Branco e José de Alencar</i>	
<b>Noemi Rebeca Barbosa Ferreira</b> .....	61
<i>A construção da estrutura e a natureza de alguns contos de Eça de Queiroz</i>	
<b>Paulo Henrique Ribeiro Ratti</b> .....	62
<i>Ludovina não é a primeira cobra</i>	
<b>Isabela Coradini Pinheiro</b> .....	62
<i>Sociedade e literatura: os personagens leitores na ficção queirosiana</i>	
<b>Bruna Silva Ramos</b> .....	63
<i>Três gerações de uma família portuguesa: uma análise sobre a figuração da masculinidade em Os Maias, de Eça de Queirós</i>	
<b>Maria do Socorro Gomes Torres</b> .....	64
<i>"O Bobo", 80 anos de prosa</i>	
<b>Valci Vieira dos Santos</b> .....	64
<i>Tragédia e crítica social no Portugal oitocentista de Fialho de Almeida</i>	
<b>Fabiana de Paula Lessa Oliveira</b> .....	65
<i>Drama social e drama interior em O olho de vidro, de Camilo Castelo Branco</i>	
<b>Monyele Castro Siqueira dos Santos</b> .....	66
<i>A marcação de tempo e elementos temporais no Livro do Desassossego</i>	
<b>Roberto Xavier de Oliveira</b> .....	66



*Estudos de Vanguarda I: Correspondências entre Brasil e Portugal na pintura modernista*

<b>Bruna Pascoal Correa</b> .....	67
<i>O medo enquanto vestígio gótico em A Estranha Morte do Professor Antena, de Mário de Sá-Carneiro</i>	
<b>Vitor Hugo Costantino</b> .....	67
<i>Reclusão e Vampirismo em O Barão, de Branquinho da Fonseca</i>	
<b>Michelle Thalyta Cavalcante Alves Pereira</b> .....	68
<i>A mulher na década 50 e seu lugar de fala no romance Triunfo, de Sarah Beirão</i>	
<b>Raphael Felipe Pereira de Araujo</b> .....	69
<i>Notas para um manual de tanatopraxia, ou a decomposição em Mário Cesariny</i>	
<b>Julieny Souza do Nascimento</b> .....	69
<i>Poetas da/na cidade: caminhar, pensar, sentir e (re)agir</i>	
<b>Marcus Vinícius Lessa de Lima</b> .....	70
<i>Manuel de Freitas: uma resposta crítica</i>	
<b>Ana Paula de Oliveira Pereira</b> .....	70
<i>As vozes do corpo-memória na constelação poética de Ana Luísa Amaral</i>	
<b>José Leonardo Gomes de Lima</b> .....	71
<i>"Camonizar" é preciso: ecos camonianos no século XX</i>	
<b>Julia Pinheiro Gomes</b> .....	72
<i>"EU é um outro": Cesariny leitor de Rimbaud</i>	
<b>Paulo Ricardo Braz de Sousa</b> .....	72
<i>As máquinas celibatárias de Herberto Helder</i>	
<b>Cláudia Mentz Martins</b> .....	73
<i>Cláudia R. Sampaio e a arte de tombar no abismo</i>	
<b>Paula Gardenia Lucena Gallego</b> .....	74
<i>Entre as literaturas e a infância através do livro A Maior Flor do Mundo, de José Saramago</i>	
<b>Pamera Ferreira Santos</b> .....	74
<i>O foco da mulher saramaguiana que não cega: para além de um fio condutor na narrativa, um experienciar de resistência</i>	
<b>Mateus Roque da Silva</b> .....	75
<i>O humanista Saramago: por uma poética sensível acerca da política, da democracia e dos direitos humanos</i>	
<b>Felipe Pereira de Carvalho</b> .....	75
<i>A identidade como uma "celebração móvel" em Todos os Nomes, de José Saramago</i>	
<b>Adriano Guedes Carneiro</b> .....	77
<i>A escrita em fragmentos de Marta Pais Oliveira em Escavadoras</i>	
<b>Janaína Dias de Sousa</b> .....	77
<i>Exercícios metaficcionalis no livro "Ecologia", de Joana Bértholo</i>	
<b>Penélope Eiko Aragaki Salles</b> .....	78
<i>As Representações da Violência em Isabela Figueiredo e Judite Canha Fernandes</i>	
<b>Carlos Roberto dos Santos Menezes</b> .....	78
<i>Pintando imagens com palavras ou como a Autora adentrou o ateliê do artista</i>	
<b>Alyne Yumi Yoshida</b> .....	79
<i>60 anos da escrita de Luuanda: análise do retrato do colonizado em "Estória do Ladrão e o Papagaio"</i>	

<b>Heraldo Izidoro Gouveia</b> .....	79
<i>As performances entre o(s) estereótipo(s) de autoria(s) africana(s) em "Os vivos e os outros" de José Eduardo Agualusa</i>	
<b>Roberta António Ampessa</b> .....	80
<i>Mapeando a trajetória do primeiro romancista guineense Abdulai Sila</i>	
<b>Bruno Lutianny Fagundes Monção</b> .....	80
<i>A representação da marginalização e superação na obra "Mamadu, o Herói Surdo" de Marta Morgado: Uma análise crítica</i>	
<b>Gisele Novaes Frighetto</b> .....	81
<i>Estudos de literatura em língua portuguesa e educação a distância: um estudo de caso</i>	
<b>Larissa da Silva Lisboa Souza</b> .....	81
<i>A Lei 12.711 e seus impactos no ensino da literatura portuguesa</i>	
<b>Liliane Barros Oliveira Delorenzi</b> .....	82
<i>O estudo da literatura portuguesa: princípios para o conhecimento estético e cultural dos estudantes brasileiros</i>	
<b>João Victor Freitas Silva</b> .....	83
<i>Entre autobiografia e romance de formação: "Mãe", de Hugo Gonçalves</i>	
<b>Lívia Vilaça Santos</b> .....	83
<i>Os caminhos da memória traumática em Mãe, de Hugo Gonçalves</i>	
<b>Maurício Dutra Félix</b> .....	84
<i>Materna Doçura: uma leitura das relações afetivas do protagonista no romance de Possidónio Cachapa</i>	
<b>Thaíla Moura Cabral</b> .....	84
<i>Novíssima ficção portuguesa: uma leitura sobre "Grande Turismo", de João Pedro Vala</i>	
<b>Maria Célia Martirani Bernardi Fantin</b> .....	85
<i>O olho de vidro das plantas: a indiferença narrativa em Djaimilia Pereira De Almeida</i>	
<b>André Luís Gomes de Jesus</b> .....	85
<i>A primavera perdeu seu perfume: memória e apagamento em Conceição Evaristo e Djaimilia Pereira de Almeida</i>	
<b>Flávio Silva Corrêa de Mello</b> .....	86
<i>Entre o mar e o hotel: espaços intervalares em O retorno, de Dulce Maria Cardoso</i>	
<b>MESAS DE COMUNICAÇÕES – 4af 27/09</b> .....	<b>87</b>
<b>Jeniffer da Silva</b> .....	87
<i>A representação da mulher na peça teatral O Cioso de Antônio Ferreira</i>	
<b>Leonardo Zuccaro</b> .....	87
<i>Fabulae in certamine: as academias e os lugares da fábula mitológica</i>	
<b>Petrônio Matias dos Santos</b> .....	88
<i>As três faces de Beatriz</i>	
<b>Marina Gialluca Domene</b> .....	88
<i>Ousadia além-túmulo: um Diabo ofendido e salvação no "Auto do Purgatório"</i>	
<b>Luzia Ribeiro de Carvalho</b> .....	89
<i>As modernidades na obra de Gomes Leal</i>	
<b>Patrícia Chaves Ribeiro</b> .....	89
<i>Garrett ou a ilusão desejada</i>	
<b>Lucas do Prado Freitas</b> .....	90

<i>Uma incursão por "Singularidades de uma Rapariga Loira": os véus diáfanos do Jovem Eça</i>	
<b>Felipe Frasson Fusco</b> .....	90
<i>O Camilo Pessanha de João de Castro Osório</i>	
<b>Jean Carlos Carniel</b> .....	91
<i>Entre máscaras e véus: o duplo em Contos fantásticos, de Teófilo Braga</i>	
<b>Pedro Alaim Martins Garcia Júnior</b> .....	92
<i>Os Lusíadas, a epopeia renascentista e a embrionária episteme moderna: algumas considerações</i>	
<b>Leonora Pinto Mendes</b> .....	92
<i>A horta de Flérida - o lugar da música e do amor</i>	
<b>Annie Gisele Fernandes</b> .....	93
<i>A lírica moderna portuguesa e o soneto</i>	
<b>Marcelo Franz</b> .....	94
<i>"Mudados consoante os olhos que os veem": Camões e Pessoa segundo Saramago</i>	
<b>Marilda Beijo Fróes</b> .....	94
<i>A influência de Montaigne na escrita de José Saramago</i>	
<b>Rosemary Gonçalo Afonso</b> .....	95
<i>Ao encontro do autor: Saramago e Peixoto no romance Autobiografia</i>	
<b>Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo</b> .....	96
<i>O trabalho metaficcional em "Livro", de José Luís Peixoto</i>	
<b>João Gabriel Ribeiro Barbosa</b> .....	96
<i>Quinhentos anos de equívocos: memória e releitura em Deus-dará</i>	
<b>Renan Henrique Messias de Paulo</b> .....	97
<i>Cosmopolitismo e espaço habitado em Baiôa sem data para morrer, de Rui Couceira</i>	
<b>Milena Figueirêdo Maia</b> .....	97
<i>O jardim cruziano - Uma breve leitura da Enciclopédia da Estória Universal, de Afonso Cruz</i>	
<b>Fabiana Francisco Tiberio</b> .....	98
<i>A escrita do testemunho em Papéis da Prisão, de Luandino Vieira</i>	
<b>Brigida Priscila Neves Deramio</b> .....	98
<i>Memória e identidade: uma breve análise da personagem Mwadia Malunga de O outro pé da sereia, de Mia Couto</i>	
<b>Geovanna Campos Schiavinato</b> .....	99
<i>"Duas infâncias: uma leitura comparativa entre Minha vida de menina, de Helena Morley e AvóDezanove e o segredo do soviético, de Ondjaki"</i>	
<b>Mariana Souza Temoteo</b> .....	99
<i>A mimese em As Vistas do Dr. Valdez', de João Paulo Borges Coelho</i>	
<b>Cláudia da Cruz Cerqueira</b> .....	100
<i>A astúcia da enunciação, na construção da voz feminina autoconsciente, do conto "As três mulheres sagradas", de Lídia Jorge</i>	
<b>André Carneiro Ramos</b> .....	100
<i>Qualquer coisa que signifique: o protagonismo da linguagem no romance "Ecologia", de Joana Bértholo</i>	
<b>Vivian Leme Furlan</b> .....	101
<i>A novíssima literatura de autoria feminina: o corpo-texto de O meu amante de domingo</i>	

<b>Tatiana Pequeno da Silva</b> .....	102
<i>Maria Gabriela Llansol, ensino e transmissão (de literatura portuguesa)</i>	
<b>Leonel Isac Maduro Velloso</b> .....	102
<i>O feminino, o cuidado e a violência: leitura de alguns temas presentes em Os pregos na erva e Um beijo dado mais tarde, de Maria Gabriela Llansol</i>	
<b>Alessandra Cristina Moreira de Magalhaes</b> .....	103
<i>O corpo e a casa em "A gorda", de Isabela Figueiredo</i>	
<b>Ivan Takashi Kano</b> .....	103
<i>Gente estranha no bairro: leitura e violência em Gonçalo M. Tavares e Roberto Bolaño</i>	
<b>Adriane Figueira Batista</b> .....	104
<i>"Esta mulher renascida na solidão caseira" - corpo-casa-palavra na poética de Cláudia R. Sampaio</i>	
<b>Horácio dos Santos Ribeiro Pires</b> .....	104
<i>Decolonialidade do corpo e (re)significação do eu na poética de André Tecedeiro: performatividade, metamorfose(s), silêncio</i>	
<b>Bianca Mafra Gonçalves</b> .....	105
<i>Mitos (d)e sobrevida (anti)colonial: do troll à paródia em O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial, de Patrícia Lino</i>	
<b>Gabriel Guimarães Barbosa</b> .....	105
<i>Uma tília que vai de Goethe a Fiama Hasse Pais Brandão</i>	
<b>Letícia Nery Tomei</b> .....	106
<i>Eurídice fugidia - a ninfa breyneriana</i>	
<b>Jean Henrique Thiesen</b> .....	107
<i>Em discussão: a heteronímia pessoana</i>	
<b>Alessandro Barnabe Ferreira Santos</b> .....	107
<i>Uma poética do dedo sujo: o abjeto em Jorge de Sena</i>	
<b>Francisco Santos Borges</b> .....	108
<i>A escrita de Carlos de Oliveira: percepções de paisagem da Amazônia na obra turismo.</i>	
<b>Daniel Aparecido Veneri</b> .....	108
<i>A lição dos peixes</i>	
<b>Wendel Francis Gomes Silva</b> .....	109
<i>Leituras de Navegações (1983): poéticas do mar em Sophia de Mello Breyner Andresen</i>	
<b>Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier</b> .....	110
<i>A importância dos periódicos na gênese dos Integralismos em Brasil e Portugal</i>	
<b>Roberto Mibielli   Sheila Praxedes Pereira Campos</b> .....	110
<i>Da dinâmica do medo à "periferização": literatura e migração em Ferreira de Castro e Nenê Macaggi</i>	
<b>Robson José Custódio</b> .....	111
<i>Eugénio de Andrade e Ondjaki: relações poético-espaciais</i>	
<b>MESAS DE COMUNICAÇÕES – 5af 28/09</b> .....	<b>112</b>
<b>Mariana Tavares da Silva</b> .....	112
<i>"Fala-se da luz de Lisboa, mas ela não iluminou Aquiles": um estudo sobre o preconceito estrutural em Luanda, Lisboa, Paraíso, Djaimília Pereira de Almeida"</i>	
<b>Mariana Bartolomeu</b> .....	112
<i>"Todas as mulheres são capazes de tudo": personagens femininas e perspectivas feministas em A Instrução dos Amantes e Os Íntimos, de Inês Pedrosa</i>	

<b>Matheus Martins de Oliveira</b> .....	1144
<i>"A pandemia foi apenas o despertar que nos acordou a todos": uma análise dos comportamentos sociais e afetivos em Em todas as ruas te encontro, de Paulo Faria</i>	
<b>Rebeca de Toledo Altarugio</b> .....	1144
<i>Resistir sempre e sempre: representações da tortura em "As Longas Noites de Caxias" por Ana Cristina Silva</i>	
<b>Gabriela Cristina Borborema Bozzo</b> .....	115
<i>A intertextualidade entre os romances de Dulce Maria Cardoso e suas ilustrações de capa de Vera Tavares</i>	
<b>Larissa Fonseca e Silva</b> .....	115
<i>O tédio contemporâneo nos romances de Dulce Maria Cardoso</i>	
<b>Bianca Rosina Mattia</b> .....	116
<i>O romance de Dulce Maria Cardoso no cenário da novíssima ficção portuguesa</i>	
<b>Janaina Freire de Oliveira dos Santos</b> .....	116
<i>Uma percepção de literatura em campo expandido na obra Ecologia, de Joana Bértholo</i>	
<b>Renato dos Santos Pinto</b> .....	117
<i>Um olhar sobre espaço e tempo em CASA NA DUNA, de Carlos de Oliveira</i>	
<b>Raquel Trentin Oliveira</b> .....	117
<i>Aparição, de Vergílio Ferreira, no cinema: (re)interpretação e (re)criação.</i>	
<b>Gustavo de Mello Sá Carvalho Ribeiro</b> .....	118
<i>30 anos sem Manuel da Fonseca: considerações sobre o tema da infância em seus contos</i>	
<b>Elisangela Silva Heringer</b> .....	119
<i>O corpo e os afetos: a construção do ser na poesia ondjakiana</i>	
<b>Paulo Ricardo Kralik Angelini</b> .....	119
<i>Gente sem mundo: o falhanço da civilização na obra A charca, de Manuel Bivar</i>	
<b>Cíntia da Silva Belonia</b> .....	120
<i>A diáspora negra na novíssima ficção portuguesa</i>	
<b>Arlene Rosa Eustáquio</b> .....	121
<i>180 anos da publicação de "O bobo", de Alexandre Herculano: diálogo entre os bufões Dom Bibas, de Herculano, e Guarin, de Antônio José da Silva</i>	
<b>Camila Almeida Suave</b> .....	121
<i>A transgressão feminina presente nas obras Primo Basílio e Dom casmurro</i>	
<b>Ludmila Figueira Oliveira Santos</b> .....	122
<i>Gênero e sociedade: o papel da mulher em "A moreninha", de Joaquim Manuel de Macedo e em "Olhos d'água, de Conceição Evaristo</i>	
<b>Matsuel Martins da Silva</b> .....	122
<i>Duas histórias e produções literárias no período Salazarista: Aquilino Ribeiro e Joaquim Paço D'Arcos</i>	
<b>Aldinida Medeiros</b> .....	123
<i>Pautas das lutas feministas em três romances de Carmen de Figueiredo</i>	
<b>Juliana de Souza Mariano</b> .....	123
<i>"Anjo és tu ou és mulher?": representações femininas em "Alice", de Maria Amália Vaz de Carvalho</i>	
<b>Rodrigo Felipe Veloso</b> .....	124
<i>Literatura e Psicanálise: alquimia e psicocrítica textual em O regresso de Júlia Mann a Paraty, de Teolinda Gersão</i>	

<b>Alessandro Barbosa</b> .....	125
<i>Uma análise do diário da peste de Gonçalo M. Tavares</i>	
<b>Tiago Correia de Jesus</b> .....	125
<i>"Ensaio sobre a cegueira", de José Saramago: Reflexão sobre a pandemia de uma deficiência - em obras</i>	
<b>Gabriel Fallaci Fernando</b> .....	126
<i>O doido e a Morte, de Raul Germano Brandão: considerações e paralelos com o cenário brasileiro durante a pandemia</i>	
<b>Ghabriel da Silva Valente</b> .....	126
<i>Uma discussão sobre a epidemia descrita em Ensaio Sobre a Cegueira, de José Saramago, e a pandemia Covid-19</i>	
<b>Bianca Gomes Borges Macedo</b> .....	127
<i>Modernidade e personagem feminina na contística de Guiomar Torresão</i>	
<b>Marcela Ansaloni de Azevedo</b> .....	127
<i>Retornar e partir: uma análise crítica do conto 'George', de Maria Judite de Carvalho</i>	
<b>Matheus Medeiros Pacheco</b> .....	128
<i>Meu Brasil português: os estereótipos do Brasil em Meu Portugal brasileiro</i>	
<b>Paulo Williams de Souza   Adriana Pimenta da Silva</b> .....	129
<i>A arquitetura literária em Senhor Valery</i>	
<b>Ana Maria Carneiro de Mello</b> .....	129
<i>A novíssima literatura portuguesa e suas estratégias literárias: "O caderno de memórias coloniais", de Isabela Figueiredo</i>	
<b>Jêssyka Silva Cardoso   Marcio Jean Fialho de Sousa</b> .....	130
<i>Desafiando Normas e Reconstruindo Valores: A Transgressão de Júlia Mann em uma Sociedade Patriarcal</i>	
<b>Paulo Victor Alves Lima da Silva</b> .....	132
<i>A PENA-BISTURI: Uma leitura dos prefácios naturalistas de Alfredo Gallis</i>	
<b>Sara Vitória Silva Monteiro</b> .....	132
<i>Ideias de progresso em textos de imprensa de Eça de Queirós e André Rebouças (1880-1882)</i>	
<b>Amanda Carvalho</b> .....	133
<i>Entre o amor e o desejo: As várias formas de se relacionar em Os Maias e no século XIX</i>	
<b>David Alves Paulino</b> .....	133
<i>Os conceitos de A essência do Cristianismo em Eça de Queirós: uma análise de A relíquia.</i>	
<b>Marinei Almeida</b> .....	134
<i>Corpos oprimidos: violentas condições de mulheres em narrativas de autoria feminina</i>	
<b>Marcio Jean Fialho de Sousa</b> .....	134
<i>O reencontro de Júlia Mann: marcas da violência xenofóbica em Teolinda Gersão</i>	
<b>MESAS DE COMUNICAÇÕES – 6af 29/09</b> .....	<b>135</b>
<b>Wilian Augusto Inês</b> .....	135
<i>A mulher na família burguesa oitocentista: uma análise do romance uma Família Inglesa, de Júlio Dinis</i>	
<b>Bianca de Oliveira Picaccio</b> .....	135
<i>O romance queiroziano e a condição feminina: uma análise crítica-literária da personagem Luísa, de O Primo Basílio</i>	

<b>Moisés Baldissera da Silva</b> .....	136
<i>Amanhã (1901), de Abel Botelho: um roman ouvrier?</i>	
<b>Flávia Pais Aguiar</b> .....	137
<i>O corpo-resistência em Bocage: um olhar político sobre a libertinagem bocagiana</i>	
<b>Lucia Maria Moutinho Ribeiro</b> .....	137
<i>"Os Cavaleiros" de Antônio Nobre: o romanceiro ibérico e suas projeções</i>	
<b>Miguel Graciano Silva da Costa</b> .....	138
<i>A Teoria do Sensacionismo de Pessoa em Alberto Caeiro</i>	
<b>Ana Clara Albuquerque Bertucci</b> .....	138
<i>O fluxo de consciência no conto "O Peregrino" de Fernando Pessoa</i>	
<b>Oscar José de Paula Neto</b> .....	139
<i>O Livro do Povo: António Botto e o testemunho do cotidiano de Lisboa</i>	
<b>Giovanni Nilson Rosalino</b> .....	140
<i>"O corpo exposto à invasão dos sinais": representações da AIDS em Que Sinos Dobram por Aqueles que Morrem como Gado?, de Rui Nunes</i>	
<b>Fernanda Gappo Lacombe</b> .....	140
<i>"Vamos por partes, como o esquartejador" - A fragmentação corporal como desumanização em Balada da praia dos cães, de José Cardoso Pires</i>	
<b>Lucas Pereira Pessin</b> .....	141
<i>E todo menino é um rei-mandado</i>	
<b>Andrea Bittencourt</b> .....	142
<i>Entre a virtude e o vício: lugares de mulher em "Ensaio sobre a cegueira", de José Saramago</i>	
<b>Kairo Lazarini da Cruz</b> .....	142
<i>Interidentidades portuguesas em o esplendor e Portugal, de António Lobo Antunes</i>	
<b>Cintia Tavares Saviam</b> .....	143
<i>O silêncio obstinado das coisas caladas: uma análise da personagem jorgiana Milene Leandro</i>	
<b>Pedro Rogério Tavares da Silveira</b> .....	144
<i>Recordar, compor: a ficcionalidade de "Um deus passeando pela brisa da tarde"</i>	
<b>Lucas Augusto Dâmaso Oller do Nascimento</b> .....	144
<i>O Físico Prodígio: um estudo efrástico da obra de Jorge de Sena</i>	
<b>Fernando Henrique de Paulo</b> .....	145
<i>O erotismo em O Belo Adormecido, de Lídia Jorge, e Orlando, de Virginia Woolf</i>	
<b>Maria Silva Prado Lessa</b> .....	146
<i>Leitura e experiência de poesia em tempos de indignação</i>	
<b>Sergio Guilherme Cabral Bento</b> .....	146
<i>Poesia no youtube: entre o cânone e a margem</i>	
<b>Naiara Martins Barrozo</b> .....	147
<i>(Não) contentar-se com o espetáculo do mundo: Saramago e Ricardo Reis</i>	
<b>Ana Clara Magalhães de Medeiros</b> .....	147
<i>Portugal, povo de suicidas: uma leitura unamuniana d'O ano da morte de Ricardo Reis de José Saramago</i>	
<b>Leicina Alves Xavier Pires</b> .....	148
<i>Diferentes tipos de amor em D. Duardos</i>	
<b>Claudia Barbieri</b> .....	148

*Do drama à comédia: considerações sobre "Amor de filha" e "Educação Moderna" de Guiomar Torrezão*

**Mariana de Oliveira Arantes** ..... 149

*As presenças do rei D. Sebastião na dramaturgia de Natália Correia*

**Luciana de Cassia Camargo Pirani** ..... 149

*O personagem-cidadão - Uma proposta de leitura da dramaturgia de José Saramago*

**Lucas Almeida Dalava** ..... 150

*Que faremos com esta peça? Literatura, história e política no teatro de José Saramago*

**Eusébio Djú**..... 151

*Representação da tradição oral na poética de Odete Semedo*

**Letícia Alves Franzini**..... 151

*Entre mulheres e contemporaneidades: uma análise da obra Neighbours, de Lília Momplé*

**Elisangela Silva Heringer**..... 152

*O corpo e os afetos: a construção do ser na poesia ondjakiana*

**Beatriz Moraes de Abreu** ..... 153

*"Contágio": Performance artístico-pedagógica inspirada em Saramago*

**Márcio Aurélio Recchia** ..... 153

*A figura paterna como representante do colonialismo português em África: duas formas de ressignificar a memória da infância acerca do papel do pai*

**Emanoely Cristina Lima** ..... 154

*Peregrinação de João Botelho: A fragmentação do épico*

**Suzana Costa da Silva**..... 155

*Os deslocamentos do sujeito pós-moderno: revisitando o (não)lugar do retornado português*

**Luiz Eduardo Rodrigues Amaro** ..... 155

*Reflexões sobre as relações entre a literatura e o cinema: aspectos dialógicos e filosóficos existentes entre Os Lusíadas (Camões) e Non ou a vã glória de mandar (Manoel de Oliveira) sob a perspectiva de Mikhail Bakhtin e de Eduardo Lourenço.*



## CONFERÊNCIA DE ABERTURA

SEGUNDA-FEIRA 25 DE SETEMBRO DE 2023

**Luci Ruas**

*Histórias de amor, o livro censurado de José Cardoso Pires*

**Resumo:** A alienação e a violência que tantas vezes se manifestam na narrativa de José Cardoso Pires surgem associadas a um ambiente de asfixia, motivado por uma estrutura social que ameaça constantemente a liberdade, a dignidade e, em muitos casos, a vida de seres humanos. É certo que os portugueses são seres carregados de História. Oito séculos de existência, afinal de contas, não é coisa pouca. Caminham, inúmeros, numa viagem sem fim, entre conquistas, exílios, diásporas. Sempre houve quem vivesse à sombra do Poder, entre inquisições várias, cujos olhos – mil – sempre contaram com burocratas de plantão, que sempre puseram em risco a liberdade e o direito dos homens, em estado de exceção, esse “ponto de desequilíbrio entre direito público e fato privado”, segundo Giorgio Agambem (*Estado de exceção*, 2004, p. 11), em “estreita relação com a guerra civil, a insurreição e a resistência” (Idem, p.12), tendendo “cada vez mais a se apresentar como paradigma de governo dominante na política contemporânea.” São dois os livros de narrativas breves que vêm a público em plena vigência do neorealismo, e no momento em que o Estado Novo salazarista exercia o seu poder de repressão e de Censura – *Os Caminheiros* (1949) e *Histórias de Amor* (1952) – este tirado de circulação pela censura em 26 de agosto do mesmo ano de sua publicação –, cuja fortuna crítica só se verificará com a publicação do volume *Jogos de Azar*, com primeira edição em 1963, onde estão reunidos contos dos dois livros. Em 2008, dez anos depois da morte de seu autor, viria a público a segunda edição das *Histórias de amor*, em que se incluem os trechos censurados. É com este livro que pretendo homenagear o autor d’ *O Delfim*, vinte e cinco anos depois de sua morte.

**Palavras-Chave:** Narrativa breve; Censura; Histórias de amor; Cardoso Pires

## MESA PLENÁRIA 1

**TERÇA-FEIRA, 26 DE SETEMBRO DE 2023**

**(Auditorio do NAP/CECH) - "Memória ABRAPLIP: Dona Cleonice Berardinelli"**

**Márcio Ricardo Coelho Muniz**

*Gil Vicente - microleituras de D. Cleonice Berardinelli*

**Resumo:** Gil Vicente foi um dos três poetas portugueses (junto com Luís de Camões e Fernando Pessoa) a que D. Cleonice Berardinelli mais dedicou atenção, reflexão e paixão leitora. São inúmeros seus estudos sobre o "poeta cômico", e de alguns de seus contemporâneos, divulgados em aulas, palestras, artigos, livros etc. Em seu Lattes conseguimos acompanhar este percurso pelo menos desde o início da década de 1940, quando, se não me engano, ela se aventurou num exercício cênico em torno da obra do dramaturgo, até o início da década de 2010, quando ela relançou nova e revista edição de sua excelente seleção de Autos vicentinos. Ao longo desse mais de meio século de dedicação, foram alvos do olhar atento e crítico de D. Cleonice Berardinelli muitos temas, personagens, usos de linguagem e estratégias dramáticas a que recorreu Gil Vicente. Como ela própria definiu, foram inúmeras as "microleituras" da obra do dramaturgo português. Num esforço de síntese, almejo rememorar e discutir as linhas de força dessas "microleituras", buscando revelar as marcas desse olhar e compreender o quê ele busca nos mostrar na obra de Gil Vicente.

**Palavras-chave:** Gil Vicente, Dramaturgia Portuguesa, Cleonice Berardinelli, Ensino de Literatura

**Teresa Cristina Cerdeira**

*Cleonice Berardinelli: a sedução das letras*

**Resumo:** Cleonice Berardinelli não é ausência, é presença. A memória torna-a sempre viva. Por isso aqui estamos em homenagem. Para saudar, e abraçar e agradecer.

## MESA PLENÁRIA 2

**QUARTA-FEIRA, 27 DE SETEMBRO DE 2023**

**(Auditório do NAP/CECH) – “Dos diálogos e trânsitos culturais”**

### **Teresa Nascimento**

*A Viagem do Gama em Comentários de Manuel de Faria e Sousa*

**Resumo:** Alguns anos após serem publicados os Comentários de Manoel Correia (1613), vêm Os Lusíadas, de Luís de Camões, comentado por Manuel de Faria e Sousa (1639), reforçar e complementar o trabalho pioneiro do primeiro comentador. A escassa distância de pouco mais de duas décadas que separa estas duas obras, se é significativa pelo interesse consagrado à epopeia, é também reveladora do que os merecimentos do poema justificavam que, na esteira de outros autores como Donato ou Sérvio, por exemplo, que haviam comentado Virgílio, também agora Camões recebesse igual reconhecimento. Ditava-o, mais do que o interesse individual do comentador, a certeza de que a recepção da epopeia seria favorecida com a sua leitura exegética. A análise que empreenderemos focalizar-se-á na Viagem do Gama, para a partir dela evidenciarmos as principais linhas de abordagem seguidas por Faria e Sousa, com particular destaque para o diálogo que, por via do comentário, se estabelece com outros textos, numa rede de interconexões que atravessa os séculos

**Palavras-chave:** Os Lusíadas. Comentários. Viagem. Faria e Sousa

### **Maria Aparecida Ribeiro**

*Manuel: Bandeira, em Portugal, lança em África*

**Resumo:** Por iniciativa de Ribeiro Couto, a poesia de Manuel Bandeira chegou a Portugal, onde teve acolhida não só de Adolfo Casais Monteiro, que publicou elogiosa crítica sobre ela, mas de vários autores, que incorporaram ideias e formas de dizer do poeta brasileiro. Pelo fato de haver em Portugal muitos estudantes oriundos das então colônias africanas (mas não só por isso), a poesia de Bandeira também encontrou ampla recepção em Angola, São Tomé e Cabo Verde, fato que persiste até os dias de hoje. A presente comunicação irá tratar das reverberações da poesia do escritor brasileiro em diferentes cenários e contextos das literaturas de língua portuguesa.

**Palavras-chave:** Diálogos poéticos. Manuel Bandeira. Poesia de língua portuguesa

## MESA PLENÁRIA 3

**QUARTA-FEIRA, 27 DE SETEMBRO DE 2023**

**(Auditório do NAP/CECH) – “Dois centenários: Natália Correia e Eugénio de Andrade”**

**Luciana Morteo Éboli**

*A sacralidade e o desejo na peça teatral “A Pécora”, de Natália Correia*

**Resumo:** O trabalho analisa a presença feminina na peça "A pécora", de Natália Correia, escrita e censurada em 1967, tendo sido publicada somente no ano de 1983. Ao confrontar duas versões da personagem feminina principal, opostas em termos de conceitos morais, a autora coloca em cena a discussão da mulher violentada em seu papel social e suas impossibilidades diante da hipocrisia social e religiosa. No contexto da exploração comercial através da fé, a utilização da imagem da mulher santificada surge em contraste com a vazão do desejo feminino oprimido e da figura da prostituta. Numa sucessão de fatos que apontam para as oposições do feminino entre o espaço público e o privado, o discurso social pauta a construção identitária da personagem. A análise toma como base os estudos de Elaine Showalter, sobre tabus sociais e a repressão da mulher, Judith Butler para a análise da identidade de gênero, e Chimamanda Ngozi Adichie para pensar o papel da mulher na atualidade relacionado à crítica transgressora proposta pela dramaturga no século XX.

**Palavras-chave:** Teatro. Dramaturgia. Mulher. Crítica social

**Jorge Fernandes da Silveira**

*Eugénio de Andrade e as palavras interditas*

**Resumo:** Através do Portugal de *As Palavras Interditas* (1951), livro de Eugénio de Andrade, em que há crianças ibéricas de costas para o mar, nos versos tão bonitos do poema “Adeus”: “como se houvesse uma criança cega/ aos tropeções dentro de ti,/ eu falei em neve, e tu calavas/ a voz onde contigo me perdi”. Com *As Palavras Interditas*, entre dentes, apreendi o som e a fúria de uma sociedade anônima formada de sujeitos de boas intenções e sujeitos a mal entendidos. Com “*As Palavras Interditas*”, o poema, aprendi a ser um leitor de as palavras entreditas. O registro histórico dessa aprendizagem é o poema “Um Adeus Português”, de Alexandre O’Neill, do livro chamado, não sem ironia, *No Reino da Dinamarca* (1958), vizinho a *O Reino da Estupidez* (1961) do Sena. Seus versos levantam a hipótese de a interlocução ser lida como a construção de uma linguagem capaz de, em correspondências, dizer como em estados de censura, de proibição do livre trânsito da palavra, a poesia aprende a dizer, soletra, diz, e ensina a dizer, escreve o sentido de falar de liberdade em tempos de opressão, de fazer poemas como se fossem “notícias do bloqueio” (Egito Gonçalves).

**Palavras-chave:** Poesia e liberdade. Censura. Poesia portuguesa do século XX. Eugénio de Andrade

## MESA PLENÁRIA 4

**QUINTA-FEIRA, 28 DE SETEMBRO DE 2023**

**(Auditório do NAP/CECH) – “Refletir sobre o colonial”**

**Inocência Luciano dos Santos Mata**

*Romances coloniais como ensaios: a obra de Fernanda de Castro e Maria Archer*

**Resumo:** No projeto imperial europeu, principalmente africano e asiático, participaram muitas mulheres que produziram conhecimento colonial. Embora omitidas da grande narrativa historiográfica imperial, delas há registo quer na ficção, quer em textos não ficcionais (englobando textos de natureza histórica e antropológica, mas também reflexões pessoais e diarística). Torna-se, por isso, interessante perscrutar o modo como essas mulheres se percebiam como tendo um papel como participantes e vozes encorajadoras do projeto colonial. Tal é o caso de duas autoras coloniais, Maria Archer (1899-1982) e Fernanda de Castro (1900-1994), dois membros da elite portuguesa colonial que participaram ativamente do projeto imperial, ocupando, através da sua obra, um lugar fundamental na superestrutura ideológica do Estado colonial. O objetivo desta comunicação é explorar as muitas fronteiras da escrita atravessadas por estas duas autoras: desde a literatura infantil, um espaço então “conferido” às mulheres, à ficção e à atividade gnosiológica, revelando a forma como desempenharam um papel central nos lugares de onde podiam escrever e como podiam escrever. Isto é, como é que a sua escrita ficcional se situava entre a apologia colonial e a ideologia libertária da condição feminina.

**Palavras-chave:** Romances coloniais. Escritas de autoria feminina. Fernanda de Castro. Maria Archer

**Mário César Lugarinho**

*Histórias Literárias e Identidade nacional: a literatura colonial como desafio epistêmico*

**Resumo:** Considerando que a formação das histórias literárias dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa ainda se constitui sobre um terreno movediço e amplamente discutível (Lugarinho, Mata, 2022), propomos a verificação de dois autores que produziram obras vencedoras do Concurso de Literatura Colonial e que sofreram tratamentos diferentes no correr do tempo: Auá, de Fausto Duarte (1934), e Homens sem caminho, de Castro Soromenho (1942). Em que pese a recepção crítica de ambas as obras, será necessário observar as linhas de força que compuseram o nacionalismo guineense e angolano e que rejeitaram o primeiro e absorveram o segundo...

**Palavras-chave:** história literária, identidade nacional, literatura colonial portuguesa, literaturas africanas de língua portuguesa

## MESA PLENÁRIA 5

**SEXTA-FEIRA, 29 DE SETEMBRO DE 2023**

**(Auditório do NAP/CECH) – “Figurações femininas contemporâneas – Teresa Veiga, Lúcia Jorge e Ana Margarida de Carvalho”**

**Serafina Maria Grazina Martins**

*Ler Teresa Veiga e não estranhar*

**Resumo:** Em 2023, assinalam-se 43 anos de publicações da escritora Teresa Veiga, autora de alguns dos mais brilhantes livros que entre 1981 e este ano se publicaram em Portugal; é a única escritora portuguesa que até hoje recebeu três vezes o Grande Prémio do Conto Camilo Castelo Branco. No entanto, Teresa Veiga é pouco conhecida, mesmo em Portugal, um facto que ocorre permanentemente a quem se interessa pela obra dela. Compreensível para o “leitor geral”, usando uma expressão de Pedro Mexia, dotada de grande sentido de humor, ágil no uso tanto da cultura erudita como da cultura pop, transparente e misteriosa, capaz de fazer da leitura um exercício de detective e de brincar com o que é e não é verdade, constitui um grande mas entusiasmante desafio. Nesta comunicação pretende-se incidir em traços sistémicos das narrativas breves da escritora (predominantes na sua obra) no âmbito, sobretudo, de processos narrativos, de intertextualidade e do recurso peculiar a topöi histórico-culturais.

**Palavras-chave:** Teresa Veiga. Narrativa breve. Processos narrativos. Intertextualidade. Topöi

**José Cândido de Oliveira Martins**

*Reinventar o mundo em Lúcia Jorge: voz crítica e resiliente sobre o quotidiano*

**Resumo:** Ao longo de 2019, Lúcia Jorge apresentou periodicamente na prestigiada Antena 2 (RDP – Rádio Difusão Portuguesa) algumas dezenas de crónicas, logo reunidas em livro em 2020, sob o título *Em Todos os Sentidos*, obra distinguida com o Prémio da Crónica. Para a consagrada escritora, a crónica é, desde logo, uma forma empenhada de analisar e de contrariar a passagem do tempo (Cronos). E sobretudo se constitui como voz atenta e crítica, propondo um olhar analítico e sensível sobre a marcha do quotidiano. Abordando os temas mais diversos (da ecologia e dos conflitos bélicos, da condição da mulher e da barbárie da guerra, até ao impacto das novas tecnologias e a defesa da cultura humanística, etc.), isso também significa a materialização de uma voz corajosa e resiliente, comprometida com o humano e com os desafios do tempo que passa, reinventando esse quotidiano aparentemente banal em inesperadas epifanias de sentido. Desse modo, as crónicas da autora reagem, muito sensivelmente, diante do “frémido do mundo”, em textos muito ricos de “humanidade e interrogação”.

**Palavras-chave:** Crónica. Resiliência. Narrativa portuguesa contemporânea. Lúcia Jorge

**Mônica do Nascimento Figueiredo**

*"Como cartas de amor vencem os silêncios da História. A propósito da narrativa de Ana Margarida de Carvalho"*

**Resumo:** O presente trabalho pretende percorrer a obra romanesca de Ana Margarida de Carvalho – que na contemporaneidade já reúne um número significativo de prêmios –, visando dar destaque ao seu primeiro romance, *Que Importa a Fúria do Mar*, publicado em Portugal, em 2013. O romance parte da recriação de um importante momento histórico da luta contra o fascismo português que ficou conhecido como a Revolta da Marinha Grande, ocorrida em 1934. Se a História do Portugal salazarista serve de pano de fundo ao romance, fato é que a escrita habilidosa e instigante da Autora subverte o que se costumou chamar na pós-modernidade de “metaficção historiográfica”. Para tanto, cria um registro literário enriquecido por uma erudição e por um lirismo, marcados pela violência que reconstrói o percurso de Joaquim – preso político condenado aos horrores do Tarrafal –, valorizando uma necessária outra história, esta sim capaz de vencer o silêncio em que a memória traumática do personagem se refugiou. Mesclando a nossa contemporaneidade com a realidade vivida nos anos 30 por um país assolado pelos horrores da repressão, são as cartas de amor escritas por um incidental “preso político” o verdadeiro discurso de resistência sobre o qual este livro se debruça e que se dispõe a valorizar. É de cartas de amor e de amores inconclusivos que o romance trata, provando que somente pela escrita é que a memória persiste e resiste a qualquer forma de repressão.

**Palavras-chave:** Ana Margarida de Carvalho; Memória Cultural; História; Epistolografia; Narrativa Portuguesa Contemporânea

## MESA SEMI-PLENÁRIA 1

TERÇA-FEIRA, 26 DE SETEMBRO DE 2023

(Auditório NAP/CECH) – “Das múltiplas formas de diálogos”:

**Possidónio José Rosado Cachapa**

*Cinema e Literatura - a presença da literatura portuguesa no cinema*

**Resumo:** Desde o aparecimento do cinema que a literatura serviu de matéria criativa para a elaboração de filmes e seriados cinematográficos. De Georges Méliès, com “Cinderela” de Perrault, ou “Viagem à Lua”, a partir de Jules Verne, até aos dias de hoje, essa ligação entre as duas formas de arte persistiu com sucesso. Portugal não foi exceção, sendo as primeiras obras cinematográficas adaptações de romances populares de Júlio Dinis como “As Pupilas do Senhor Reitor” ou a romântica novela de Manuel Maria Rodrigues, “A Rosa do Adro”. Essa relação profunda chegou ao final do século XX e início do XXI, com os trabalhos de Manoel de Oliveira a partir da obra de Agustina Bessa Luís ou de Carlos de Oliveira, que dirigiu “Uma Abelha na Chuva” ou, mais recentemente, com “O Livro do Desassossego”, por João Botelho. Nesta conversa, pretendo traçar um relato evolutivo da adaptação cinematográfica de obras literárias portuguesas, pontos comuns e eventuais linhas que possam ajudar a definir um perfil cultural identificável da visão artística do país.

**Palavras-chave:** Cinema. Literatura. Diálogos interartísticos

**Camila Alavarce**

*É tarde, Inês é morta: a impossibilidade da morte em Pedro, o cru, de António Patrício, em diálogo com o cenário pós-pandemia*

**Resumo:** Minha reflexão pretende revisitar o conceito de performance, para compreender a tessitura da ritualização em “Pedro, o cru”, de António Patrício. Está claro que essa tessitura se ancora em temas caros a Portugal, como a espera nostálgica quase obsessiva por aquilo que não vem, que não se efetiva, – e que figuram na literatura portuguesa moderna e contemporânea. Penso que a construção ritualística, em “Pedro, o cru”, fundamenta-se, esteticamente, na ambiguidade irônica que marca uma ficção inclinada a se mostrar invariavelmente “em construção”, podendo, em razão disso, contribuir para a discussão em torno do diálogo entre performance e ironia. A peça, escrita no início do século XX, dialoga com o Simbolismo, tematizando a nostalgia, a espera, o desejo por um impossível e performando, sempre, a impossibilidade da realização amorosa – por meio de uma estética que privilegia a ambiguidade, especialmente ao se movimentar no sentido de uma construção “encenação dentro da encenação”. Pretendo propor um diálogo entre a minha leitura dessa peça anterior à pandemia e a minha leitura atual, atravessada pela pandemia; nesse âmbito, quero refletir sobre a importância da ritualização da morte, entre outros



temas que colocam em cena a aproximação entre essa peça teatral e a contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Ritual. Ironia. Morte. Teatro. Contemporaneidade

**Carlos Henrique Fonseca**

*De Jorge Amado a Evel Rocha: a juventude marginalizada em literaturas de língua portuguesa*

**Resumo:** A presente proposta de comunicação tem por foco as formas da precariedade e da violência física e simbólica que recaem sobre corpos e espaços de quatro romances de língua portuguesa, protagonizados por jovens em situação de vulnerabilidade social. Capitães da areia, de Jorge Amado; Esteiros, de Soeiro Pereira Gomes; O Meu Nome é Legião, de António Lobo Antunes e Marginais, de Evel Rocha. Cada um desses romances, ainda que de contextos históricos e geográficos específicos, apresentam aproximações e distanciamentos entre si. O apontamento de possíveis interações e convergências entre essas obras traz à luz questões como: a relação entre o romance nordestino de 1930 e o neorrealismo português, as reverberações do modernismo brasileiro em Cabo Verde e interfaces da herança colonial, expressas nessas literaturas a partir de suas singularidades discursivas sobre a marginalidade.

**Palavras-chave:** Evel Rocha; Jorge Amado; António Lobo Antunes; Soeiro Pereira Gomes; marginalidade

## MESA SEMI-PLENÁRIA 2

(Auditório do CECH|AT2) – “Reverberações oitocentistas”

**Cristina Maria Matias Sobral**

*«Temos uns mil volumes sofríveis»: notas sobre a livraria de Camilo Castelo Branco*

**Resumo:** Camilo Castelo Branco reuniu, ao longo de mais de 30 anos de actividade literária, milhares de livros que comprou, guardou, vendeu e doou. O uso e a influência desta livraria na composição da sua obra e a descrição do perfil cultural de do autor a partir das suas leituras é um estudo que está por fazer. As razões prendem-se com a extensão da obra, a instabilidade da livraria e a diversidade de fontes que devem ser usadas para o seu conhecimento. Camilo leilouo livros seus em duas ocasiões da sua vida: em 1870 e em 1883. Nesta comunicação proponho-me usar os Catálogos de cada um destes leilões numa análise que constitua um primeiro contributo para esse estudo.

**Palavras-chave:** Camilo Castelo Branco. Literatura Portuguesa. Romantismo. Biblioteca

**Luciene Marie Pavanelo**

*A versão de Alfredo Hogan sobre o mito sebástico: Marco Tullio ou O Agente dos Jesuítas*

**Resumo:** O mito sebástico permeia a cultura portuguesa desde o seu surgimento, pouco tempo depois do desaparecimento de D. Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir. A partir desse “trauma”, para utilizarmos um conceito de Eduardo Lourenço, “Portugal acaba; Os Lusíadas são um epitáfio”, como afirmou Oliveira Martins (1879). No século XIX, em especial, o Sebastianismo foi tema de várias produções literárias, tendo-se em vista a sombra da decadência que prevaleceu nesse período em Portugal. O objetivo desta comunicação é analisar como esse tema é apresentado por Alfredo Possolo Hogan (1830-1865) em Marco Tullio ou O Agente dos Jesuítas: romance histórico (1568-1600), publicado em 1853. Apesar de ter escrito o best-seller A Mão do Finado, uma continuação de O Conde de Monte-Cristo, de Alexandre Dumas, Alfredo Hogan é um autor que foi esquecido pela história literária, e Marco Tullio ou O Agente dos Jesuítas, por sua vez, é uma obra desconhecida, tendo recebido raríssimas menções de outros especialistas. Este trabalho busca resgatar essa interessante narrativa, que, utilizando-se do tema do Sebastianismo, denuncia a violência do passado português durante a Inquisição.

**Palavras-chave:** Século XIX. Alfredo Hogan. Romance Histórico. Sebastianismo. Inquisição.

**Eduardo da Cruz**

*Maria da Cunha no Brasil: uma poetisa que amava mulheres*

**Resumo:** A poetisa portuguesa Maria da Cunha (1872-1917) teve uma vida atribulada. Casou-se em 1895, publicou seu livro de poesias, Trindades, em 1909, com segunda edição em 1911, divorciou-se em maio de 1912 e emigrou para o Brasil. Maria da Cunha chegou no Rio de Janeiro a 16 de setembro, após breve passagem pela França, acompanhada da jornalista Virgínia Quaresma (1882-1973), com quem se relacionava. A poetisa precisou, então, viver da própria pena. Ela conseguiu emprego no jornal carioca A Época, no qual foi editora cultural, cronista e onde publicou alguns poemas até meados de 1914. Depois, circulou entre o Rio e São Paulo, proferindo conferências e convivendo com a escritora portuguesa imigrante Ana de Villalobos Galheto (1863-1944) e com a poetisa e educadora brasileira Eunice Caldas (1879-1967), até falecer, em São Paulo, em 1ª de janeiro de 1917. Nesta comunicação, apresentarei alguns dados biográficos dessa escritora, principalmente de seus últimos anos, e como o Brasil aparece em sua obra poética e crônica. Destacarei parte de sua rede de sociabilidade e como as mulheres são importantes em sua produção. Apontarei como a afetividade por mulheres aparece em sua obra.

**Palavras-chave:** Maria da Cunha (1872-1917). Poesia. Crônica. Homoerotismo feminino

## MESA SEMI-PLENÁRIA 3

(Auditório da UEIM/CECH) - “Dos usos da memória na era dos extremos”

### **Renata Flavia da Silva**

*"Em nome do progresso e da unidade das forças combatentes": fidelidade e inimizade em As Lágrimas e o vento, de Manuel dos Santos Lima*

**Resumo:** O trabalho que ora se apresenta objetiva analisar os regimes de alteridade presentes na obra *As Lágrimas e o vento* (1975), de Manuel dos Santos Lima. Tomando as transformações políticas e sociais vividas em Angola como elementos reguladores das noções de alteridade, fidelidade e/ou inimizade impressas no literário, pretende-se abordar tal produção romanesca a fim de problematizar a construção ficcional do “inimigo” e dos “aliados”, construções estas contingenciadas pela luta de libertação. Apoiando-nos em uma base transdisciplinar, relacionando literatura, história, memória e política, com destaque aos estudos pós-coloniais e às interseções entre os diferentes registros ontológicos: ficcional e factual, recorreremos aos estudos propostos por Linda Hutcheon, Stuart Hall, Umberto Eco e Achille Mbembe, dentre outros.

**Palavras-chave:** Literatura Angolana. Manuel dos Santos Lima. Alteridade. Inimizade

### **Roberta Guimarães Franco**

*Qual 25 de abril, qual Portugal, 50 anos depois? Colonialidade e Outridade na Literatura Portuguesa Contemporânea*

**Resumo:** O 25 de abril de 1974 transformou-se em um marco que transcendeu a mudança política, atingindo diversas áreas da vida portuguesa, especialmente quando soma-se ao fim do Estado Novo a descolonização dos territórios africanos em 1975. A literatura imediatamente posterior a 74/75, principalmente a partir da década de 80, desempenhou papel crucial no desvelar de práticas de repressão do Estado Novo, da violência da Guerra Colonial, conflitos, separações, memórias de todos os tipos, muitas narrativas de cunho autobiográfico, enfim, a literatura ocupou um lugar de contar/reencenar uma história recente. Mas 50 anos depois quais são as memórias narradas? Como podemos ler o pós-25 de abril na literatura e em outros objetos culturais produzidos no século XXI, para além dos anos imediatamente posteriores ao fim do Estado Novo? Para além dos retornados e da Guerra Colonial, como ler as memórias outras, as diaspóricas, no contexto português atual. Esta proposta é parte das reflexões realizadas no âmbito do projeto CNPq “A Longa Duração do Pós-25 De Abril: Testemunho, Pós-Memória e Pós-Migração na Narrativa Portuguesa Contemporânea”.

**Palavras-chave:** Pós-25 de abril; Colonialidade; Outridade; Literatura Portuguesa Contemporânea

**Daniel Marinho Laks**

*Por uma curadoria da dor: marcas do colonialismo nas personagens de O Tibete em África, de Margarida Paredes.*

**Resumo:** O objetivo da presente proposta de comunicação é discutir as dinâmicas relativas à memória, trauma e a construção identitária dos retornados no romance *O Tibete em África*, de Margarida Paredes. A trajetória do casal de personagens protagonistas se define à partir das marcas do colonialismo em suas vidas. Amândio, um português que foge de seu país durante a ditadura Salazarista e nunca consegue se integrar novamente à pátria e Ana, sua esposa, criada em Angola e retornada a Portugal depois da independência são indivíduos, cada um à sua maneira, incapazes de elaborar simbolicamente suas vivências traumáticas experimentadas durante o Salazarismo e no retorno a Portugal. Para tanto, pretendo me apoiar em autores como Achille Mbembe, Márcio Selligman-Silva e Hélène Piralian.

**Palavras-chave:** Trauma. Colonialismo Português. *O Tibete em África*

## MESA SEMI-PLENÁRIA 4

(Auditório de Educação Especial) – “Queerizando o cânone português” – sobre o centenário da “Literatura de Sodoma”

**Anna Klobucka**

*Mapeando a paisagem da Literatura de Sodoma*

**Resumo:** No centenário dos eventos registados na história cultural portuguesa sob o rótulo de “Literatura de Sodoma”, urge realizarmos uma reflexão aprofundada, não apenas sobre o significado histórico abrangente do episódio, mas também sobre a articulação semântica e ideológica entre as múltiplas peças do puzzle (humanas, textuais, experienciais) que convergiram para produzir a paisagem sociocultural na qual, nos finais de fevereiro de 1923, irrompeu o escândalo dos “livros imorais” e afins. Nesta intervenção procurarei, em particular, atender à tensão entre as dimensões do género e da dissidência sexual, focando a figura de Judith Teixeira contra o pano de fundo composto por dois fenómenos históricos distintos, mas (na minha leitura) relacionáveis. Trata-se, por um lado, da emergência maciça no mercado editorial português, depois da primeira guerra mundial, da poesia de autoria feminina, que por sua vez gerou uma vaga da receção não raro adversa, imbuída de misoginia; e, por outro, as negociações performativas da masculinidade e da feminilidade dentro do coletivo dos autores (masculinos) futuramente julgados representativos da época modernista.

**Palavras-chave:** Literatura de Sodoma. Antonio Botto. Judith Teixeira

**Maria Lúcia Outeiro Fernandes**

*À procura da beleza: o exílio de António Botto*

**Resumo:** O esteticismo bottiano, sobejamente enfatizado por dois dos críticos mais empenhados em apontar as qualidades de sua poesia, Fernando Pessoa e José Régio constitui um dos aspectos mais relevantes do seu lirismo e decorre do anseio de criar beleza por meio da arte. À essa busca incessante pela beleza corresponde uma constante experiência do exílio. O propósito desta apresentação é ressaltar pelo menos três sentidos diferentes tanto para o termo “beleza”, quanto para o termo “exílio”, invocados no título. Ambos podem ser lidos num sentido mais abstrato de um ideal de vida, que paira acima das agruras do mundo real. Ambos podem ser relacionados com o trabalho do poeta, em busca de uma linguagem singular, que expresse efetivamente sua identidade lírica, sua visão de mundo e que identifique esteticamente a sua obra. E ambos podem se relacionar à procura de um espaço efetivo no qual um ser humano busca encontrar as condições necessárias para uma vida digna, mesmo longe de seu país de origem. Todas essas conotações serão entrelaçadas neste texto.

**Palavras-chave:** António Botto; Esteticismo; Homoerotismo

**Fabio Mario da Silva**

*100 anos de Decadência. Judith Teixeira e o contemporâneo*

**Resumo:** Decadência foi uma obra que marcou uma época, seja pela perseguição dos conservadores à sua venda e distribuição, seja porque expressa de maneira contundente, na história da literatura portuguesa, o desejo sáfico sem estereotipização ou camuflagem. A obra se insere dentro da chamada polêmica da “Literatura de Sodoma”, expressão referida por Álvaro Maia contra a defesa que Fernando Pessoa faz da obra Canções de António Botto, que teve uma edição em 1921 e uma reedição pela editora de Pessoa, a Olisipo, em 1922. A nossa proposta é apresentar a obra Decadência de Judith Teixeira observando o seu conteúdo e as duas primeiras edições. Iremos recorrer ao pensamento do filósofo italiano Giorgio Agamben para pensarmos a ideia de contemporâneo e a sua relação com a obra de estreia da autora, procurando focarmo-nos em dois temas que nos interessam para o debate: a união carnal e a atração pelo estrangeiro, o oriente.

**Palavras-chave:** Decadência, contemporâneo, Judith Teixeira, oriente, consumação carnal

## MESA SEMI-PLENÁRIA 5

(Auditório do Departamento de Filosofia) – “A novíssima ficção portuguesa”

**Adriana Goncalves da Silva**

*Apropriação política da memória em "Melhor a ementa que o cianeto", de Ana Margarida de Carvalho*

**Resumo:** A manutenção da memória frente à política de apagamento de traumas coletivos atua como resistência e prevenção da repetição cíclica da história. Por outro prisma, a pretensa manutenção da memória também pode ser uma via de legitimação de políticas que destituem o estatuto de sujeitos da memória para torná-los objeto de uma memória narrada por outros. O personagem do conto “Melhor a ementa que o cianeto”, de Ana Margarida de Carvalho, torna-se alvo dessas políticas. Publicado em Terra prometida, 2016, o conto possui como protagonista um residente do centro para idosos refugiados. Neste centro, ele é constantemente interpelado sobre suas memórias, de forma a preencher lacunas nas narrativas que as organizações europeias detêm sobre seu passado. Narrado em terceira pessoa, o conto sintetiza a tentativa institucional de gerenciamento dessas memórias como mecanismo reparador. Sendo assim, buscamos estabelecer a partir do personagem-refugiado uma compreensão do uso político da memória que não está ancorado nos estratagemas do esquecer, mas nos do lembrar. Para viabilizar essas considerações, contaremos com as discussões de Gagnebin (2006) acerca da indissociação entre os movimentos do lembrar e do esquecer e de Andreas Huyssen (2014) sobre o discurso da memória e a ética do esquecimento.

**Palavras-chave:** memória; refugiados; política

**Mauro Dunder**

*"Com sedas matei e com ferros mori": representações da violência de gênero em "Indulgência Plenária" e "Pão de Açúcar"*

**Resumo:** A presente comunicação propõe uma leitura do poema "Indulgência Plenária", de Alberto Pimenta, e do romance "Pão de Açúcar", de Afonso Reis Cabral, a fim de identificar, explorar e interpretar os mecanismos textuais utilizados para veicular as imagens ligadas à violência de gênero sofrida pela transexual Gisberta Salce Júnior, na cidade do Porto, em 2006. Serão utilizadas como referência os estudos de Butler (1993), Sedgwick (1990), Colling (2014) e Miskolci (2018), entre outros, para conceituar tanto a noção de gênero, quanto a própria ideia de procedimentos sociais e culturais que consubstanciam a violência de gênero, a fim de apontar, nos textos analisados, os procedimentos estéticos e estilísticos que representam essa violência literariamente.

**Palavras-chave:** Indulgência Plenária. Pão de Açúcar. Gisberta Salce Júnior. Violência de Gênero. Transfobia



**Eliana da Conceição Tolentino**

*Biografia involuntária da escrita*

**Resumo:** Pretende-se uma leitura do livro *Biografia involuntária dos amantes*, de João Tordo (2017). O narrador é professor universitário de literatura, reside em Pontevedra, na Galiza e se apresenta um investigador. A narrativa retoma as narrativas do século XIX quando um manuscrito, uma carta passa a ser importantes para a construção do romance, funcionando como um dispositivo. Em *Biografia involuntária*, a partir de um manuscrito incompleto deixado por Teresa Brión pois foi interrompido por sua morte, o narrador sairá num itinerário que passará por várias cidades. Entretanto, em vários momentos o narrador deixa em aberto a possibilidade de nada ser verdade, nada ser real, ser tudo inventado ou mesmo sonhado. O texto, portanto, lida com o fazer literário, com a biografia enquanto construção textual e com a literatura enquanto um mundo escrito. Assim, pretende-se a leitura da obra sob os pressupostos teóricos de Calvino (2015) em *Mundo escrito e mundo não escrito*, Deleuze (2011) em “*A literatura e a vida*”, levando-se em conta o devir do fazer literário. E quanto a um itinerário melancólico do narrador, teremos como aporte teórico Ginzburg (2011) em “*conceito de melancolia*”, Freud (1992) em “*Luto e melancolia*” e Benjamin (1984) em *Origem do drama barroco alemão*.

**Palavras-chave:** fazer literário; melancolia, biografia

## MESA SEMI-PLENÁRIA 6

(Auditório NAP/CECH) - “Celebrar Vera Duarte – 30 anos de publicação de *Amanhã amadrugada*”

**Simone Caputo Gomes**

*Apresentando Vera Duarte: de Cabo Verde para o mundo*

**Resumo:** Vera Duarte é cabo-verdiana da ilha de São Vicente, desembargadora, poeta, ficcionista e ensaísta. Membro de importantes instituições como: Academia Cabo-verdiana de Letras, Academia de Ciências de Lisboa, Academia Gloriense de Letras, Institute for African Women in Law e Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa. Condecorada com a Medalha de Mérito Cultural pelo governo de Cabo Verde, com a Medalha do Vulcão de Primeira Classe pelo presidente da República de Cabo Verde; detentora de prêmios como Jogos Florais 1976, Concurso Nacional de Poesia da Organização das Mulheres de Cabo Verde, Norte-Sul Direitos Humanos do Conselho d’Europa, Tchicaya U Tam’si de Poésie Africain, Sonangol de Literatura e Femina 2020 para Mulheres Notáveis. Dentre suas publicações destacamos poesia, prosa e ensaio. Nesta oportunidade, comemoramos os 30 anos de publicação de *Amanhã amadrugada* (poesia). Desde os primeiros escritos, Vera se debruça sobre temáticas estruturais do tempo em que vive, como os direitos humanos, a assunção e o empoderamento da voz feminina na sociedade e na literatura, a persistência de situações de escravatura, a denúncia e a abolição de qualquer tipo de preconceito, a extinção de todas as formas de violência.

**Palavras-chave:** Vera Duarte. *Amanhã amadrugada*. Literatura Cabo-verdiana. Autoria feminina. Poesia. Prosa

**Sávio Roberto Fonseca de Freitas**

*Amanhã amadrugada, de Vera Duarte: 30 anos de exercícios poéticos com sal, mar e corpo*

**Resumo:** O objetivo deste estudo é desenvolver uma análise dos poemas *Hoje Apetece-me*, *O delírio*, *A voz das minhas entranhas* e *Se eu morresse hoje*, da escritora moçambicana Deusa d’África, poeta considerada a detentora do canto do futuro. Pensar a escrita de autoria feminina contemporânea é um exercício de reflexão sobre a territorialização literária de uma nova fase na Literatura Moçambicana, a qual vamos chamar aqui de Fase Neo-Combate. A militância política por meio da literatura continua sendo uma estratégia de emancipação em Moçambique, principalmente por parte da produção literária das mulheres, as quais transformam a palavra em um grito coletivo de muitas vozes que clamam pelas várias libertações de raça, classe e gênero. O canto do futuro de Deusa d’África se inscreve na Fase Neo-Combate com uma forma poética que recupera a poesia combate de Noémia de Sousa e de José Craveirinha, convocando para contemporaneidade um feminismo afro-moçambicano empenhado em participar da (re)construção de uma nação moçambicana que possibilita às mulheres edificar um país a partir da força de uma voz militante, coletiva e

humanitarista que vem das entranhas e ecoa um grito de libertação. Para a discussão e análise dos poemas em cotejo, apoiamo-nos nos posicionamentos de Clenora Hudson-Weems (2021), Djamilia Ribeiro (2017) e Paulina Chiziane (2013).

**Palavras-chave:** Literatura moçambicana. fase neo-combate. canto do futuro. Deusa d'áfrica.

## MESA SEMI-PLENÁRIA 7

(Auditório da Educação Especial) - “A poesia portuguesa contemporânea”

**Ida Alves**

*O espólio literário de Carlos de Oliveira e suas ressonâncias*

**Resumo:** Em 2012, ocorreu a doação ao Museu do Neo-Realismo (Vila Franca de Xira, Portugal) de inesperado e extenso espólio literário de Carlos de Oliveira, poeta e ficcionista neorrealista dos mais significativos para a literatura portuguesa do século XX. Com base nesse espólio catalogado, há determinados caminhos de estudo para pensar a poesia do século XX e da contemporaneidade, considerando problemas e questões que Carlos de Oliveira apontou em cerca de 40 anos de vida literária. Entre essas trilhas destacaremos a partir de *O Aprendiz de Feiticeiro*, alguns exercícios de leitura de outros escritores portugueses do século XIX e XX, a partir dessas trilhas e com fundamento em abordagem teórico-crítica pertinente, discutiremos a função leitor e o trabalho de leitura, considerando o diálogo com outros escritores-poetas e mesmo poetas posteriores a Carlos de Oliveira, como Manuel Gusmão.

**Palavras-chave:** Carlos de Oliveira. espólio literário. poesia portuguesa moderna e contemporânea

**Silvio César dos Santos Alves**

*Atualidade e tradição na poesia contemporânea de língua portuguesa*

**Resumo:** Em importante texto de 2008, Silveira relata a existência, no Brasil, de certas “vozes intercomunicantes em português”, poetas que, graças a uma recente “retomada do diálogo entre Brasil e Portugal”, escrevem poesia “com sinais evidentes de leitura de literatura portuguesa”. Acredito que a descoberta desse autor possa ser útil, senão na cura da doença, ao menos no alívio do sintoma diagnosticado por Siscar (2010) como “um mal-estar teórico que consiste em uma indecisão quanto à natureza e à situação da poesia [brasileira] contemporânea”, o que ele define como “algo da ordem de um embaraço”. Nesse sentido, o objetivo desta comunicação é refletir sobre a importância do diálogo entre a poesia brasileira e a poesia portuguesa contemporâneas como uma possível alternativa aos impasses resultantes daquilo a que Siscar chamou de “a cisma da poesia brasileira”, sobretudo quando esse diálogo se caracteriza pela contaminação da poesia brasileira de agora com a ambivalência destacada por Martelo (2007) como uma das principais características de certa tendência da poesia portuguesa mais recente, ou seja, o cruzamento ou a confusão da tradição poética com a própria memória individual, numa recondução do textualismo ao registro lírico, fundada, contudo, na consciência de uma irreversível “virtualização do real”.

**Palavras-chave:** Atualidade. Tradição. Poesia. Modernidade. Diálogo.

## MESA SEMI-PLENÁRIA 8

### (Auditório da UEIM/CECH) – “Figurações femininas/feministas nas literaturas de língua portuguesa”

#### **Alleid Ribeiro Machado**

*Velhice e condição feminina em "Retrato de um jovem poeta", de Dulce Maria Cardoso*

**Resumo:** Este trabalho apresenta um estudo inicial acerca da questão da senescência presente no conto “Retrato de um jovem poeta” (2017), de Dulce Maria Cardoso. A ideia é evidenciar como essa narrativa de autoria feminina, a partir de uma escrita que tangencia o insólito e que se utiliza da ironia como expediente retórico, suscita uma importante reflexão em torno do envelhecimento, como também, em termos mais amplos, acerca da própria condição feminina. Para tanto, estabelece como base teórica de análise preliminar, trabalhos focados na narrativa portuguesa mais atual, como aqueles elaborados por autores como Real (2012) e Reis (2004); na questão da senescência feminina numa dimensão sociocultural, conforme Fernandes e Garcia (2010); e nos estudos sobre a ironia no discurso literário, segundo Gobbi (2011), dentre outros.

**Palavras-chave:** Velhice. Condição feminina. Narrativa de autoria feminina. Ficção portuguesa contemporânea.

#### **Maximiliano Gomes Torres**

*Quanto vale um corpo de mulher? O feminicídio em Maria Teresa Horta e Patrícia Melo*

**Resumo:** Em seu *Mulheres de abril* (1977), a escritora portuguesa Maria Teresa Horta, num engajamento lírico-participante, apresenta imagens de violência contra corpos femininos, que vão desde elaboradas metáforas até a crueza absoluta da palavra. Especificamente na série que Angélica Soares denominou como poemas-reportagens, são recriados, a partir de fatos noticiados nos jornais da época, o excesso de violência cometida e a extremidade do poder cisheteropatriarcal no que se impõe aos corpos não válidos. No cruzamento intertextual dos discursos jornalístico e poético, Horta estabelece, em seu tabuleiro literário, um jogo de revelação e permanência. Também a escritora brasileira, Patrícia Melo, no romance *Mulheres empilhadas* (2019), elabora uma plêiade de violências sistêmicas, físicas e simbólicas que são apresentadas no desenrolar da trama por uma narradora inominada que acompanha, no Acre, o julgamento de três ricos rapazes, estupradores e assassinos de uma jovem indígena. A narrativa explora as relações econômicas, coloniais, de racismo, de violências de gênero e sexuais. Numa proposta de leitura comparatista, percebo que, pelo corpo da escrita, Horta e Melo recriam corpos violentados e assassinados que dialogam não

somente para denunciar a hierarquização dos papéis sociais, culturais e sexuais, mas principalmente para os modos de construção e localização de tais hierarquias.

**Palavras-chave:** Literatura Comparada. Violências sistêmicas. Autodefesa. Resistências. Escrita de mulheres

## MESA SEMI-PLENÁRIA 9

(Auditório do CECH/AT2) – “A ficção portuguesa no século XXI”

**Teresa Cristina Cerdeira**

*O Retorno de Dulce amaria Cardoso: as sobras do Império*

**Resumo:** O Retorno, de Dulce Maria Cardoso, é um romance que se inscreve nesse quadro bem específico de “narrativas de retornados”. No avesso das memórias da conquista e da colonização, a viagem de retorno ao Portugal continental deixou um saldo dramático em quem vivenciou essa forma peculiar de desterro. Porque, a bem dizer, o termo “retornado” era muitas vezes uma etiqueta ilegítima, já que grande parte dos jovens portugueses da segunda ou terceira geração de colonos em África nunca lá tinham estado e, para eles, Portugal se limitava ao conhecimento abstrato da História nacional que a escola lhes transmitia. Dulce Maria Cardoso, em 1975, era um desses retornados.

**Palavras-chave:** Retornados; narrador/autor; ideologia

**Gabriela Farias da Silva**

*Por uma estética da novíssima ficção portuguesa*

**Resumo:** Ao pensarmos a literatura portuguesa de uma forma abrangente conseguimos delimitar características que são inegáveis e evidentes, entre elas está a proximidade com os temas históricos. Para além dos aspectos temáticos, por vezes recorrentes nas narrativas portuguesas do século XX e XXI, encontramos a construção de uma poética peculiar e enunciativa de uma nova perspectiva do fazer literário. Os escritores que compõem a geração da “novíssima ficção portuguesa” contribuem na formação de um cânone do século XXI que se apresenta através de obras que apresentam em seus elementos constitutivos uma nova percepção do texto como um espaço de possibilidades e experiências estéticas. A própria leitura da escrita literária aparece, através da metaficção em autores que revelam uma visão contemporânea da tessitura textual, alinhando engenho e arte à moda camoniana. Esta comunicação propõe, portanto, uma possível estética dessa novíssima ficção portuguesa, constituindo-se a partir de conceitos estabelecidos por Ítalo Calvino, Paul Valéry, Umberto Eco, João Barrento, Silvina Rodrigues Lopes e Giorgio Agamben, entre outros na leitura de narrativas da ficção contemporânea portuguesa.

**Palavras-chave:** novíssima ficção portuguesa. estética. literatura contemporânea portuguesa

## MESA SEMI-PLENÁRIA 10

(Auditório do Departamento de Filosofia) – “Literaturas de Língua Portuguesa em diálogo”

**Cátia Monteiro Wankler | Veronica Prudente Costa**

*Diálogos possíveis na poesia feminina de Portugal e da Amazônia: Florbela Espanca e Rosidelma Fraga*

**Resumo:** A celebração do centenário do Livro de Sóror Saudade, de Florbela Espanca, é oportuna para que reflitamos acerca do olhar da mulher sobre o mundo e o meio, o que vem se mostrando “terreno fértil” nos Estudos Literários, tendo em vista o silenciamento, em vários níveis, da figura feminina. A obra foi uma das duas únicas publicadas em vida da poeta, em 1923, sendo apontada, ao mesmo tempo, como dolorosa, triste, impudica, pagã e voluptuosa, atraindo atenção negativa do público, principalmente em se tratando de poemas escritos por mulher. Encontramos agora, na segunda década do século XX, obra poética que dialoga com o Livro de Sóror Saudade em vários aspectos: Amor Amante, da poeta Rosidelma Fraga, matogrossense radicada em Roraima. Para além do fato de serem de autoria feminina, as duas obras se entrelaçam no tom confessional, no erotismo, na dor de viver. Este trabalho objetiva apresentar alguns destes diálogos por meio de análises de poemas selecionados como corpus, aproximando espaços e tempos muito distantes — Amazônia brasileira, início do século XXI, e Portugal, início do século XX — por meio da reflexão sobre questões que perduram como realidade no universo feminino, seja no campo da autoria ou de temáticas.

**Palavras-chave:** Livro de Sóror Saudade; Florbela Espanca; Amor Amante; Rosidelma Fraga; poesia feminina de Portugal e da Amazônia

**Flavia Maria Ferraz Samapio Corradin**

*Inês de Castro: ontem, hoje e sempre*

**Resumo:** No fatídico 07 de janeiro de 1355, morre Inês de Castro, personagem histórica que se mantém viva até a contemporaneidade. Desde as poucas linhas consagradas a ela nas Crônicas de Fernão Lopes, a figura da galega vive em cada uma das inúmeras releituras que o mito inesiano vem flagrando ao longo do tempo, em registros, por vezes parafrásicos, mas também estilizadores ou paródicos. Conforme muito bem apontou Vasco Pereira da Costa, “a história [de Pedro e Inês] está mais que contada, os poetas liricaram-na, os historiadores historiaram-na, os prosadores prosaram-na, os dramaturgos teatralizaram-na. E de tanto a trabalharem ela surgiu sempre outra (...). Sempre outra, não digo bem, porque, afinal, nada alterou o destino da gente que fez esta história: é sabido que qualquer autor que a retome, ressuscitando o tempo e as vidas (...) será obrigado ao final (...) a calar o tempo”. Esta



comunicação pretende explorar alguns dos intertextos que nos permitem traçar um caminho da personagem, de modo a perceber como Inês de Castro foi ou não surgindo sempre outra, na dramaturgia, na ficção e na poesia portuguesa, considerando sobretudo as ópticas histórica e do feminino notadamente naqueles textos inscritos no século XXI.

**Palavras-chave:** Inês de Castro; História; Diálogos

## MESA SEMI-PLENÁRIA 11

QUARTA-FEIRA, 27 DE SETEMBRO DE 2023

(Auditório da UEIM/CECH) – “Publicação e edição de obras portuguesas”

**Lúcia Helena Costigan**

*"Dissidências e discrepâncias nas obras O Brasil restituído, comédia escrita pelo prolífico escritor espanhol Lope de Vega, e La Pérdida y Restauración de La Bahia de Todos Los Santos, atribuída a João Antonio Correa"*

**Resumo:** Tendo como pano de fundo o contexto dos conflitos europeus que explodiram a partir da Guerra dos Trinta Anos e do avanço dos holandeses nas rotas marítimas e a invasão de espaços territoriais do império espanhol durante o chamado século de ouro, este estudo toma como ponto de partida duas comédias escritas por peninsulares sobre a invasão dos holandeses: à cidade da Bahia, em 1624, e a subsquente expulsão dos invasores em 1625. Através de um estudo comparativo e contrastivo das obras O Brasil restituído, comédia escrita pelo prolífico escritor espanhol Lope de Vega, e a peça Pérdida y restauración de la Bahia de Todos los Santos, atribuída a João António Correa, escritor português radicado na Espanha durante o período barroco, este trabalho explora as dissidências e discrepâncias observados em relatos históricos e produções literárias escritas por espanhóis e portugueses sobre a invasão holandesa no Brasil, ocorrida entre 1580 e 1640, período da união das coroas portuguesa e espanhola.

**Palavras-chave:** Barroco Peninsular; Edições; Lope de Vega; João António Correa

**Rita Aparecida Coelho Santos**

*"Coleção Atlânticos - portulano para uma navegação pelas literaturas portuguesa"*

**Resumo:** Pretende-se apresentar a Coleção Atlânticos, publicada pela Pontes Editores com apoio do Instituto Camões e da Direção Geral dos Livros, dos Arquivos e das Bibliotecas Públicas de Portugal, iniciativa da Cátedra Fidelino de Figueiredo (UNEB/IC) que apresenta uma seleção de títulos conscientemente multifacetada e não sistemática das literaturas em Língua Portuguesa (Portugal e África). As obras que a compõe desenham portulano para uma navegação nos diferentes estilos e tempos de grandes autores conhecidos e desconhecidos do público brasileiro. A coleção agrega também pensadores, filósofos e artistas que estejam relacionados com o contexto Atlântico.

**Palavras-chave:** literatura portuguesa, leitura, relações Luso-brasileiras

## MESA SEMI-PLENÁRIA 12

(Auditório do NAP/CECH) – “Figurações oitocentistas”

### **Verônica Prudente Costa**

*A produção de Francisco Gomes de Amorim sobre emigração em periódicos e cartas do século XIX*

**Resumo:** Francisco Gomes de Amorim (1827-1891), escritor português que emigrou para Amazônia em 1837, viveu diversas experiências que, posteriormente, foram relatadas em sua produção literária e nas diversas contribuições em periódicos que realizou, como em “O Panorama”, “Revista universal lisbonense”, “Ilustração Luso-Brasileira”, “Pantheon”, “Ribaltas e gambiarras”, entre outros; bem como nas trocas de correspondência com seus contemporâneos. Conforme compilação realizada por Costa Carvalho (2000), e em arquivos disponíveis em seu espólio em Póvoa de Varzim, podemos afirmar que Gomes de Amorim tinha uma ampla visão sobre os temas que privilegiava. Dentro da perspectiva possível para o século XIX, o autor trouxe à tona discussões em ebulição naquele tempo, a exemplo dos conflitos sobre a escravidão, as desigualdades sociais vivenciadas por ele na Amazônia e a experiência de emigração portuguesa para o Brasil e para África, que trataremos nesta comunicação.

**Palavras-chave:** Gomes de Amorim. Amazônia. Emigração portuguesa. África

### **Andreia Alves Monteiro de Castro**

*"Este nosso Portugal": Literatura, identidade e nação nas Memórias do Cárcere, de Camilo Castelo Branco*

**Resumo:** Em A História Cultural, Chartier assinala que o conceito de representação se pauta em duas realidades distintas, mas que se interpenetram. Uma diz respeito às identidades coletivas, aos ritos, aos modos em que as instituições sociais se fundamentam. A outra se refere à identidade do sujeito, às formas de exibição individual e à avaliação desse indivíduo pelo grupo. Se representar significa dar visibilidade ao outro, historicamente, também significou silenciar o outro. A literatura como instrumento de questionamento das representações dominantes, obviamente, também projeta, mantém e subverte identidades individuais e coletivas. Nas suas Memórias do Cárcere (1862), Camilo Castelo Branco, muito atento às contradições do Estado liberal e capitalista, procurou evidenciar o embate constante entre as forças conservadoras e os direitos individuais. A partir do ponto de vista dos excluídos, o escritor português apresenta um balanço do Liberalismo no Portugal da Regeneração, mas sempre atravessado por impressões, por imaginações e por muita ironia. Ao escrever sobre o percurso de sua fuga para o interior do país e sobre o período de sua reclusão na Cadeia da Relação, em suas Memórias, Camilo também interpela e discute várias representações literárias da Pátria portuguesa e de sua gente.

**Palavras-chave:** Literatura oitocentista. Camilo Castelo Branco. Nação. Identidade

## MESA SEMI-PLENÁRIA 13

(Auditório da Educação Especial) – “Celebrar Agustina Bessa-Luís”

**José Emanuel Coelho Vieira**

*Viagem à salvação do que vincula. Uma leitura de As Estações da Vida, de Agustina Bessa-Luís.*

**Resumo:** Agustina Bessa-Luís é a escritora mais prolífera de toda a literatura portuguesa. O centenário da autora de "A Sibila" é a celebração da obra e do pensamento de uma contemporânea. A seguinte proposta de comunicação tem como objetivo analisar "As Estações da Vida", publicada em 2002, e refletir sobre a importância do bulício das estações de comboio da linha do Douro como forma de memória e de imaginário de um tempo e de uma região. Os azulejos da estação do Pinhão ou da gare de São Bento são o pretexto para o desfiar de um novelo literário e humano, que nasce a partir do perscrutar daqueles pequenos quadrados azuis e brancos, que contam histórias das vindimas e da azáfama do quotidiano do Norte e do Douro: “os azulejos contam toda uma poesia que não é épica, é o viver de todos os dias, é um sermão sem sotaina, é um contrato sem filosofia” (24). Encontramos em *As Estações da Vida* um mundo inteiro, vivo e garrido, a partir da escrita prodigiosa de Agustina, que revela o local e o universal de uma forma única, sinestésica e impressionista. *As Estações da Vida* guardam e contêm, portanto, a salvação do que vincula.

**Palavras-chave:** Agustina Bessa-Luís; Memória; Imaginário; Personagem

**Viviane Vasconcelos**

*Sobre afeto e criação: Agustina Bessa-Luís em diálogo com Juan Rodolfo Wilcock e José Régio*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo principal analisar a correspondência entre Agustina Bessa-Luís e José Régio, de 1955 a 1968, e as cartas destinadas a Juan Rodolfo Wilcock, escritor ítalo-argentino, de 1959 a 1965. No ano em que são comemorados 70 anos da publicação do romance "A Sibila", um marco na literatura do século XX, torna-se relevante pensar em diálogos que a escritora estabeleceu com alguns escritores. Além de ser um registro importante que revela particularidades do convívio afetivo, a materialidade da epistolografia também pode apontar caminhos para que pensemos no valor histórico e literário. Escritos no mesmo período, as cartas, bilhetes e cartões trocados entre Agustina Bessa-Luís e José Régio permitem reflexões acerca da escrita literária, da recepção e crítica, além das manifestações culturais de uma época. No caso da correspondência entre Agustina e Wilcock, por exemplo, encontram-se provocações desafiadoras sobre diferentes assuntos, uma comunicação potente que traz perspectivas de leitura da importante obra da escritora portuguesa.

**Palavras-chave:** Agustina Bessa-Luís; correspondência; José Régio; Juan Rodolfo Wilcock

## MESA SEMI-PLENÁRIA 14

(Auditório do Departamento de Filosofia) – “Figurações pessoais”

**Orlando Nunes de Amorim**

*Ensaio sobre as trovoadas: imagens de pensamento no Livro do Desassossego*

**Resumo:** A imagem da chuva violenta, tempestade ou trovoada, tem uma larga tradição moderna na literatura ocidental, desde, pelo menos, a sua presença crucial no Rei Lear, de Shakespeare, para expressar, metafórica ou alegoricamente, as conturbações características da construção do indivíduo moderno nas suas multifacetadas vertentes, e no seu (des)encontro com o mundo. Por outro lado, é sobejamente sabida “a assaz infantil mas terrivelmente torturadora fobia das trovoadas” de que era acometido Fernando Pessoa, que, como tudo o que lhe dizia respeito, não se furtou a transpôr essa fobia para diferentes contextos de significação artística. Este ensaio pretende tecer reflexões sobre a paisagem tempestuosa na obra de Pessoa, com destaque para o Livro do Desassossego, considerando-a a partir da ideia de imagem dialética ou imagem de pensamento de Walter Benjamin, uma forma singular de conceber o ato de percepção do olhar como um ato de leitura de sinais que se manifestam na superfície da paisagem, de modo a encontrar o “corpo da ideia” que, no caso dos textos pessoais a serem considerados, é o corpo configurado na sua nudez sob a incidência da trovoada.

**Palavras-chave:** Paisagem. Imagem dialética. Fernando Pessoa. Livro do Desassossego

**Telma Maciel da Silva**

*Ofélia e Pessoa: dois fingidores*

**Resumo:** O objetivo do presente trabalho é analisar a correspondência trocada entre Ofélia Queiroz e Fernando Pessoa. Como se sabe, estas são terras já bastante pisadas pela crítica, que, em geral, aponta uma relação dessemelhante entre o poeta experiente, já grande nome do Modernismo Português, e a jovem romântica e sonhadora, que só pensa em casamento. Nesse sentido, a imagem de Ofélia ficaria cristalizada na ideia de moça pueril, afeita aos diminutivos, tão ridículos quanto os apelidos amorosos criados para apimentar a relação epistolar. Eduardo Lourenço (2013), por exemplo, vê na correspondência travada pela “jovem burguesinha” e pelo “êmulos de Lautréamont” um diálogo entre o poeta “com outro ser que o amou sem literatura”. Leila Perrone Moisés (2000, p. 177), em outro artigo valioso sobre este diálogo epistolar, afirma: “Ofélia morreu solteira em 1991 [...]. Manteve-se sempre fiel, não apenas ao namorado, mas às exigências deste em matéria de discrição”. Tomando como ponto de partida os textos destes dois grandes críticos, buscaremos fazer uma leitura das cartas de Ofélia levando em consideração a sua disposição para o jogo amoroso e literário, o que, segundo a nossa perspectiva, a torna tão protagonista quanto o escritor de Ode marítima.

**Palavras-chave:** Correspondência de escritores. Fernando Pessoa. Ofélia Queiroz

## MESA SEMI-PLENÁRIA 15

(Auditório do CECH AT2) – “António Lobo Antunes”

**Sandra Aparecida Ferreira**

*A repetição de tudo em Não é meia-noite quem quer, de António Lobo Antunes*

**Resumo:** O propósito desta comunicação é analisar os procedimentos estéticos que permitem a composição surrealista tanto dos cenários externos quanto da cenografia íntima em *Não é meia-noite quem quer*, de António Lobo Antunes. Para isso, será considerada a focalização oscilante - ora fora de foco, ora intensamente focada - geradora de imagens surreais, em que se destacam as imagens metaforizadas da noite. A partir de um diálogo com a fortuna crítica de Lobo Antunes, a exemplo de Ana Paula Arnaut e Maria Alzira Seixo, o estudo refletirá sobre o exercício narrativo como errância, feito de incertos movimentos no que diz respeito à ação, mas com precisão máxima na construção da instância discursiva, recurso maior para a composição das personagens. A análise dos recursos utilizados para tal construção, a exemplo do fluxo de imagens enraizadas em tempos sobrepostos e do fluxo verbal complexo e fragmentário, funda-se na hipótese de que, se a fragmentação da escrita aponta para uma limitação do alcance da linguagem, o retorno dos fragmentos pretéritos, permitindo a sua resignificação, afirmam também o alcance da linguagem, uma vez que as personagens de Lobo Antunes efluem de seus próprios discursos.

**Palavras-chave:** Narrativa. António Lobo Antunes. Não é meia-noite quem quer. Linguagem Fragmentária

**Tatiana Prevedello**

*O olhar do Angelus Novus sobre as ruínas da casa em Hatoum e Lobo Antunes*

**Resumo:** A tese do Anjo da História, que instiga a pensar sobre a dispersão de ruínas, apresenta uma configuração central para a compreensão do tempo histórico. O significado alegórico do Angelus Novus, referido por Benjamin, é continuamente encenado no romance contemporâneo de Língua Portuguesa, a partir da fidelidade ao voltar o olhar para o passado, entendida, conforme afirma Ricoeur, como um dispositivo para a memória (in)feliz, que é acionada à medida que as personagens não conseguem esquecer os eventos transcorridos, repetidos em suas lembranças. Nesta perspectiva, embora Milton Hatoum e António Lobo Antunes apresentem características estéticas bastante diferenciadas na composição narrativas de seus enredos, compreendemos que inúmeros elementos podem aproximar os autores, sobretudo em aspectos referentes a elaboração hermenêutica da memória que se projeta sobre as ruínas históricas, continuamente rememoradas pelas personagens que habitam o espaço ficcional. Assim, nos propusemos a aproximar, nos romances *Relato de um certo Oriente* (1989) e *O arquipélago da insónia* (2008), a relação entre o espaço da casa e os escombros memorialísticos que subsistem às ruínas do passado.

**Palavras-chave:** Memória. Hermenêutica. Ruína. Casa. Ficção luso-brasileira

## MESA SEMI-PLENÁRIA 16

QUINTA-FEIRA, 28 DE SETEMBRO DE 2023

(Auditório do NAP/CECH) – “Interfaces da ficção portuguesa contemporânea”

### Sílvio Renato Jorge

*A literatura interroga o colonialismo: olhares sobre o espaço urbano em textos contemporâneos*

**Resumo:** Pretendo discutir a forma como a literatura contemporânea recupera as marcas do colonialismo português presentes no espaço físico das cidades (monumentos, nomes de logradouros, edifícios). Buscarei apontar como uma certa sintaxe do espaço público português reverbera ecos do período colonial, funcionando não apenas como memória de uma época de conquistas, mas, principalmente, como uma assinatura ideológica que, originada em séculos anteriores, se tornou mais forte a partir do Estado Novo. Interessa entender o impacto que a representação literária desses espaços estabelece na construção do conjunto literário, reforçando ou amenizando a presença de uma percepção crítica do longo processo autoritário vivido por toda a sociedade. Da construção das novas avenidas e da ponte 25 de Abril (durante o período, nomeada como Ponte Salazar) à valorização de monumentos históricos existentes no país, o regime soube construir em torno de si uma aura de grandeza marcadamente conservadora e ideologizada, o que será percebido pelos textos literários que, de forma crítica, acionam elementos capazes de interrogar tais sentidos, para problematizar não apenas a ditadura salazarista como um todo, mas o próprio imaginário colonialista por ela apropriado.

**Palavras-chave:** Literatura contemporânea; Colonialismo português; Imaginário; Espaço literário

### Maria Luiza Scher Pereira

*"O outro de mim"; escrita como terapia em Cardoso Pires*

**Resumo:** Ao ser acometido por acidente vascular cerebral, José Cardoso Pires enfrenta o fantasma da despersonalização, e escreve um texto inédito em relação ao conjunto da sua obra literária, sobretudo inédito em relação à narrativa ficcional que o consagrou. A presente comunicação pretende abordar alguns aspectos desse “relato de caso”, confrontando os desafios das escritas de si e a tarefa crítica do escritor, no livro *De profundis, valsa lenta*, de 1997. Sem abrir mão do estilo, pautado pela concisão e pelo rigor, que o caracteriza, o autor rememora os fatos e reflete sobre a crise de identidade que foi necessário enfrentar no processo de recuperação da doença.

**Palavras-chave:** Cardoso Pires. experiência. escrita de si

**Maria Theresa Abelha Alves**

*Figurações afetivas em "Tiago Veiga, uma biografia" e em seus epítexos.*

**Resumo:** Mário Cláudio cercou sua personagem, Tiago Veiga, por um bem engendrado jogo epitextual. Antes de a "Biografia" ser publicada em 2011, a personagem que a protagoniza surgiu como autor em três livros: "Os sonetos italianos de Tiago Veiga" (2005), "Gondelim" (2008) e "Do espelho de Vênus" (2010). Publicada a "Biografia", mais dois livros lhe foram atribuídos: "Sonetos eróticos e fesceninos" (2016) e "Responso de Balbininha algebrista de Venade" (2019). Foram ainda publicados romances de Mário Cláudio que ampliaram a constelação do ignoto poeta, como "Embora eu seja um velho errante" (2021), em que Tiago Veiga é o memorialista da primeira parte e sua esposa Ellen Rasmunsen, a autora do diário da segunda, e "Apoteose dos Mártires" (2022), em que se efetiva o projeto do poeta de Venade de narrar o "Martírio e a apoteose de Frei Redendo da Cruz". Paixões da carne e do espírito, confessados afetos e insuspeitados desejos, em registro por vezes popular, por vezes erudito, orquestram um imaginário poético que tange o verso galaico português, avizinha-se do universo clássico, apropria-se das dicotomias barrocas e evidencia a plasticidade e o ecletismo da escrita de Mário Cláudio e de sua personagem (ou heterônimo).

**Palavras-chave:** Texto. Epitexto. Afetos. Dinâmicas estéticas



## MESA SEMI-PLENÁRIA 17

(Auditório do CECH/AT2) – “Dos diálogos entre Portugal e Brasil”

**André Corrêa de Sá**

*“Meu Manuel bai pró Brazil”*

**Resumo:** A reputação de muitos escritores portugueses se beneficiou com o facto de terem vivido fora de Portugal em algum momento das suas carreiras. É esse o caso de Luís de Camões, de Almeida Garrett, de Miguel Torga ou de Jorge de Sena, por exemplo. Essa experiência é habitualmente designada por “exílio” e descrita, por muitos dos que partem e mais ainda pelos que ficam, como uma coisa negativa. Nesta comunicação, vou focar-me em casos de escritores que emigraram para o Brasil e sugerir que há várias razões para colocarmos reservas à utilização da palavra “exílio” para pensar as obras de autores como Ferreira de Castro, Miguel Torga e Jorge de Sena, que viveram a experiência intercultural e fizeram eco dela nos seus livros. Opondo-me à ressonância trágica da ideia de exílio, vou sugerir que se substitua “exílio” por “êxodo”. Segundo penso, este termo tem a vantagem de nos ajudar a descrever o modo como as paisagens brasileiras foram instrumentais para que esses escritores expandissem o sentido da vida e da cultura, escapando aos estreitos limites do torrão pátrio e recriando-se como espíritos livres.

**Palavras-Chave:** Deslocamentos. Exílio. Interculturalidades.

**Manaíra Aires Athayde**

*Alexandra Lucas Coelho e o Brasil*

**Resumo:** Proponho analisar, nesta comunicação, um conjunto de relações entre a literatura e as novas mídias a partir das imagens do Brasil que figuram no imaginário da escritora e jornalista portuguesa Alexandra Lucas Coelho. Para tanto, investigarei a sua trilogia luso-brasileira, composta pelas obras *Vai, Brasil* (2013), *Deus-dará* (2016) e *Cinco voltas na Bahia e um beijo para Caetano Veloso* (2019). A partir de uma perspectiva transatlântica, a proposta é pensar como, explorando documentos acerca de vários lugares por onde passa no Brasil, a autora resgata a dimensão material do arquivo para reivindicar um espaço vivido, que está na base da criação dos espaços brasileiros em sua obra e da ligação que estabelece entre eles, Portugal e África.

**Palavras-chave:** Alexandra Lucas Coelho. Relações Brasil-Portugal-África. Arquivo. Literatura e novas mídias

**Gregório Foganholi Dantas**

*A ditadura como fantasma em Sem nome, de Helder Macedo, Purgatório, de Tomás Eloy Martínez, e Benjamim, de Chico Buarque*

**Resumo:** O tema do duplo na literatura, que tanto serve à narrativa fantástica, ocorre, nesses três romances, não necessariamente como um elemento sobrenatural, mas como retorno, simbólico, do trauma da ditadura em seus países: em Helder Macedo (2005), o duplo inverossímil de uma amante desaparecida; em Tomás Eloy Martínez (2009), o retorno do marido morto pela ditadura; em Chico Buarque (1995), uma jovem sócia da mulher amada, igualmente desaparecida. O objetivo desse trabalho não é buscar improváveis caminhos de influência entre os romances, mas questionar a ocorrência, em contextos literários e políticos diversos, de um mesmo argumento narrativo. Em todos os romances, estão em questão a possível projeção desses duplos por parte dos protagonistas, a culpa do sobrevivente, a permanência do trauma coletivo.

**Palavras-chave:** Duplo. Fantasma. Ditadura.

## MESA SEMI-PLENÁRIA 18

(Auditório da Educação Especial) – “Figurações oitocentistas: Garrett, Camilo e Eça”

**Sérgio Nazar David**

*Memória histórica da duquesa de Palmela (de Almeida Garrett, 1848): o capítulo L de Viagens na minha terra*

**Resumo:** Garrett passou aos bancos da oposição ao cabralismo em 1841. Em 17 de julho de 1843, viaja para Santarém para visitar o chefe setembrista Passos Manuel. Nesse mesmo ano, a Revista Universal Lisbonense estampa os seis primeiros capítulos de Viagens na minha terra, publicação interrompida por razões políticas. Em 1845, saem na mesma revista os 25 capítulos do tomo I de Viagens. Em 1846, Garrett faz uma segunda viagem à casa de Passos Manuel. O capítulo XLIX (último) de Viagens é publicado na Revista, poucos dias depois da Emboscada, 6/10/1846, o golpe de Saldanha, que derruba o gabinete Palmela. Na sequência vêm a lume os capítulos do tomo II, inicialmente na Revista e depois também em livro. O obituário da duquesa de Palmela, publicado ano e meio depois, será lido por nós como o capítulo L de Viagens na minha terra. A narrativa dos exílios liberais nos anos 20, do zelo da duquesa para com a causa do jovem Rainha, do sofrimento com a morte de vários filhos, do amparo aos mais pobres em Lisboa, tudo vem compor um quadro pouco favorável à Rainha D. Maria II e ao seu valido Costa Cabral.

**Palavras-chave:** Garrett. memórias históricas

**Antonio Augusto Nery**

*Camilo e "O frade que fazia reis"*

**Resumo:** A coletânea de textos “As virtudes antigas ou A freira que fazia chagas e o frade que fazia reis” é composta por quatro narrativas, sendo que as duas primeiras, as mais extensas, ensejam o nome alternativo que consta no título. Os dois últimos textos, respectivamente “A filha do pasteleiro de Madrigal” e “Um poeta português...rico!”, são menores e estão em um apêndice intitulado justamente “As virtudes Antigas”. Por ter sido publicada em 1868, a obra compõe o corpus do projeto de pesquisa (Anti) clericalismo em obras de Camilo Castelo Branco (CNPq), que venho desenvolvendo com o intuito de compreender a forma e o teor dos discursos anticlericais que são veiculados intermitentemente na ficção camiliana, focando, nesta primeira etapa, produções da década de 1860. Considerando o tempo que disponho nesta intervenção, darei atenção à segunda narrativa da referida coletânea, “O Frade que fazia Reis”, na qual o narrador se esmera em comentar um sermão realizado pelo Frade Miguel dos Santos, logo após o desaparecimento de Dom Sebastião na Batalha de Alcácer Quibir. O texto exalta características do Frade e de sua homilia, que

dialogam com a postura e os discursos de personagens religiosas que estão presentes em diversas obras de Camilo.

**Palavras-chave:** Camilo Castelo Branco; (Anti) Clericalismo; "O frade que fazia reis"

**Paulo Motta Oliveira**

*As várias vidas de Fradique: esboço de um percurso*

**Resumo:** Há personagens que sobrevivem a seus autores, e graças a outras mãos vão ganhando outras vidas. Um excelente exemplo é Edmond Dantès. O protagonista de O conde de Monte Cristo será inicialmente apropriado por Alfredo Hogan em A mão do finado (1853) e depois seguirá aparecendo em outras obras, publicadas no século passado e no nosso. O mesmo ocorreu com Fradique Mendes, por mais que o seu caso seja mais complexo. Quando irrompe na Correspondência, já tinha uma vida anterior: havia publicado poemas em A Revolução de setembro e O primeiro de janeiro e surgido, rapidamente, em O mistério da estrada de Sintra. Mesmo após a morte do organizador de sua correspondência, ele continuará vivendo. Aparecerá em O único filho de Fradique Mendes (1950), e, mais recentemente, em O Enigma das Cartas Inéditas de Eça de Queirós (1996), Nação crioula (1997), Os esquemas de Fradique (1999), Autobiografia de Carlos Fradique Mendes (2002) e Eça de Queiroz, segundo Fradique Mendes (2018). O objetivo de nossa comunicação será o de tecer alguns comentários sobre estas várias vidas.

**Palavras-chave:** Literatura e História, Romance oitocentista, Fradique Mendes

## MESA SEMI-PLENÁRIA 19

(Auditório do Departamento de Filosofia) – “Celebrar José Saramago”

**Ana Maria Wertheimer**

*A eloquência do narrador de Saramago em As Intermittências da Morte*

**Resumo:** Na prosa de José Saramago, para além de um enredo criativo e inusitado, evidencia-se uma construção dialógica que perpassa o discurso do narrador, ou seja, é pela voz do narrador que se revela um sentido subjacente aos fatos narrados. A transmissão do discurso do outro, sistematizada pela teoria de Bakhtin, leva a uma reflexão acerca da participação do narrador eloquente na obra de José Saramago. Na interdependência do discurso a transmitir (o discurso citado) e do discurso que serve para transmiti-lo (o discurso narrativo), Bakhtin sustenta que o narrador, ao utilizar as suas próprias palavras para reproduzir as vozes das personagens, confere ao discurso um certo grau de subjetividade. Neste trabalho, procura-se identificar, em excertos do romance *As intermitências da morte*, a construção dialógica que atribui à narrativa o seu carácter alegórico e universal.

**Palavras-chave:** Narrador. José Saramago. Dialogismo

**Patrícia da Silva Cardoso**

*José Saramago e os desafios do viajante*

**Resumo:** Na Apresentação de *Viagem a Portugal* José Saramago dirige-se ao leitor dizendo-lhe que, ao acompanhá-lo em seu deslocamento pelo país, “viaje segundo um seu projeto próprio”. Trata-se de uma recomendação que contrasta com o habitual nos livros sobre tal temática, cujos autores assumem o papel de guias privilegiados, indispensáveis à experiência de fruição almejada pelos candidatos a turista. De fato, é precisamente a fruição, marcada pelo descompromisso com o que se vê – experiência que Fernando Pessoa tão bem caracteriza nos versos “Viajar! Perder países/ Ser outro constantemente” – o alvo daquela recomendação. Nesta comunicação discutirei as implicações da peculiar atitude de Saramago em termos da dupla relação que estabelece: com a sua viagem e com o seu leitor.

**Palavras-chave:** José Saramago. Viagem a Portugal. Narrativa. Identidade

**Márcia Manir Miguel Feitosa**

*Topofilia e espacialidade em Lanzarote: a experiência epifânica de Saramago*

**Resumo:** Publicado em 2022, por Pilar del Rio, A intuição da ilha de José Saramago em Lanzarote constitui um livro singular e extremamente sensível. Situado entre os gêneros crônica e diário, entre acontecimentos vividos na Casa – assim grafada pela autora –, a escrita de vários romances - muitos deles consagrados pela crítica -, os passeios pela ilha vulcânica até culminar com os encontros travados ora com escritores consagrados, a exemplo de Carlos Fuentes e Ernesto Sábato, ora com personalidades como Sebastião Salgado, a obra narra com ênfase e muita desenvoltura os últimos 18 anos de Saramago, mais precisamente entre 1992 e 2010, em Tías, no sul da ilha, próxima à costa do Marrocos. O objetivo dessa investigação é trazer à tona a experiência afetiva de Saramago pelo olhar de sua parceira e companheira de todas as horas, de que modo a relação topofílica com Lanzarote interferiu na escrita de vários de seus romances, de que modo a liberdade conquistada na ilha – sua espacialidade – permitiu a obtenção de momentos epifânicos. Para tanto, servirão de aporte teórico os estudos desenvolvidos pela Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológica, a partir de Bachelard (2008); Tuan (2012; 2013); Dardel (2011) e Relph (2012).

**Palavras-chave:** José Saramago. Lanzarote. Topofilia. Espacialidade

## MESA SEMI-PLENÁRIA 20

(Auditório da UEIM|CECH) – “Literaturas Africanas em foco”

**Jane Fraga Tutikian**

*Caboverdianamente Orlanda*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo precípua homenagear Orlanda Amarílis nos quarenta anos de publicação de *Ilhéu dos Pássaros*. Amarílis foi a primeira escritora cabo-verdiana publicada em livro, abrindo caminho para outras mulheres (ainda em menor número) na Literatura Cabo-verdiana e, antecipado a constante literária do final do século XX: escreve sobre seu país, descortinando a identidade do povo, ao mesmo tempo em que ao contar sua história, vai descortinando a história das mulheres, tanto nas ilhas quanto em situação diaspórica. É como a produção literária de Amarílis se inscreve na cultura, na história e na evolução social de um arquipélago que escraviza e de um estrangeiro que interfere e marginaliza. Entre os dois, se prioriza o arquipélago, até porque, estar e ser as ilhas – com a morna, a cabra, o grogue, o crioulo, os espíritos, o ilhéu dos Pássaros – é possuir seu passe, a história e o seu recomeçar, porque, segundo Amarílis, caminho de emigrantes é caminho da procura, caminho de ir e voltar. Utilizamos como percurso metodológico aquele fornecido pela Literatura Comparada, dialogando com a História, a Sociologia e a Antropologia. Para tanto, vamos a Bhabha, Fanon, Fletcher, Padilha, Rivas e Gotlib, Piglia e Bosi.

**Palavras-chave:** Literatura. História. Identidade. Cabo Verde. Orlanda Amarílis

**Rodrigo Valverde Denubila**

*Lugares e não-lugares das poéticas afrofuturistas na produção estética contemporânea*

**Resumo:** A situação-problema desencadeadora das reflexões que engendram esta comunicação intitulada *Lugares e não-lugares das poéticas afrofuturistas na produção estética contemporânea* parte, em primeiro momento, do reconhecimento do aumento expressivo de obras que se valem da estética afrofuturista. Textos literários esses quer escritos em português, quer em outras literaturas vernáculas. Complementar a esse ponto, faz-se necessário problematizar, em segundo momento, um possível não-lugar da estética afrofuturista nas literaturas africanas de língua portuguesa. Com isso, outrossim, nos interrogarmos acerca do motivo de uma plausível ausência. Demarcados esses pontos, assinalamos que o objetivo desta comunicação consiste em aferir elementos do pensamento afrofuturista perquirindo algumas características estéticas desse fenômeno. Para tal, valemo-nos das reflexões de Lisa Yaszek, em “Afrofuturism, Science fiction and the History of the Future”, bem como as de Ytasha L. Womack, em *Afrofuturism: the world of black sci-fi and fantasy culture*. Adotamos como método a pesquisa descritiva para, assim, identificarmos e relacionarmos obras em um contexto macro e para entendermos alguns traços da poética afrofuturista, como a possível relação desta com o afropessimismo.

**Palavras-chave:** Afrofuturismo. Afropessimismo. Ficção científica. Literatura contemporânea

**Edvaldo Aparecido Bergamo**

*A resistência anticolonial no romance histórico africano: ocupação, insurgência e liberação (Angola e Moçambique no sistema-mundo)*

**Resumo:** Nossa proposta de comunicação é examinar os romances africanos de extração histórica Nzinga Mbandi (1975), do angolano Manuel Pedro Pacavira, e Gungunhana (2017), do moçambicano Ungulani Ba Ka Khosa. O enfoque teórico-crítico, baseado nos avanços da crítica dialética (Lukács et al), e dos estudos pós-coloniais (Lazarus et al), considera a figuração literária de duas personalidades marcantes do passado, cujas ações como sujeitos notórios insólitos dão a ver pela ótica corrosiva de narrações contundentes o equacionamento da memória pública diligenciada, ao realçar a dimensão coletiva da reminiscência hodierna de (re)conhecidos agentes tutelares de antanho e ao ponderar sobre as relações assimétricas que conformaram o sistema-mundo capitalista moderno, assinalado por arranjos imperialistas determinantes de longa duração. Trata-se de conjecturar em âmbito estético e ideológico sobre o imperativo ético do direito à resistência anticolonial em tempos idos, identificável nos atos contestatórios e controversos das lideranças aludidas, numa ressonância necessária ao combate permanente de perniciosas e similares anomalias coevas.

**Palavras-chave:** Angola e Moçambique; romance histórico africano; Ginga e Gungunhana; resistência anticolonial; Pacavira e Ba Ka Khosa



## MESA DE ENCERRAMENTO

**SEXTA-FEIRA, 29 DE SETEMBRO DE 2023**

**Auditório do NAP/CECH**

**Isabel Pires de Lima**

*Pandemia, liberdade, literatura: que fazer?*

**Resumo:** Procurar-se-á reflectir criticamente sobre os desafios que a pandemia que vivemos colocou aos cidadãos e às governações em tempo de mercado global e era digital, muito particularmente no que concerne ao respeito pela liberdade individual e colectiva, na esfera privada e pública. Liberdade e arte constituem uma dupla inseparável, não declinável plenamente uma sem a outra. Que pode a arte, e muito especialmente a literatura, na reivindicação/ na construção de um mundo pós-pandémico que persista em querer ser livre? Para que servem as humanidades num mundo ameaçado no valor da liberdade? A comunicação partirá destas interrogações para enfrentar o tema do congresso: "Afetos, diálogos, resiliências: as literaturas de língua portuguesa no mundo pós-pandemia". Proporá algumas respostas ou chegará a outras tantas interrogações?

**Palavras-chave:** Pandemia. Liberdade. Literatura

## MESAS DE COMUNICAÇÕES

SEGUNDA-FEIRA, 25 DE SETEMBRO DE 2023 | 10:00 – 12:15

### Mesa 1 (NAP/CECH – Sala 2): Dinâmicas de autoria feminina

**Kethlyn Sabrina Gomes Pippi**

*Repetições e rupturas: performances femininas ao longo de três gerações, em Maina Mendes, de Maria Velho da Costa*

**Resumo:** O trabalho objetiva propor algumas considerações sobre as repetições e as rupturas nas performances das personagens femininas de três gerações de uma família portuguesa, pertencente à burguesia do final do século XIX, até meados do século XX, presentes no romance de Maria Velho da Costa, *Maina Mendes* ([1969] 1977). Propõe-se a análise conjunta de dois dos elementos que mais ocuparam a crítica literária acerca dessa narrativa, um de caráter temático, a saber, a opressão patriarcal, e o outro referente ao experimentalismo da escrita da autora, especialmente no que tange à figuração das personagens (REIS, 2018). Com base no conceito de performance da filósofa Judith Butler (BUTLER, [1998] 2019), busca-se, então, compreender o complexo e gradual processo de figuração das personagens femininas que conformam duas direções principais: repetições de comportamentos que cumprem à norma social destinada a uma mulher, atualizando e reificando a noção de gênero imperante naquele contexto social; rupturas através da negação, em todo ou em partes, da adequação de comportamentos àquela norma social provocando, assim, desestabilidades. Tais engendramentos evidenciam o labor despendido pela autora para evidenciar tanto a complexidade do feminino em suas diversas performances, quanto a possibilidade de revisões e modificações das mesmas.

**Palavras-chave:** Maina Mendes. Maria Velho da Costa. Performance de gênero. Figuração da personagem. Feminismos.

**Júlia Fontana**

*A condenação à loucura das personagens femininas nos contos de Teolinda Gersão: há redenção ao outro lado do fio telefônico?*

**Resumo:** O presente trabalho realiza uma análise de três dos contos de Alice e outras mulheres (2020), da autora portuguesa contemporânea Teolinda Gersão, com ênfase na construção de suas personagens femininas. Desse modo, o corpus da pesquisa constitui-se nas narrativas “Uma orelha”, “Se por acaso ouvires esta mensagem” e “Pranto e riso da noiva assassina”, permitindo um estudo comparativo de aspectos comuns aos três contos. Dentre tais elementos, destacam-se alguns, como: a presença do elemento ‘fio telefônico’, o adoecimento — físico e mental — das protagonistas femininas em detrimento da infidelidade de seus parceiros amorosos, a

autodesconfiança, o silenciamento, a autoculpabilização e a perda da capacidade de se reconhecer. Para tal leitura comparativa, pretende-se utilizar como base trabalhos sobre a literatura portuguesa contemporânea e, em especial, sobre Teolinda Gersão, partindo de críticos como Maria Alzira Seixo e Miguel Real. Além disso, como o foco da comparação é a construção das personagens, contaremos com bibliografia sobre tal categoria narrativa, como “A personagem do romance” (2007), de Antonio Candido e sobre psicanálise, como “A psicanálise” (1983) de Terry Eagleton.

**Palavras-chave:** Teolinda Gersão. Autoria feminina. Literatura portuguesa.

**Irene Izilda da Silva**

*As profundezas marítimas femininas conversando com a obra de Teolinda Gersão*

**Resumo:** Dialogar com a obra de Teolinda Gersão intitulada “o regresso de Júlia Mann a Paraty” fomenta em mim histórias de vida de mulheres na autoria feminina. Neste trabalho, em especial, pretendo dialogar para além da experiência vivida pela personagem Julia Mann, repensando a presença da dor feminina causada pelo preconceito europeu e a figura da mulher negra a partir do conto “Olhos D’Água”, de Conceição Evaristo, presente no Olhos D’Água, de 2016. No texto em questão, apontando as dificuldades da solidão a que a mãe negra vivencia na territorialidade racial bem dialogada por Grada Kilomba em Memórias da Plantação, a presença das chuvas como metáfora da narrativa da filha que mesmo fora de casa relembra os olhos de sua mãe, somando a isso, o valor que a sociedade atribui ao fim da infância nas grandes cidades. A composição de sentido pretende lançar luz a esta navegação dialógica mediante a contraposição cultural e territorial com o hemisfério europeu onde, em alguns países, como Alemanha, a discriminação étnica e a arrogância intelectual, as convenções sociais que afetam sobretudo as mulheres, “a mulher baobá de histórias”.

**Nair Fernandes Pereira**

*Configurações de gênero em O Mosteiro, de Agustina Bessa-Luís*

**Resumo:** As configurações de gênero bem como as figurações do feminino são temas recorrentes na obra de Agustina Bessa-Luís. Suas personagens, tanto masculinas quanto femininas possuem perfis únicos e distintos que permitem levantar questionamentos acerca das configurações de gênero na sociedade contemporânea. Seja pela linguagem, estrutura ou análise de pormenores, Agustina Bessa-Luís instiga o leitor a reflexões. É nesse sentido que este trabalho propõe, explorar a construção das personagens Josefina e Belchior (Belche) em O Mosteiro (1980), principalmente no tocante às figurações de gênero na obra. Ao tratar das configurações de gênero, Bessa-Luís proporciona uma discussão importante acerca de alguns estereótipos misóginos, favorecendo sua desconstrução. Deste modo, objetivamos dar ênfase à contribuição de Bessa-Luís para o estudo da literatura e da poética na definição dos gêneros, tecer discussões acerca da ruptura de estereótipos misóginos e investigar como Agustina (re)constrói as configurações de gênero em suas narrativas. Não

visamos reproduzir estereótipos misóginos, nem produzir um catálogo exaustivo sobre as mulheres. Para tanto, embasamo-nos em Araújo e Fonseca (2015), Beauvoir (2009), Bloch (1995), Butler (2017), Coelho (1999), Fonseca (2017 e 2020), Machado (1979), Magalhães (1989), Moisés (2001 e 2013), entre outros.

**Palavras-chave:** Literatura Portuguesa. Misoginia. Configuração de gêneros. Agustina Bessa-Luís.

## Mesa 2 (NAP/CECH – Sala 3): Dinâmicas oitocentistas I

**Maria Eduarda Senibaldi**

*A desidealização da personagem romântica feminina em Camilo Castelo Branco e José de Alencar*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar pontos de contato entre as obras *A neta do arcediago*, publicada por Camilo Castelo Branco em 1860 e *Lucíola*, publicada por José de Alencar em 1862, verificando o modo de construção de personagens femininas fortes e fora do padrão do romantismo e da sociedade do século XIX. *Liberata*, de Castelo Branco e *Lúcia*, de Alencar, são apresentadas como prostitutas ambientadas respectivamente em Lisboa e no Rio de Janeiro. Ambas vão contra a idealização romântica do feminino, sendo descritas como donas de suas vontades e, apesar da marginalização sofrida pela posição social, estabelecendo os próprios princípios e moral de vida. Para tal leitura comparativa, tomamos como embasamento teórico: a) estudos sobre literatura comparada, como *A literatura comparada*, de Tânia Carvalhal; b) textos críticos sobre os autores e seus lugares na história literária de Brasil e Portugal, a partir da *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (2006) e da *História da literatura portuguesa*, de António Saraiva e Óscar Lopes (1982); c) leituras que nos permitem refletir sobre a construção das personagens femininas, como “*A personagem do romance*”, de Antonio Candido (2007) e *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir (2012).

**Palavras-chave:** Personagens femininas. Idealização romântica. Leitura comparativa

**Noemi Rebeca Barbosa Ferreira**

*A construção da estrutura e a natureza de alguns contos de Eça de Queiroz*

**Resumo:** A proposta estuda os Contos de Eça Queiroz, escritor português do Realismo. Os contos a serem estudados são, *As misérias: entre a neve*; *Singularidades de uma rapariga loura* (brinde aos assinantes); *Farsas*; *Memórias de uma forca*; *Civilização*. Com base nos estudos de Eduardo Lourenço sobre Eça e o Realismo português, será explorada a organização e estrutura dos contos, para ao final situá-los no contexto do Realismo português, ou não. Busca-se neste estudo, a estrutura e a natureza dos contos, tendo-os como origem fundante e quais os pontos de convergência entre os mesmos; estudar o contexto de produção, ou seja, o espaço que os textos anteriores ocupam, ou não, no Realismo português. O intuito é aprofundar o conhecimento sobre a escrita de Eça de Queiroz, sendo essa, uma pesquisa investigativa que leva em conta o processo criativo do autor.

**Palavras-chave:** Palavras-chave: Eça de Queiroz. Realismo Português. Contos

**Paulo Henrique Ribeiro Ratti**

*Ludovina não é a primeira cobra*

**Resumo:** Em *Alves & Cia* – obra póstuma de Eça de Queirós – na ocasião do aniversário de seu casamento, Godofredo presenteia sua esposa, Ludovina, com uma pulseira: “Era uma serpente mordendo o rabo, com dois olhos de rubis.” (QUEIRÓS, 1997, p. 3). Em outro momento da narrativa, o protagonista recebe os amigos, Carvalho e Medeiros, em casa, à rua de São Bento. Nesta visita, “Carvalho examinava vagamente um quadro representando Leda e o cisne” (QUEIRÓS, 1997, p. 17), presente na sala da família. Na tradução fílmica da novela portuguesa, *Amor & Cia* (1998), dirigida por Helvécio Ratton, Godofredo agracia a esposa com a mesma pulseira, entretanto, no interior burguês dos Alves, ao invés do quadro reproduzindo o mito grego, contemplamos uma pintura de Ludovina. Em uma ficção queirosiana, segundo Alfredo Campos Matos (1988, p. 757), “através dos objectos lê-se o estatuto social das personagens, mas também uma parte do seu drama.” (apud ARAÚJO, 2012, p. 127). Dessa maneira, investigaremos o conteúdo simbólico dos objetos supracitados, sobretudo, sublinhando a relação destes artefatos com a personagem Ludovina e com a narrativa da novela; e aspectos da tradução realizada pela película de Ratton em relação à particularidade ficcional queirosiana apontada por Matos.

**Palavras-chave:** Alves & Cia. Eça de Queirós. Helvécio Ratton . Objetos

**Isabela Coradini Pinheiro**

*Sociedade e literatura: os personagens leitores na ficção queirosiana*

**Resumo:** O intuito do presente trabalho é examinar a representação de personagens leitores nas obras *O primo Basílio* (1878) e *Os Maias* (1888), do escritor português Eça de Queirós, considerando a cultura literária e a educação dos homens e das mulheres da época. Sendo assim, pretende-se elaborar um breve estudo sobre a recorrência da literatura na ficção queirosiana, destacando, sobretudo, as leituras consumidas pelos personagens – tanto femininos quanto masculinos – e o reflexo dessa literatura na construção de cada leitor presente nas respectivas narrativas. É importante reconhecer, nesse contexto, a literatura como uma forma de retratar o meio cultural oitocentista. Pela produção literária proveniente de Portugal e de outros países, os movimentos literários influenciam os indivíduos da sociedade portuguesa do século XIX e, conseqüentemente, são explicitados na ficção de Eça por meio de caracterizações excepcionais de personagens detalhados e complexos.

**Palavras-chave:** Eça de Queirós. Literatura Portuguesa. Século XIX. Personagens leitores

**Bruna Silva Ramos**

*Três gerações de uma família portuguesa: uma análise sobre a figuração da masculinidade em Os Maias, de Eça de Queirós*

**Resumo:** A presente proposta de comunicação baseia-se em um projeto de pesquisa para a obtenção do título de mestrado que tem como foco o romance *Os Maias* e a figuração das suas personagens masculinas. Tem como objetivo perscrutar como essa figuração se dá no enredo, de que forma ela se concretiza ou favorece o conflito geracional e como reforça o desfecho trágico; ainda, pretende-se explorar a temática do masculino e sua formação, além do seu olhar sobre o feminino. Para tal, serão utilizados autores que centralizam a temática da personagem na narrativa como Beth Brait e Antonio Candido, afora estudos narrativos atuais que envolvam o tema, como *Fictional Minds*, de Alan Palmer. Julga-se de extrema importância abordar a produção bibliográfica sobre Eça de Queirós, assim como trabalhos que versam sobre o autor, principalmente os que têm como foco o romance *Os Maias* e suas personagens. O que se propõe é que a comunicação a respeito desse tema contribua para os estudos sobre o autor e que dialogue com o que tem sido investigado até o momento. Ao fim, busca-se compreender, por meio de uma análise narratológica em diálogo com questões sócio-históricas, de que modo os processos figuracionais de Eça de Queirós problematizam ideais de masculinidade dominantes na sua época.

**Palavras-chave:** Eça de Queirós. *Os Maias*. Personagens Masculinas

### Mesa 3 (NAP/CECH – Sala 4): Dinâmicas oitocentistas II

**Maria do Socorro Gomes Torres**

*"O Bobo", 80 anos de prosa*

**Resumo:** "O Bobo", gênese de Alexandre Herculano, é o objeto desta comunicação, tendo como desdobramento duas problemáticas: primeiro, a estética de sua composição, ou seja, a tensiva natureza dos capítulos. Segundo, mostrar, ao mesmo tempo, em que medida o romance afasta-se e aproxima-se do Romantismo português. Posto que o mesmo se articula por meio de um discurso que tenciona a própria ideia de romance histórico, responsável por garantir a originalidade da obra. Ao trazermos para o debate a composição do romance, sem dúvida, estaremos discutindo a questão do gênero no contexto oitocentista português. Ao trazermos para o debate o contexto de produção, colocamos em análise a origem do romance histórico em Portugal. Portanto, o objetivo é discutir aspectos cruciais que envolvem a produção literária de Herculano e aspectos relacionados ao contexto de produção, enfim, a estrutura formal do romance e sua recepção enquanto narrativa histórica. Partiremos dos estudos da fortuna crítica, atendo-nos à recepção da obra e às análises que foram feitas. As discussões serão irrigadas pelas ideias de Massaud Moisés (1991), Carlos Reis (2000), João Gaspar Simões, Antônio José Saraiva, (1999), Eduardo Lourenço (1981) e Schlegel. Resultados esperados: promoção do conhecimento científico e a disseminação da obra como gênese (origem).

**Palavras-chave:** Romantismo; Romance; Alexandre Herculano

**Valci Vieira dos Santos**

*Tragédia e crítica social no Portugal oitocentista de Fialho de Almeida*

**Resumo:** O presente trabalho objetiva discorrer a respeito da arte literária de Fialho de Almeida, especialmente sobre aquela que se debruçou sobre os cenários lusos de fins do século XIX, cuja composição nos dá a conhecer verdadeiros quadros pictóricos, pintados com as cores de tintas violentas e opressivas, e por isso mesmo ensejadores de cenas trágicas e de fortes apelos de crítica social. Para a análise desses aspectos de sua obra, lançamos mão de alguns contos que enformam o livro *O País das Uvas* (1987). Nossa leitura fundamenta-se na obra *Tragédia moderna* (2002), de Raymond Williams, cujo pensamento nos leva a refletir sobre a trágica condição humana, alimentada por uma sociedade que, em decorrência de suas fortes contradições e desigualdades, torna o homem um ser deslocado e desiludido.

**Palavras-chave:** Palavras-chave: Literatura oitocentista. Tragédia moderna. Crítica social. Fialho de Almeida



**Fabiana de Paula Lessa Oliveira**

*Drama social e drama interior em O olho de vidro, de Camilo Castelo Branco*

**Resumo:** É comum nas narrativas de Camilo Castelo Branco o diálogo entre os enredos passional e histórico. Em *O olho de vidro*, a partir da vida do médico português Brás Luís de Abreu, reflete-se sobre a Inquisição em Portugal, assim como sobre o papel da Igreja Católica na sociedade portuguesa. Filho de pai judeu e de mãe católica, ambos obrigados a deixar Portugal devido à perseguição do Santo Ofício, o menino Brás passa a ser criado por uma família judia até os cinco anos. Depois fica sob os cuidados de um hebreu abastado de Vila Flor. Os frades do Colégio de São Paulo o acolhem até a juventude quando escolhe ingressar no curso de medicina. Anos mais tarde, casa-se com D. Josefa Maria de Castro, com quem tem oito filhos. Ao longo do romance, observa-se que o elemento trágico se acentua por vezes se sobrepondo aos grandes dramas sociais traçados por Camilo. A proposta desta comunicação é indagar, em *O olho de vidro* (1866), de Camilo Castelo Branco, que recursos utiliza o narrador para, no embate entre história e ficção, adentrar os conflitos interiores que conduzem à visão trágica?

**Palavras-chave:** Camilo Castelo Branco. Ficção. História. Visão Trágica

## Mesa 4 (AT 1 – Sala 8): Dinâmicas estéticas modernistas

**Monyele Castro Siqueira dos Santos**

*A marcação de tempo e elementos temporais no Livro do Desassossego*

**Resumo:** "O Livro do Desassossego" (2006) é uma obra composta por fragmentos publicada após a morte de Fernando Pessoa. Os elementos naturais, como chuva, trovões e ventos, interagem com o estado interior do narrador, refletindo a temporalidade psicológica e as questões existenciais abordadas na obra. O objetivo da pesquisa é analisar a relação entre os elementos naturais presentes em "O Livro do Desassossego" (2006) e a temporalidade psicológica do narrador, buscando compreender como esses elementos refletem as questões existenciais abordadas na obra de Fernando Pessoa. O método consistiu em uma análise textual e interpretativa dos fragmentos do livro "O Livro do Desassossego" (2006). Foram identificados trechos relacionados aos elementos naturais (chuva, trovões, ventos) e à percepção temporal do narrador, os quais foram examinados e interpretados em relação às reflexões filosóficas e existenciais presentes na obra. A partir dessas análises, foi possível estabelecer conexões e elaborar conclusões sobre a temática abordada. A pesquisa foi realizada com o intuito de aprofundar o entendimento sobre a complexidade da obra "O Livro do Desassossego" (2006) de Fernando Pessoa, explorando a conexão entre os elementos naturais e a temporalidade psicológica do narrador, proporcionando insights sobre as reflexões filosóficas presentes na obra.

**Palavras-chave:** Elementos naturais. Temporalidade psicológica. Desassossego

**Roberto Xavier de Oliveira**

*Estudos de Vanguarda I: Correspondências entre Brasil e Portugal na pintura modernista*

**Resumo:** O presente estudo visa traçar correspondências entre as pinturas produzidas no Brasil e em Portugal durante os respectivos modernismos. O objetivo é aquilatar possíveis correlações nas propostas formais e temáticas de quatro artistas: os portugueses Santa-Rita Pintor e Amadeo de Souza-Cardoso, e as brasileiras Anita Malfatti e Tarsila do Amaral. Segundo a nossa hipótese, há nas obras destes pintores e pintoras influxos das vanguardas históricas europeias que pretendemos descrever e comentar. O principal será a convergência de técnicas expressionistas e cubistas em obras concebidas à luz de temáticas nacionais. Entretanto, também é possível verificar a presença de outras tendências, como o fauvismo, na engenhosa utilização das cores; do futurismo, nas propostas inovadoras dos quatro artistas; e do surrealismo, evidente em algumas telas de Tarsila. Trata-se de uma pesquisa atrelada ao atual projeto de pesquisa da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Soares Junqueira, "Literatura, Cinema e Autoria de Mulheres no Brasil da Ditadura Militar", subsidiado pelo CNPq, e vinculada ao Grupo de Pesquisas em Dramaturgia, Cinema Literatura e outras Artes (GPDC-LoA).

**Palavras-chave:** vanguardas históricas europeias, modernismo brasileiro e português, artes plásticas.

**Bruna Pascoal Correa**

*O medo enquanto vestígio gótico em A Estranha Morte do Professor Antena, de Mário de Sá-Carneiro*

**Resumo:** Publicado em 1914, *A estranha morte do professor Antena* transporta o leitor para uma peculiar situação: o falecimento de um professor renomado. Diante do acontecimento, seu pupilo busca formas de compreender o ocorrido, pois, através dos policiais e dos jornais, nenhuma solução efetiva foi alcançada. Entretanto, ao finalmente analisar as anotações deixadas por seu mestre, o discípulo – na verdade – obtém ambiguidades ainda maiores. É no seio da dúvida em que o medo desabrochará ao longo do conto, como, por exemplo, a coloração amarela – bizarra e repugnante (SÁ-CARNEIRO, 2007, n.p) – marcando a transmutação do mestre em algo (des)conhecido. Perante isto, o presente trabalho propõe-se a destrinchar a presença do medo dentro do conto selecionado, sendo apoiado por França (2017) em conjunto de Botting (1996) - com considerações sobre o fazer gótico. Ao esmiuçar tais recortes, busca-se descortinar como ambos corroboram para a formulação da instabilidade e ambiguidade intrínsecas a este texto literário, alicerces para as temáticas desenvolvidas: morte (vida), ciência (imaginação), verdade absoluta (dúvida), entre outras.

**Palavras-chave:** Mário de Sá-Carneiro. Medo. Ambiguidade. Modernismo.

**Vitor Hugo Costantino**

*Reclusão e Vampirismo em O Barão, de Branquinho da Fonseca*

**Resumo:** A novela *O Barão* (1942), de Branquinho da Fonseca, é considerada por muitos críticos uma obra-prima da literatura portuguesa. A partir das personagens que oscilam entre o real e o fantástico, surgem múltiplas possibilidades de interpretação da narrativa de Branquinho, entre as quais consideramos, neste trabalho, aquela que contempla a construção da personagem do Barão como encarnação do ditador português António de Oliveira Salazar. Tal interpretação converge com a proposta da adaptação da obra para o cinema feita pelo cineasta Edgar Pêra e lançada em 2011. Da interseção entre literatura e cinema, a figura do Barão ressurgue vinculada a uma simbologia draculesca de viés expressionista que lhe confere uma personalidade singularmente tirânica e em contínuo confinamento. É sobre a construção da figura do tirano recluso na obra de Branquinho e sobre a sua potencialização no filme de Edgar Pêra que o nosso estudo comparado incidirá.

**Palavras-chave:** Branquinho da Fonseca; Literatura e cinema; Literatura portuguesa

**Michelle Thalyta Cavalcante Alves Pereira**

*A mulher na década 50 e seu lugar de fala no romance Triunfo, de Sarah Beirão*

**Resumo:** O estudo que ora apresentamos tem como objetivo uma análise do romance *Triunfo* (1950), de Sarah Beirão. Nosso intento é discutir a representatividade da mulher na década de 50 e sua potencialidade em romper com a tradição que limitava seus direitos a um espaço restrito e de desprestígio. O enredo apresenta a família Gamboas, e seus problemas financeiros. Dos cinco irmãos “órfãos”, Raquel torna-se o guia em busca de soluções para a situação financeira da família. Observamos, ao longo do encaminhamento dos problemas, as formas de manifestação da inteligência da protagonista, à época, considerada sem espaço de vez e de voz. Por meio das reivindicações apresentadas no romance, tanto pela personagem Raquel como por alguns de seus interlocutores, é possível observar que a voz autoral traz ênfase à autonomia feminina, embora trate-se, ainda, de um contexto patriarcal. Como aporte teórico para esse estudo, guiaremos nossas discussões através dos críticos e teóricos: Célia Rosa Costa (2021), Fabio Mario da Silva (2014), Gayatri Spivak (2010), Heloísa Buarque de Hollanda (1994), Heleieth Saffioti (1979), Isabel Lousada (2015), João Esteves (2001), Manuela Tavares (2000), dentre outros.

**Palavras-chave:** Romance. Autoria feminina. Questões de gênero. Sarah Beirão. Condição da mulher

## Mesa 5 (AT 1 – Sala 3): Poesia portuguesa contemporânea I

**Raphael Felipe Pereira de Araujo**

*Notas para um manual de tanatopraxia, ou a decomposição em Mário Cesariny*

**Resumo:** Pela obra de Mário Cesariny encontramos alguns poemas e telas que podem ser lidos como tombeaux: uma forma de elegia que escolhe o túmulo como imagem em que se entrelaça a homenagem e o desejo de ruptura. Nesse conflito entre a manutenção de um laço e a experiência da perda, Cesariny irá louvar e simplificar alguns artistas que formam sua tradição particular, sua biblioteca ou seu mausoléu. Diante desses poemas e telas, este trabalho deseja pensar os procedimentos da leitura cesarinyana, que parece criar uma dobra entre a decomposição do corpo dos poetas com quem dialoga e uma decomposição de suas formas plásticas e poéticas, buscando uma relação com a tradição que não opera segundo um passado cristalizado, tornado cânone estático, imortal e intocável. É nesse sentido que a comunicação deseja passear pela sua obra enquanto olha para Mário Cesariny como um poeta ladrão de túmulos.

**Palavras-chave:** Mário Cesariny. Tradição. Leitura. Tombeau. Decomposição.

**Julieny Souza do Nascimento**

*Poetas da/na cidade: caminhar, pensar, sentir e (re)agir*

**Resumo:** Os estudos de paisagem nas literaturas de língua portuguesa evidenciam que a tríade mundo, palavra e sujeito constitui uma estrutura de sentido. Os poetas portugueses contemporâneos, vozes, em geral, pouco conhecidas no Brasil, têm apresentado em suas obras leituras de mundo que configuram o espaço-tempo e emitem questionamentos e posicionamentos sobre a relação estabelecida entre sujeito e cidade. As obras poéticas de Golgona Anghel, Manuel de Freitas e Pedro Mexia, poetas nascidos e/ou radicados em Lisboa, apresentam ângulos da cidade portuguesa e refletem a condição e dinâmica urbana articulada, indissociavelmente, pelos planos econômico, político e social. O estudo em diálogo desses três poetas portugueses contemporâneos proporciona uma compreensão sobre a poesia portuguesa mais recente, especificamente, das duas primeiras décadas do século XXI. Utilizando a perspectiva fenomenológica dos estudos de paisagem, no âmbito de uma geografia literária, sobretudo orientada pela abordagem de Michel Collot, importante pensador da poesia moderna e contemporânea, e a contribuição interdisciplinar, necessária aos estudos sobre a cidade, objeto complexo, o presente trabalho visa examinar o contexto em que esses poetas se inserem, os poemas presentes em alguns dos seus livros e as principais marcas de suas linguagens poéticas.

**Palavras-chave:** Literatura portuguesa. Poesia portuguesa contemporânea. Paisagem urbana. Cidade. Lisboa.

**Marcus Vinícius Lessa de Lima**

*Manuel de Freitas: uma resposta crítica*

**Resumo:** Em entrevista publicada no primeiro volume da revista brasileira de poesia e crítica cultural *Ouriço* (2021), o poeta, editor e crítico português Manuel de Freitas responde de modo taxativo a uma pergunta sobre a ligação entre poesia e música no mundo contemporâneo: "Não antevejo grande futuro nem para a música nem para a poesia". Há algo de ambíguo na declaração, notadamente quando o entrevistador a quem ele responde era um dos editores da recente publicação de um livro seu no Brasil, "Jukebox" (2021), reunião da série poética editada em Portugal nos anos de 2005, 2008 e 2012. Também chama atenção que seja aquela afirmação que dê título à entrevista, numa publicação quase toda dedicada a divulgar poemas contemporâneos e poetas em atividade. Um modo ambíguo de inserção dessa poesia no panorama editorial brasileiro passa, de certa forma, pelo discurso da negação da poesia contemporânea, amparado por uma renúncia mais geral do contemporâneo como tempo de crise. Interessa, nesse contexto, testar a proposição (sustentada, por exemplo, por Marcos Siscar), de que o discurso da crise é um modo específico de inserção da poesia na contemporaneidade, incluso, em sua enunciação, tudo o que nele houver de exagero, paradoxo, ou aparente ilogicidade.

**Palavras-chave:** Manuel de Freitas; Poesia Contemporânea Portuguesa; Estética e Crise.

**Ana Paula de Oliveira Pereira**

*As vozes do corpo-memória na constelação poética de Ana Luísa Amaral*

**Resumo:** Esta pesquisa investiga as relações entre feminismo e corpo-memória na poética de Ana Luísa Amaral. O corpo da mulher tem sido cantado ao longo da história da literatura, no entanto, há necessidade de reescrever essa realidade também pela visão dessa mulher. Ao reescrever esse corpo, a poética de Ana Luísa Amaral desdobra-se em: mulher-espaco, mulher-sexualidade, corpo-físico, corpo-poético, desafiando assim os modelos sociais impostos pela sociedade portuguesa. Com a instauração do regime ditatorial português, há uma aposta na ideia de "regresso ao lar", por meio do qual a mulher teria novamente a limitação da esfera doméstica. Nesse contexto, é retirado da mulher o direito de conhecer o seu próprio corpo e seus desejos, reduzida a figura feminina tradicional e heteronormativa.

**Palavras-chave:** Ana Luísa Amaral; Poesia Portuguesa; Corpo; Memória; Feminismo.

**José Leonardo Gomes de Lima**

*"Camonizar" é preciso: ecos camonianos no século XX*

**Resumo:** Luís Vaz de Camões é um poeta português renomado. A partir de seu poema, o soneto "Transforma-se o amador na cousa amada", esta pesquisa buscou estabelecer diálogos com dois outros poetas: Carlos Felipe Moisés, brasileiro, e Herberto Helder, também português, com os respectivos poemas: "A paixão segundo Camões" e "Tríptico". O objetivo procurou desvelar os mecanismos de construção intertextual para a criação de possíveis interpretações. Para tanto, foram utilizados os livros *Aula* (2007), de Roland Barthes, e *O arco e a lira* (1982), de Octavio Paz. A metodologia partiu sempre do texto literário, pois "o texto é um campo metodológico" (BARTHES, 2004, p. 45). Assim, pôde-se constatar o diálogo estabelecido entre países diferentes (Portugal e Brasil), em tempos diferenciados (séculos XVI e XX), por meio dos textos literários, cujas fronteiras extrapolam locais e datas. À materialidade de Herberto Helder opõe-se a abstração camoniana, mediada pelo poema de Carlos Felipe Moisés. Embora os poemas apresentem visões díspares, o diálogo intertextual possibilita vislumbrar que as diferenças textuais existentes, na verdade, podem trazer à tona as diferentes visões paradoxais de mundo ao longo da Humanidade.

**Palavras-chave:** Camões. Poesia. Intertextualidade.

## Mesa 6 (AT 8 – Sala 183): Poesia portuguesa contemporânea II

**Julia Pinheiro Gomes**

*"EU é um outro": Cesariny leitor de Rimbaud*

**Resumo:** Nesta comunicação, buscamos apresentar como Mário Cesariny – poeta cujo centenário se celebra neste ano de 2023 – pode ser compreendido como um autor crítico da modernidade. De fato, consideramos que o surrealista constrói uma tradição (pessoal) da poesia moderna, como aponta Octavio Paz (2013), e que sua faceta crítica é observável nos diálogos que estabelece textualmente com poetas dos séculos XIX e XX. Evidenciaremos, assim, um dos seus precursores “criados” (BORGES, 2007, p. 130), isto é, Arthur Rimbaud. Para além da célebre tradução de *Une saison en enfer*, Cesariny retoma, repensa e reescreve vida e obra do simbolista francês em poemas que aqui investigaremos como “passagem de rimbaud” e “o assassinos”. Nosso objetivo é, portanto, explicitar a maneira como a visão crítica se desenvolve em tais textos e, em última análise, refletir como este poeta-crítico parece se apropriar de Rimbaud, “pois EU é um outro” (RIMBAUD, 2020, p. 09).

**Palavras-chave:** Cesariny. Rimbaud. Crítica. Modernidade.

**Paulo Ricardo Braz de Sousa**

*As máquinas celibatárias de Herberto Helder*

**Resumo:** Há muitas máquinas na poesia de Herberto Helder. Máquinas verbais, corporais, encantatórias, máquinas que, sobretudo, avultam no quadro dessa obra em virtude de uma assombrosa gratuidade. Máquinas inúteis, que em sua radical recusa às tarefas práticas, assemelham-se a objetos monstruosos, a verdadeiros prodígios, revelando, então, uma profunda afinidade com o poético enquanto manifestação divina. Sendo assim, nesta comunicação, gostaríamos de explorar dois problemas presentes na obra do autor de *"Photomaton & vox"*: 1) o cruzamento entre o fazer poético e a ação maquínica, considerando ambas as práticas sob o particular ponto de vista de sua disfuncionalidade; 2) a inaudita relação entre a máquina lírica herbertiana e a propiciação do sagrado. Ao fim e ao cabo, buscaremos nos ocupar da questão de como a noção de Deus, em Herberto Helder, pode se vincular, não à razão última de todas as coisas, mas antes à desrazão e à perda de sentido, aspectos não de todo estranhos ao seu engenho poético. Para tanto, trabalharemos com o aporte teórico de Michel Carrouges e Georges Bataille, assim como o referencial crítico de Rosa Maria Martelo e Luis Maffei.

**Palavras-chave:** Poesia portuguesa contemporânea; Herberto Helder; máquina lírica; sagrado.



**Cláudia Mentz Martins**

*Cláudia R. Sampaio e a arte de tombar no abismo*

**Resumo:** Considerada uma das vozes da novíssima geração, Cláudia R. Sampaio nasceu em Lisboa (1981). Sua produção transita pela poesia, pelo teatro e pelas artes plásticas, estando vinculada ao projeto Manicómio. Em seus versos, há um teor terapêutico, pois a poeta não esconde suas dores. No “Posfácio” de *Inteira como um coice do universo* (2019), Otávio Campos comenta que, na obra de Cláudia, percebe-se a “comunhão entre a experiência e a urdidura poética” (p.127). Ou seja, ela dá voz às dores de quem, após as internações em hospitais psiquiátricos, se recompõe por meio da arte. Para Valter Hugo Mãe, no texto “O absurdo é tolerável” incluído em *Já não me deito em pose de morrer: poemas escolhidos, de Cláudia R. Sampaio* (2020), a loucura e a terapia se configuram como pensamento e sabedoria, e sua obra “como protesto e como alegria do possível”. A partir de poemas de *Primeira urina da manhã, 1025mg, Outro nome para a solidão e Ver no escuro*, e de imagens de suas peças visuais disponibilizadas em seu perfil @claudiarsampaio, no Instagram, buscar-se-á observar momentos em que a produção da poeta expressa a necessidade do seu existir, de superar o cotidiano e de tombar “no abismo” (SAMPAIO,2020).

**Palavras-chave:** Poesia portuguesa. Poética. Imaginário. Cláudia R Sampaio

## Mesa 7 (AT 8 – Sala 184): José Saramago

**Paula Gardenia Lucena Gallego**

*Entre as literaturas e a infância através do livro A Maior Flor do Mundo, de José Saramago*

**Resumo:** Sabemos, de longa data, acerca da importância da literatura no processo de humanização e formação do indivíduo. Entretanto, diante do cenário pandêmico e das restrições por ele impostas, crianças e jovens mostram-se, hoje, com uma necessidade ainda maior de (re)conhecerem-se e de praticarem o exercício da alteridade, aspectos esses, como sabemos, fortemente alimentados por meio da leitura literária. Atuando como Professora Orientadora de Sala de Leitura na rede municipal de São Paulo, proponho, por meio desta comunicação, refletir acerca de como a sensível obra “A maior flor do mundo”, de José Saramago, pode contribuir para que leitores – sejam eles crianças, jovens ou adultos – experienciem a fruição de um texto literário que, ao desvendar os bastidores de sua própria criação, convida o leitor também a (re)conhecer a si e ao outro. Partindo de uma leitura de viés metaficcional, propomos, assim, pensar como a narrativa autorreflexiva de Saramago convida o leitor a ter um olhar não apenas mais crítico em relação ao texto, mas em relação ao contexto que o cerca, compreendendo o caráter discursivo dos textos e contextos, e seu papel na criação de novas realidades e possibilidades.

**Palavras-chave:** literatura, metaficção, infância, afeto, literatura portuguesa.

**Pamera Ferreira Santos**

*O foco da mulher saramaguiana que não cega: para além de um fio condutor na narrativa, um experimentar de resistência*

**Resumo:** Este trabalho tem como condução central evidenciar dois prismas na personagem da mulher do médico, Ensaio sobre a cegueira (1995). Entendendo, como primeiro ponto, que o olhar dela permite ao autor uma conexão profícua com a realidade que se intenciona passar para o leitor, visto que as cenas desse romance são intensamente descritivas e, embora haja um narrador em terceira pessoa, haveria uma distância maior entre essas entidades caso todos os personagens fossem cegos. A outra questão, trata-se de Saramago despertar a possibilidade de um ponto de estranhamento, pois, essa mulher assiste toda decrepitude humana ao presenciar o horror da imposição de poder por quem apenas por ter uma arma, mesmo cego, submeteu os confinados à humilhação e violência, ao ponto do estupro. Momento, esse, de estopim: pois, ver suas companheiras serem estupradas consigo, ao limite do feminicídio, levou-a a usar sua notória potência para assassinar esse líder. Certamente, é uma perspectiva vê-la como uma resistência dentro daquela estrutura quase incorruptível de exploração, portanto, a pergunta impositiva é: para que se manter entre os cegos? As possíveis respostas estão em recusar-se a repetições de padrões de

poder impostos pela violência. Matou, mas não para ocupar o lugar institucionalizado do “senhor”.

**Palavras-chave:** Resistência. Narrativas pandêmicas. Saramago

### **Mateus Roque da Silva**

*O humanista Saramago: por uma poética sensível acerca da política, da democracia e dos direitos humanos*

**Resumo:** No ano de 2003, em entrevista ao jornal O Globo, José Saramago afirmou que “sem democracia não pode haver direitos humanos, mas sem direitos humanos também não pode haver democracia. [Contudo], estamos numa situação em que se fala muito de democracia e nada de direitos humanos”. A fala do escritor português não (res)soa, ao sujeito contemporâneo, apenas como um grande alerta de perigo, antes disso, convoca-nos para uma reflexão crítica e, certamente, conjunta acerca da política global e da própria promoção dos direitos humanos. Passadas mais de duas décadas de sua afirmativa, podemos observar, especialmente no caso brasileiro, o fortalecimento de ataques, em dimensão física e discursiva, às instituições democráticas, o descaso de certos governos com a dignidade de seu povo e, como resultado direto desses elementos, a proliferação de narrativas contrárias aos direitos humanos e a própria vida. Diante do cenário que se coloca, a presente comunicação objetiva discutir comparativamente, a partir dos estudos críticos de Carlos Reis, Regina Zilberman e Leyla Perrone-Moisés, os romances *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e *Ensaio sobre a lucidez* (2004), de José Saramago, a fim de desvelar o caráter dialético existente entre a promoção dos direitos humanos fundamentais e a sociedade capitalista contemporânea.

**Palavras-chave:** Literatura e Direitos Humanos. José Saramago. Literatura e Política.

### **Felipe Pereira de Carvalho**

*A identidade como uma "celebração móvel" em Todos os Nomes, de José Saramago*

**Resumo:** *Todos os Nomes* (1997) é uma obra que concentra questões relacionadas ao processo de construção da identidade individual e ilustra bastante bem questões já aventadas pelos teóricos que investigam esse fenômeno, como a fragmentação, o descentramento, e todas as demais repercursões que estes processos disparam na consciência e na subjetividade do indivíduo. A obra em questão retrata uma busca por individualização emergindo em meio a contextos de autoalienação, de rotinas diárias performadas mecanicamente, de encontros e contatos com a alteridade e o desconhecido, cenários banais que se apresentam a todos nós e que são utilizados por Saramago como trampolim para acessar reflexões que convivem de forma latente com todos os indivíduos que vivem ou viveram em condições modernas e contemporâneas. A partir da escrita pedagógica e perscrutadora de José Saramago, que muito se esforça para criar um retrato situado e fidedigno da condição humana, tão pautada e

deslindada pelo autor em suas obras, propõe-se aqui uma reflexão acerca das mudanças estruturais, institucionais e de pensamento operadas pela modernidade, alegando que estas mudanças vêm transformando a identidade, anteriormente compreendida como algo estável e de contornos bem definidos, em uma "celebração móvel" (HALL, 2006).

**Palavras-chave:** Todos os Nomes; José Saramago; Modernidade; Identidade

## Mesa 8 (AT 8 – Sala 185) – A ficção portuguesa contemporânea de autoria feminina

**Adriano Guedes Carneiro**

*A escrita em fragmentos de Marta Pais Oliveira em Escavadoras*

**Resumo:** Esta comunicação tem por objetivo discutir a escrita da autora portuguesa Marta Pais Oliveira no romance *Escavadoras* (2021). Este, que foi o seu livro de estreia, ganhou a XIIIª edição do Prêmio Revelação Augustina Bessa-Luís e é construído a partir de vinte e sete pequenos capítulos que seguem ordem cronológica descontinuada, combinando fragmentos das histórias das personagens (Hutcheon). A diegese é focada em Petrucio, filhas, neta e ainda agregados, enfim uma família que habita uma casa amarela, próxima a uma imensa árvore, a “Oliveira milenar”. Este imóvel deverá ser demolido, pelas escavadoras, em razão da construção de uma autoestrada. No entanto, antes da demolição a casa é vítima de enorme incêndio. Em meio ao luto, à luta, às perdas, a linha é tênue para separar uma tragédia ou uma personagem da outra, como escreve Rita Homem de Mello. Nesta narrativa polifônica (Bakhtin), o fragmento da desconstrução se encaixa em outro de reconstrução da narrativa, como em movimento pendular, em que cada parte do texto oferece perspectiva (Nietzsche) diferente para a compreensão do romance sobre a família que passa a vida sob a ameaça constante, enquanto teima, ainda assim, em sobreviver. É possível enxergar neste drama familiar algo além do seu próprio drama familiar? Para tanto, utilizar-se-á a contribuição teórica de Friedrich Nietzsche, Mikhail Bakhtin, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Linda Hutcheon, Miguel Real, entre outros.

**Palavras-chave:** Marta Pais Oliveira. Fragmentos. Polifonia. Luto. Desconstrução.

**Janaína Dias de Sousa**

*Exercícios metaficcionais no livro "Ecologia", de Joana Bértholo*

**Resumo:** Joana Bértholo, em seu livro *"Ecologia"*, utiliza-se de diversas estratégias narrativas, sobretudo as de cunho metaficcional, para significar, ressignificar, legitimar, sob a ótica da contemporaneidade, sua construção literária. Na obra, tempo, espaço, personagens, narrador(a) e enredo são constituídos e adquirem significado a partir de um viés estético que se ancora em tendências artísticas pós-modernas, cuja expressividade se dá por meio de uma narratividade e uma "literariedade" próprias do discurso midiático atual. A literatura, as artes plásticas, a publicidade, o cinema ali se fazem presentes, constituindo um "quebra-cabeças", uma "colcha de retalhos" cujo sentido imanente se vincula à própria percepção do que é linguagem. Para melhor compreender como se constituem essas estratégias metaficcionais na obra literária, serão apresentados aportes teóricos e literários encontrados em textos publicados pelas autoras Ana Paula Arnault, Linda Hutcheon e Patrícia Waugh, de modo a mapear, delinear, analisar e refletir sobre as dinâmicas estéticas utilizadas por Joana Bértholo.

**Palavras-chave:** Literatura - Romance - Metaficção - Contemporaneidade – Ecologia

**Penélope Eiko Aragaki Salles**

*As Representações da Violência em Isabela Figueiredo e Judite Canha Fernandes*

**Resumo:** Ao longo dos séculos, a violência foi minimizada e aceita pela sociedade, e isso não foi diferente na história recente de Portugal. Após o 25 de Abril, o país passou por um período de instabilidade econômica, social e política e teve que enfrentar os processos de independência de suas antigas colônias em África, que após anos de lutas e conflitos conseguiram finalmente a liberdade. Esta apresentação pretende mostrar como algumas práticas violentas nessas antigas colônias, especificamente em Moçambique e nos arquipélagos de Cabo Verde e Açores, foram toleradas e naturalizadas pela sociedade portuguesa, e relativizar o mito do português não-racista e cordial que ainda vigora hoje. Dessa forma, propomo-nos a analisar duas obras literárias portuguesas contemporâneas que retratam esse período: "Caderno de Memórias Coloniais" (2009), de Isabela Figueiredo, e o romance "Um passo para o Sul" (2018), de Judite Canha Fernandes.

**Palavras-chave:** literatura portuguesa contemporânea. violência. Isabela Figueiredo. Judite Canha Fernandes.

**Carlos Roberto dos Santos Menezes**

*Pintando imagens com palavras ou como a Autora adentrou o ateliê do artista*

**Resumo:** "Rua de Paris em dia de chuva" (2020), romance de Isabel Rio Novo, resgata a figura de Caillebote ao ficcionalizar – com engenho e arte – a vida do pintor francês, alinhando-a às mudanças sofridas em Paris no fim do século. O interesse pelo duplo "biografismo-histórico" surge da paixão da Autora (narradora-personagem) cujo interesse por Caillebote e suas pinturas a impulsiona na confecção de um romance tendo como protagonista o artista impressionista. Surge, também, no espaço ficcional a figura misteriosa e soturna de Helena, uma acadêmica especializada em história da arte. Entre o pintor, a escritora e a pesquisadora entrelaçam-se os fios do amor que os une. A presente comunicação debruça-se sobre a narrativa com intuito de pensar as relações com imagens que ultrapassam a representação literal, evidenciando a força emocional e simbólica a partir de uma continuidade cultural e na transmissão de ideias por meio das imagens ao longo do tempo. Isto é, as imagens não são apenas objetos estéticos isolados, mas partes de uma "memória coletiva" que refletem as preocupações e os desejos humanos, por meio de suas "sobrevivências". Como pressupostos teóricos utilizaremos os conceitos sobre imagem de Aby Warburg, Walter Benjamin e Georges Didi-Huberman.

**Palavras-chave:** Literatura portuguesa contemporânea. Rua de Paris em dia de chuva. Isabel Rio Novo. Imagem. Diálogo intersemiótico.

## Mesa 9 (AT 8 – Sala 186): Literaturas Africanas de Língua Portuguesa em foco

**Alyne Yumi Yoshida**

*60 anos da escrita de Luandino Vieira: análise do retrato do colonizado em "Estória do Ladrão e o Papagaio"*

**Resumo:** Há 60 anos atrás, Luandino Vieira não só lançava uma de suas maiores obras literárias, como também a escrita luandina, cuja fama vinha da ruptura com o padrão da norma lusitana ao utilizar a oralidade em seus textos. Essa nova fase do autor denunciava o funcionamento do colonialismo em Angola, tendo como seu maior espaço os musseques, região pobre onde concentrava maior parte da população pobre e negra em Luanda. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo, a partir da obra teórica de Albert Memmi, "Retrato do colonizado procedido pelo retrato do colonizador", discutir como o colonialismo português interfere no cotidiano dos luandenses e quais são as consequências dele nos personagens presentes no segundo conto de Luandino, "Estória do Ladrão e o Papagaio".

**Palavras-chave:** Colonialismo português. Luandino Vieira. Luanda

**Heraldo Izidoro Gouveia**

*As performances entre o(s) estereótipo(s) de autoria(s) africana(s) em "Os vivos e os outros" de José Eduardo Agualusa*

**Resumo:** O objetivo do presente trabalho consiste em analisar como dentro projeto literário de "Os vivos e os outros" de José Eduardo Agualusa há a problematização das performances de autorias africanas frente aos estigmas e estereótipos criados pelo ocidente. Após apresentarmos características dos estigmas para a autoria africana, enfatizaremos a poética do exílio e seus conflitos à mercê da afirmação tanto interna quanto externa, delimitaremos também os papéis assumidos pelos estereótipos e sua função frente ao momento pós-moderno. O trabalho busca mostrar a atualidade da crítica consoante a escrita como experiência dos limites, uma vez que os sujeitos buscam assumir um posicionamento excêntrico ao incorporar àquilo que pretendem contestar. Ademais, soma-se ao projeto literário de Agualusa, uma formação discursiva em prol da construção significativa da autoria, capaz de engendrar competições (lugares de fala) cuja demarcação extrapola a percepção de nacionalidade, pertencimento, origem, identidades e ancestralidades.

**Palavras-chave:** Performances. Esteriótipos. Estigmas. Autorias africanas. Poéticas do exílio.

**Roberta Ant3nio Ampessa**

*Mapeando a trajet3ria do primeiro romancista guineense Abdulai Sila*

**Resumo:** A vontade de conhecer melhor o autor da nossa obra em estudo, A 3ltima Trag3dia, iniciado na gradua33o e agora no mestrado, levou-nos a tra3ar um panorama da vida e obra de Abdulai Sil3, nascido em Guin3-Bissau, um pequeno pa3s situado na costa ocidental africana, uma ex-col3nia portuguesa em 3frica, juntamente com Angola, Cabo Verde, Mo3ambique e S3o Tom3 e Pr3ncipe. De todas as ex-col3nias portuguesas, a Guin3-Bissau entrou mais tardiamente no mundo liter3rio. Com isso publicou seu primeiro romance em 1995, tendo Abdulai Sil3 como pioneiro e um dos mais admirados romancistas at3 hoje. Considerando isso, este trabalho visa mapear a trajet3ria liter3ria do autor por meio das obras j3 publicadas e de suas entrevistas online, a fim de relacionarmos seu percurso como escritor 3 consolida33o do sistema liter3rio guineense, tendo como aporte te3rico: O desafio do escomburo, na33o, identidade e p3s-colonialismo na literatura da Guin3-Bissau (2007), de Moema Parente Augel; Panorama das literaturas Africanas de l3ngua portuguesa (2017), de Maria Nazareth Soares Fonseca e Terezinha Taborda Moreira, com o intuito de ressaltar sua relev3ncia no panorama das literaturas produzidas em l3ngua portuguesa.

**Palavras-chave:** Palavras-chave: Guin3-Bissau. Romancista. Abdulai Sila. Mapeamento. Trajet3ria liter3ria.

**Bruno Lutianny Fagundes Mon33o**

*A representa33o da marginaliza33o e supera33o na obra "Mamadu, o Her3i Surdo" de Marta Morgado: Uma an3lise cr3tica*

**Resumo:** Este trabalho pretende analisar, criticamente, a obra "Mamadu, o Her3i Surdo", escrita pela autora surda portuguesa Marta Morgado. A hist3ria narra a vida de Mamadu, uma crian3a Surda, negra e pobre de Guin3-Bissau que busca por educa33o e oportunidades. Essa comunica33o inicia contextualizando a autora no cen3rio liter3rio contempor3neo, destacando sua relev3ncia na literatura gestual/surda portuguesa. A an3lise cr3tica concentra-se na representa33o da marginaliza33o enfrentada por Mamadu devido 3 sua surdez, origem 3tnica e situa33o socioecon3mica. Explora-se tamb3m a import3ncia da educa33o e do acesso 3 L3ngua Gestual na vida de Mamadu, analisando seu desenvolvimento ao longo da narrativa e seu papel como agente de mudan3a social ao retornar ao seu pa3s como professor, ajudando outras crian3as Surdas a terem acesso 3 educa33o e 3 l3ngua gestual. A obra "Mamadu, o Her3i Surdo" se destaca por desafiar estere3tipos e preconceitos na medida em que apresenta um protagonista Surdo, negro e pobre, cuja hist3ria 3 marcada pela resili3ncia, supera33o, empatia e representa33o da comunidade Surda, que frequentemente 3 marginalizada na literatura, promovendo uma reflex3o ampla sobre o sujeito surdo, o acesso 3 educa33o e a valoriza33o da diversidade cultural. Como aporte te3rico, ser3 utilizada a obra te3rica de Marta Morgado, Karin Strobel e Luiz Cl3udio da Costa Carvalho.

**Palavras-chave:** Literatura gestual/surda Portuguesa. Educa33o de Surdos. Negro-Surdo. Marta Morgado. Mamadu.



## Mesa 10 (NAP/CECH – Sala 187): O ensino de literatura portuguesa no Brasil

**Gisele Novaes Frighetto**

*Estudos de literatura em língua portuguesa e educação a distância: um estudo de caso*

**Resumo:** Este trabalho pretende abordar o ensino de literatura a distância em nível superior a partir de um estudo de caso, a disciplina Estudos de Literatura em Língua Portuguesa, oferecida a alunos do terceiro ano do Curso de Letras da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP). Com base em uma ementa que previa a abordagem diacrônica e histórica da literatura brasileira, foi proposto um curso que também contemplasse escritores portugueses e africanos, neste último caso, com vistas ao cumprimento da lei 11.645/08. Assim, pelo viés da literatura comparada (CARVALHAL, 2006), foram articulados textos de escritores como Paulina Chiziane e Conceição Evaristo; Castro Alves e José Craveirinha; Machado de Assis e Eça de Queirós, de acordo com as ferramentas e metodologias de ensino em educação a distância adotadas pela UNIVESP. Examinamos o design pedagógico dos materiais didáticos (GARBIN; OLIVEIRA, 2019, 2021a, 2021b) para investigar como esse curso se construiu, questionando em que medida a EaD tem se manifestado como espaço pedagógico privilegiado para a consolidação de novos modelos educacionais (BEHAR, 2009) pelo emprego de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e de metodologias ativas de aprendizagem (MORÁN, 2009).

**Palavras-chave:** educação a distância. ensino de literatura. metodologias ativas. tecnologias de informação e comunicação.

**Larissa da Silva Lisboa Souza**

*A Lei 12.711 e seus impactos no ensino da literatura portuguesa*

**Resumo:** A Lei federal brasileira 12.711, promulgada em 2012 e com alterações em 2016, propõe uma mudança substancial no ensino de universidades e institutos federais com a obrigatoriedade de 50% da reserva de vagas para estudantes de escolas públicas do ensino básico. Em pouco mais de dez anos, houve um expressivo aumento de ingresso desse grupo; contudo, a problemática da permanência se faz presente (JOAQUIM; ALVARENGA, 2022). Nesse breve contexto, o ensino de literatura portuguesa apresenta inúmeros desafios aos novos estudantes, visto as deficiências trazidas do ensino básico, a exemplo das construções curriculares da área (PERRONE-MOISÉS, 2006; COSSON, 2009; GAGLIARDI, 2014). Logo, a presente comunicação tem como proposta a problematização desse novo contexto, em busca de reflexões sobre ações de reestruturação curricular a esses “leitores em construção” (SOUZA; BALSÀ; PIRES, 2016), a exemplo do estudo de conteúdos básicos relacionados à poética, nas ementas relacionadas à literatura portuguesa. Para tanto, as reflexões partirão de algumas indagações propostas por José Augusto Cardoso Bernardes (2012; 2019), a respeito do estudo de Os Lusíadas ([1572]2000), de Luís Vaz de Camões, aos

estudantes portugueses, em diálogo com as pesquisas na área voltadas à realidade educacional brasileira (ZILBERMAN, 1983; ROSA LIMA, 2016).

**Palavras-chave:** Literatura portuguesa. Ensino. Lei 12.711. Currículo. Conteúdo

**Liliane Barros Oliveira Delorenzi**

*O estudo da literatura portuguesa: princípios para o conhecimento estético e cultural dos estudantes brasileiros*

**Resumo:** Esta pesquisa concentra-se na análise da proposta curricular do novo Ensino Médio, à luz das exigências da BNCC (2017). A investigação se detém em constatar “se” e “como” a literatura portuguesa dos séculos XII a XVI, decurso da gênese da nossa literatura, tem sido contemplada no planejamento dos itinerários obrigatórios ou eletivos. A urdidura desta pesquisa está na confrontação entre o que se propõe, o que tem sido feito e o que deve ser assegurado nas aulas de literatura propostas no Ensino Médio, a fim de que, por meio da literatura portuguesa, seja assegurado aos brasileiros em formação, não apenas apreciar a estética literária e a inspiração de autores de outros séculos, mas compreender os princípios históricos e sociais da sociedade portuguesa e como esses fatos podem influenciar a nossa cultura, a nossa identidade e o nosso pensamento. Dessa maneira, este trabalho objetiva examinar como as escolas paulistanas que já iniciaram a reformulação de seu currículo têm elaborado suas trilhas pedagógicas a fim de contemplar os estudos da literatura portuguesa desde os primeiros séculos de sua formação. Nesse sentido, pretendemos salvaguardar a importância dos estudos que são basilares da nossa literatura e coadjuvar docentes atuantes em sala de aula.

**Palavras-chave:** Literatura portuguesa. BNCC. Formação docente. Educação.

## Mesa 11 (AT 8 – Sala 188): Interfaces da ficção portuguesa contemporânea

**João Victor Freitas Silva**

*Entre autobiografia e romance de formação: "Mãe", de Hugo Gonçalves*

**Resumo:** A leitura de "Mãe", do escritor português contemporâneo Hugo Gonçalves, despertou o nosso interesse por apresentar pontos, ao longo de sua narrativa, do que consideramos poder ser lido como a demarcação de uma geografia existencial, a qual se configura pela mistura entre romance de formação e autobiografia. Cotejaremos, portanto, como a geografia existencial se plasma como consequência dessa mistura de gêneros operadas pelo autor. Singrando pela concepção de geografia existencial, romance de formação e autobiografia, nosso objetivo consiste em demarcar a importância dos relatos das viagens realizadas pelo eu narrador, bem como dos objetos e ausência deles para identificarmos a relação entre identidade e escrita. Reconhecemos, portanto, três eixos fundamentais qualificadores de Mãe, quais sejam, as viagens, os objetos e a escrita. Demarcamos que nossa pesquisa possui caráter bibliográfico e nosso referencial teórico consiste em obras que versam (i.) sobre a produção portuguesa contemporânea, em especial, as ponderações de Maria Alzira Seixo, Carlos Reis e Miguel Real, bem como sobre o (ii.) romance de formação discutido por Franco Moretti e sobre a (iii.) autobiografia consoante com as reflexões de Philippe Lejeune.

**Palavras-chave:** Hugo Gonçalves. "Mãe". Geografia existencial. Autobiografia. Romance de formação

**Lívia Vilaça Santos**

*Os caminhos da memória traumática em Mãe, de Hugo Gonçalves*

**Resumo:** Partindo, a princípio, das considerações teóricas de Márcio Seligmann-Silva, em "Apresentação da questão: a literatura do trauma" (2003), esta comunicação busca se debruçar sobre o romance, Mãe (2021), de Hugo Gonçalves, em que o personagem-narrador se depara com um tempo paradigmático, no qual irá iniciar uma viagem pela (re)construção do passado, precisamente a partir da morte da sua mãe. A ausência da figura materna constitui uma imagem fantasmática em que o narrador - obcecado por resposta - tentará preencher as lacunas da memória na tentativa de corporificar um passado dilacerado marcado pelo desamparo, pelo luto e pelo silenciamento. Neste sentido, a memória do narrador-personagem evidencia um choque violento que promove um desencontro com o real capaz de expor todas as feridas ainda pungentes, haja vista a advertência que abre o texto de Hugo Gonçalves: "este é um relato verdadeiro, ainda que, na tentativa de fazer sentido, a nossa memória seja tantas vezes imaginação". A personagem, por meio de discursos de terceiros, tentará recompor a figura da própria mãe por meio de um caminho tortuoso no exercício de enfrentar a memória traumática de sua infância.

**Palavras-chave:** Mãe; memória; trauma; luto, autoficção

**Maurício Dutra Félix**

*Materna Doçura: uma leitura das relações afetivas do protagonista no romance de Possidónio Cachapa*

**Resumo:** *Materna Doçura* é o romance de estreia do escritor português contemporâneo Possidónio Cachapa, publicado, pela primeira vez, em 1998. Utilizando sua obra como objeto, o presente trabalho analisará como as relações do protagonista do romance, Sacha, se insere naquilo que Daniel Lance classifica como “relações tríades”. Em sua obra “Além do Desejo: literatura, sexualidades e ética” (trad. Margarita Maria Garcia Lamelo), publicado em 2015, Lance apresenta relações tríades como base para a manifestação do desejo na ficção. Segundo o autor, o desejo é construído a partir de três pilares: o sujeito, que também pode ser chamado de amante; o objeto, aquele que é amado; e o rival, que, a depender do nível de rivalidade determinado pelo autor, pode ser conhecido, também, como modelo. Com isso, utilizando o conceito de relação tríade e os níveis de rivalidade apresentados por Lance, buscaremos analisar de que maneira as relações pessoais de Sacha, protagonista de *Materna Doçura*, são alicerçadas nestes três pilares: sujeito-objeto-rival.

**Palavras-chave:** Contemporâneo; Ficção; Sexualidades

**Thaíla Moura Cabral**

*Novíssima ficção portuguesa: uma leitura sobre "Grande Turismo", de João Pedro Vala*

**Resumo:** “Grande Turismo” (2021) é a obra de estreia do autor, pertencente à novíssima ficção portuguesa, João Pedro Vala. O livro começa a ser problematizado, no âmbito do gênero textual, já pela frase da capa: “provavelmente um romance”. Ao percorrer a estrutura da obra é possível associar a divisão dos capítulos como uma espécie de reunião de contos em torno do narrador--personagem João Pedro Vala. No entanto, a leitura de cada um dos capítulos permite a junção das peças em torno da problematização da existência do protagonista. Essa possibilidade de completude entre os textos, talvez, é o que nos leva a caracterizar “Grande Turismo” como um romance, não como uma reunião de contos. As relações de amizade, as ligações familiares, bem como a problematização da existência, são uns dos motivos que movimentam a história (ou as histórias). Destaca-se ainda, o pensar sobre o ofício da escrita como uma constante na narrativa. Diante do exposto, a comunicação pretende, a partir dos pressupostos teóricos de Gabriela Silva e Jorge Vicente Valentim (2021), Miguel Real (2012), Leyla Perrone-Moisés (2016), Orhan Pamuk (2010), entre outros, pensar sobre a escrita da arte do romance na novíssima ficção portuguesa, por meio da análise de “Grande Turismo”.

**Palavras-chave:** Novíssima ficção portuguesa. Grande Turismo. João Pedro Vala.

## Mesa 12 (NAP/CECH – Sala 6) – A novíssima ficção portuguesa II

**Maria Célia Martirani Bernardi Fantin**

*O olho de vidro das plantas: a indiferença narrativa em Djaimilia Pereira De Almeida*

**Resumo:** Um dos eixos temáticos que podem orientar a leitura do romance "A visão das plantas" (2021) de Djaimilia Pereira de Almeida é, sem dúvida, o que concerne às representações do mal na literatura (BATAILLE, MAGRIS). Para além das contradições e paradoxos que caracterizam o protagonista, capitão Celestino – capaz de cometer crimes hediondos mas também de se mostrar um sensível cultivador de plantas – o presente estudo visa verificar como se constrói a atitude narrativa calcada na indiferença, num jogo de narrar simbiótico estratégico, em que a voz do narrador, intencionalmente, adere à das plantas (BENVENISTE). Tal consciência onisciente em terceira pessoa, deliberadamente, não julga. Isenta-se de emitir qualquer espécie de atribuição axiológica sobre as façanhas horrendas cometidas em alto mar pelo corsário e, comportando-se como as plantas que, já em terra, este cultiva, adere à atitude das mesmas num jogo de narrar simbiótico. De certa forma, justapõem-se a atitude narrativa e a indiferença das plantas. Assim, a intencionalidade do narrar – investindo numa aparente neutralidade de distanciamento de foco - funciona como estratégia que eleva, à máxima potência, o estranhamento e a sensação de desconforto gerados conforme se avança na leitura do romance.

**Palavras-chave:** PALAVRAS-CHAVE: O mal na literatura. Atitude narrativa. Indiferença

**André Luís Gomes de Jesus**

*A primavera perdeu seu perfume: memória e apagamento em Conceição Evaristo e Djaimilia Pereira de Almeida*

**Resumo:** No ensaio "A imagem de Proust", Walter Benjamin, ao analisar a obra do escritor francês, chama a atenção para seus dois aspectos importantes: a tentativa de retomada, via memória involuntária, do vivido e a conseqüente alegria melancólica que a rememoração suscita no narrador proustiano, sugerindo, desse modo, a constituição de uma imagem interior não necessariamente ligada à paisagem externa. Partindo desse princípio de imagem interior, que também pode ser definida como imagem-malícia (DIDI-HÜBERMAN, 2014), propomos uma leitura aproximada entre os romances *Becos da memória* (2016), de Conceição Evaristo, e *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2018), de Djaimilia Pereira de Almeida. Em ambos os romances, a questão do deslocamento, do apagamento do vivido por meio da destruição de vínculos afetivos e geográficos – a desfavelização, no primeiro, e a mudança dos protagonistas de Luanda para o Paraíso, bairro da periferia de Lisboa, no segundo – insinua-se como elemento que promove uma reflexão sobre as diferenças e semelhanças que emergem de ambos os lados do Atlântico, potencializando os contatos culturais entre Angola, Brasil e Portugal, estabelecendo narrações que têm na morte e na melancolia o seu aspecto essencial

**Palavras-chave:** apagamento; melancolia; memória; morte

**Flávio Silva Corrêa de Mello**

*Entre o mar e o hotel: espaços intervalares em O retorno, de Dulce Maria Cardoso*

**Resumo:** Nesta comunicação pretendemos verificar como Rui, personagem-narradora de *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso (2012), busca um sentido de existência em um mundo em ruínas depois da queda do regime Salazarista e da Revolução dos Cravos. Em Lisboa, após o retorno de sua família, Rui encontra-se sitiado entre o ficar no hotel, em Estoril, local reservado aos retornados, e o sonho de emigrar novamente, vislumbrando o mar como uma paisagem poética, desejável. É nesse espaço de trânsito, zona intervalar, que ele habita uma possível intersecção. A fim de alicerçarmos nossas ideias, nos basearemos em alguns conceitos e estudos acerca de "não-lugares" em uma perspectiva dialógica com a análise do poema *Chuva Oblíqua*, de Fernando Pessoa. Contaremos com o suporte teórico de Marc Augé (2012), Fernando Guimarães (1999) e Eduardo Lourenço (1999 e 2003), entre outros.

**Palavras-chave:** Dulce Maria Cardoso. Fernando Pessoa. Literatura Portuguesa Contemporânea.

## MESAS DE COMUNICAÇÕES

QUARTA-FEIRA, 27 DE SETEMBRO DE 2023 | 14:00 – 16:00

### Mesa 1 (AT 8 – Sala 180): Dinâmicas estéticas medievais, clássicas, barrocas e neoclássicas

**Jeniffer da Silva**

*A representação da mulher na peça teatral O Cioso de Antônio Ferreira*

**Resumo:** A comédia "O Cioso", de Antônio Ferreira, é uma obra pouco conhecida, no entanto, sua análise reflete as influências e referências literárias do autor e dos demais dramaturgos do seu tempo. Ferreira possui uma acentuada formação clássica, leitor e tradutor da dramaturgia greco-romana, o autor desenvolve sua comédia de caráter com diversas características que destacam a sua leitura de Plauto, Terêncio, Menandro, entre outros autores clássicos. Ao estudar a história do teatro, percebemos que ele surgiu como uma ferramenta para ensinar o povo de forma ritualística, sendo assim, a representação da mulher se faz muito relevante, pois ela reforçava os estereótipos dos supostos papéis de cada gênero na sociedade. Por esse motivo, esse estudo se propõe a investigar as profusas figuras femininas presentes na peça "O Cioso" e entender como elas refletem a sociedade e vice-versa.

**Palavras-chave:** Teatro. Mulher. Ciúme. Antonio Ferreira.

**Leonardo Zuccaro**

*Fabulae in certamine: as academias e os lugares da fábula mitológica*

**Resumo:** As fábulas mitológicas (cujo grande modelo vem a ser a "Fábula de Polifemo y Galatea" de Luis de Góngora) foram onipresentes na vida literária espanhola sobretudo durante o século XVII; inclusive, foram tema das grandes polêmicas geradas naquele período. Já as produzidas em Portugal foram, ao longo dos séculos, relegadas a uma posição inferior em relação às espanholas, principalmente devido ao desconhecimento de poemas desse gênero por parte da historiografia literária. Tal escamoteação se dá pelos escassos exemplares impressos, a maioria deles presente somente nos volumes da antologia chamada "Fênix Renascida", de impressão setecentista. Nossa apresentação propõe trazer à luz, mediante indícios textuais e bibliográficos, uma farta produção de fábulas mitológicas em certames poéticos propostos em academias portuguesas, sobretudo durante a segunda metade do século XVII, evidenciando, assim, o local e a circunstância compositivas de poemas desse gênero.

**Palavras-chave:** Fábulas mitológicas. Academias portuguesas. Poesia seiscentista. Livros manuscritos

**Petrônio Matias dos Santos**

*As três faces de Beatriz*

**Resumo:** Esse artigo tem por objetivo estabelecer um estudo comparativo entre a obra de Dante e a obra *Camões* pautado na ambiguidade, na contradição e na obscuridade entre um momento de transição: a Idade Média e a Renascença. Nada mais ambíguo e contraditório do que aquele movimento que intitulamos Humanismo. Nele encontramos o germe de todos os signos e conflitos que a Renascença reelabora intensamente. O poema dantesco é a mais perfeita representação desse período; fruto de uma mente arraigada e nutrida no mundo medieval, é já a síntese de toda uma nova sensibilidade, na qual o indivíduo é o núcleo de todos os movimentos, e onde a serena melodia das esferas celestes começa a ser substituída pela rumorosa e ruidosa polifonia da história. Se nele o mundo e os valores são medievais, por trás deles espregueira e esgueira uma nova força: o indivíduo e sua enorme capacidade de sobrepor-se ao mundo. Ambíguo, bifrontal e dual, este poema é de tal forma fruto de um tempo, que este mesmo já não se reconhece a não ser no espelho que ele oferece. Como Dante foi poeta épico e lírico, *Camões* também o foi. Se Dante escreveu "A Divina Comédia", *Camões* escreveu "Os Lusíadas". Se o primeiro tem Beatriz, o segundo tem Portugal. Se um se move em direção ao céu, o outro glorifica o esforço do homem na terra. Porém, se um olha para cima e o outro olha para baixo, ambos buscam a mesma coisa: a suntuosa apoteose do Humano. Se os caminhos são diversos, o fim é único ...

**Palavras-chave:** *Camões*; Os Lusíadas; Dante; Divina Comédia; Idade Média; Renascença.

**Marina Gialluca Domene**

*Ousadia além-túmulo: um Diabo ofendido e salvação no "Auto do Purgatório"*

**Resumo:** Nas três peças da chamada "Trilogia das Barcas", de Gil Vicente, percebemos que o Diabo parece não estar satisfeito apenas em acusar as almas com seus pecados, e também detém a primazia dos insultos. Poucos são os mortos que ousam enfrentá-lo em um duelo de troças. O "Auto da barca do Purgatório", segunda peça da Trilogia, reúne quase todos os desafiantes: as almas defendem-se ativamente, não-raro lançando suas próprias ofensas. Todas as personagens o fazem, à exceção do Tافل. Curiosamente, ele é também o único a ser condenado ao Inferno. Isso possibilita a hipótese de uma relação entre a capacidade de uma personagem defender-se das ofensas do Diabo e sua chance de alcançar a salvação e embarcar no batel divino. Propomos, aqui, a análise de diferentes personagens e de sua reação ao arrais infernal, verificando nossa hipótese.

**Palavras-chave:** Gil Vicente; Diabo; ofensa; salvação



## Mesa 2 (AT 8 – Sala 181): Dinâmicas oitocentistas

**Luzia Ribeiro de Carvalho**

*As modernidades na obra de Gomes Leal*

**Resumo:** Esta comunicação tem como propósito apresentar traços marcantes da modernidade na obra do poeta Antônio Duarte Gomes Leal. Esse autor, que escreveu durante mais de 50 anos, deixou-nos uma vasta produção, como livros de poemas, romance, teatro e crítica literária. Ao analisarmos sua recepção no Brasil, identificamos que alguns de seus livros foram muito comercializados e comentados aqui, o que gerou análises com opiniões variadas. Através da circulação de seus poemas na imprensa periódica brasileira, identificamos como, no último quartel do século XIX, alguns críticos indicavam perspectivas diversas de modernidade em suas composições. Partindo de resenhas críticas feitas a alguns poemas do livro *Claridades do Sul* (1875) que recolhemos de jornais brasileiros, buscamos identificar quais aspectos foram destacados pelos colunistas da época, que chegaram a considerá-lo como um poeta moderno.

**Palavras-chave:** Gomes Leal; Modernidade; Poesia Portuguesa; Imprensa Periódica

**Patrícia Chaves Ribeiro**

*Garrett ou a ilusão desejada*

**Resumo:** Resumo da pesquisa: A proposta estuda a Literatura portuguesa, especificamente, o Romantismo literário em Almeida Garrett, “Camões”, marco inicial do Romantismo. O objetivo da pesquisa: Enfrentar o contexto do lírico e seu lirismo, como por exemplo, as notas românticas principais, encarando-as como uma nova maneira de se expressar do poeta. Analisar os modelos clássicos que ainda permeiam a poesia lírica, porque sabemos que os escritores daquela época, eram românticos em espírito, ideal e ação política e literária, mas ainda clássicos em muitos aspectos. Metodologia: Partir dos conceitos de literatura moderna e considerar a questão do valor da obra, a questão posta é ser uma obra menor ou não dentro do Romantismo português. Justificativa: Parece imprescindível e justificável uma pesquisa que revise o gênero lírico produzido em Portugal no séc. XIX, com campo de atuação, no contexto no Romantismo, fase de muito interesse por obras que tencionava os gêneros e sua natureza. Assim sendo, a originalidade da pesquisa não consiste em analisar apenas a espessura da poesia, mas, trazê-la, para o cenário da discussão analítica, para saber até que ponto, os versos e a poesia de Garrett afastam-se e aproximam-se do próprio Romantismo português.

**Palavras-chave:** Garrett. Romancismo português. gênero lírico

**Lucas do Prado Freitas**

*Uma incursão por "Singularidades de uma Rapariga Loira": os véus diáfanos do Jovem Eça*

**Resumo:** O subtítulo de *A Relíquia* (1887) – Sobre a nudez forte da verdade, o mando diáfano da fantasia – não só caracteriza muito bem o jogo de dissimulações encenado por Teodorico Raposo, como está na raiz do pensamento filosófico de Eça de Queirós. A problemática filosófica decorrente das névoas e véus (MATOS, 2019) que atravessam a produção queirosiana é relativamente fácil de ser apontada no último Eça (REAL, 2006), no entanto, nesse quesito, pouco se tem falado do jovem Eça, definido pelo alinhamento com as diretrizes programáticas do realismo. Esta incursão por “Singularidade de uma rapariga loira”, conto originalmente publicado no *Diário de Notícias* em 1874, visa justamente apontar os primeiros sinais de um permanente questionamento epistemológico. Jogos cênicos, enquadramentos de janela ou de cortinas e idealizações amorosas descrevem os enganos do jovem Macário, incapaz de acreditar que a bela mulher pela qual dera tudo de si era uma ladra. No Eça debutante em literatura, ocorrem já dúvidas filosóficas importantes, as quais nunca deixarão de ser trabalhadas pelo romancista. Observamos, com isso, a fecundidade dos aprendizados românticos da juventude e a necessidade do seu estudo pela valorização da filosofia na obra queirosiana.

**Palavras-chave:** Literatura Portuguesa. Filosofia e Literatura. Eça de Queirós

**Felipe Frasson Fusco**

*O Camilo Pessanha de João de Castro Osório*

**Resumo:** Entre as primeiras levas críticas levantadas em torno da breve obra de Camilo Pessanha (1867-1926), destacam-se a introdução e posfácio feitos por João de Castro Osório à *Clepsidra* e outros poemas, publicada pela editora Ática em 1969. Por se tratarem de paratextos à obra do autor, pensar-se-ia serem materiais irrelevantes. No entanto, suas dimensões – mais de 250 páginas no total, frente a uma obra de menos de oitenta poemas líricos, traduções e uma resenha – apontam sua pretensão em adentrarem a fortuna crítica do poeta. Sua leitura revela mais do que o biografismo denunciado pelos estudiosos da década de 90 em diante. Assim, o presente trabalho busca relevar, no aparato crítico à referida edição dos poemas de Pessanha: as estratégias discursivas para o controle autoral do texto poético, as linhas de força e os aspectos de vanguarda.

**Palavras-chave:** João de Castro Osório. Camilo Pessanha. Leitura. Crítica

**Jean Carlos Carniel**

*Entre máscaras e véus: o duplo em Contos fantásticos, de Teófilo Braga*

**Resumo:** Teófilo Braga publicou originalmente sua coletânea *Contos fantásticos* em 1865. Mais tarde, em 1894, ele lançou uma nova edição, dando um acabamento estilístico aos textos e acrescentando outras narrativas. Posteriormente, em 1914, sai a terceira edição, como parte das *Obras Completas* do autor. É de nosso interesse comentar algumas particularidades da terceira edição, que se diferencia das demais devido à reordenação e à reescritura dos textos. A nossa hipótese de pesquisa é a de que, no referido volume, a temática do duplo ganha certo relevo, por causa das alterações acima mencionadas e, por isso, esse tema pode ser uma chave de leitura para a compreensão do efeito do fantástico na referida obra. Como aparato teórico-crítico, dialogaremos com autores diversos, como Remo Ceserani (2006), João Gaspar Simões (1987) e outros. Pretendemos demonstrar como a temática do duplo ganha novos estatutos na edição de 1914, uma vez que a disposição das narrativas amplia as possibilidades de leitura. Em outras palavras, Teófilo dá um efeito de unidade aos textos, criando uma narrativa maior, acerca de uma personagem e sua relação com um possível duplo.

**Palavras-chave:** Fantástico. Duplo. Século XIX. Teófilo Braga

### Mesa 3 (AT 8 – Sala 182): Dinâmicas poéticas

**Pedro Alaim Martins Garcia Júnior**

*Os Lusíadas, a epopeia renascentista e a embrionária episteme moderna: algumas considerações*

**Resumo:** Ao redor do marco dos quatrocentos e cinquenta anos de publicação de *Os Lusíadas*, a comunicação “*Os Lusíadas, a epopeia renascentista e a embrionária episteme moderna: algumas considerações*” pretende debruçar-se sobre determinados aspectos axiais da incompatibilidade, denunciada por Camões em *Os Lusíadas*, entre as premissas do conhecimento humanista e os vetores pragmáticos operantes no Renascimento, considerando-se que reside nessa incompatibilidade, na questão da efetividade do conhecimento, uma evidência inescapável do problema epistemológico presente já na base do movimento histórico moderno. Nessa linha de reflexão, serão observadas as relações de consonância e dissonância entre o projeto épico camoniano, as diretrizes teóricas humanistas e os resultados da experiência humana em um mundo que começa a ser organizado pela preponderância da lógica mercantil, o que implica examinar a criticidade motora de *Os Lusíadas*, uma vez que é a partir da observação do que se reafirma e do que se questiona da tradição social e da artística, que se podem flagrar as distinções do projeto camoniano em relação à embrionária episteme moderna e os seus deslocamentos em relação ao gênero épico. Essa proposta tem como suporte analítico as diretrizes metodológicas do comparativismo literário postas em interlocução com determinados conceitos operatórios da crítica semiótica. Mediante um exame comparativo de narrativas épicas compostas em contextos epistemológicos diversos – *Ilíada* (2013) e *Odisseia* (2001), de Homero, *Eneida* (2021), de Virgílio, e *Os Lusíadas* (1990), de Camões –, busca-se caracterizar o sistema semiótico da epopeia renascentista, no qual *Os Lusíadas* se inserem, a fim de que se visualizem os deslocamentos operados por Camões em relação à tradição epo-epidíctica com que dialoga, ao mesmo tempo que se evidencia o problema epistemológico denunciado por Camões na estrutura silogística de *Os Lusíadas*.

**Palavras-chave:** *Os Lusíadas*. Epopeia. Humanismo. Modernidade. Episteme.

**Leonora Pinto Mendes**

*A horta de Flérida - o lugar da música e do amor*

**Resumo:** A música no teatro vicentino tem sido muito pouco estudada embora alguns estudiosos apontem a sua importância e o pioneirismo do autor em valorizar este recurso e utilizá-lo em abundância. O enredo da tragicomédia *D. Duardos*, que conta a história de amor entre *D. Duardos*, príncipe inglês e a princesa *Flérida*, filha do Imperador *Palmerim de Constatinopla*, se desenvolve na sua maior parte, na horta de *Flérida*, local também das canções utilizadas no auto. As letras de algumas canções trazem apenas os primeiros versos. No entanto, se formos buscar nas fontes musicais, são longos poemas amorosos cujos versos, embora tenham sido cantados no momento da representação, não constam do texto vicentino. Com esse trabalho

pretende-se trazer à luz esses poemas cantados e pensar em como podem ter contribuído com o mote do enredo proposto pelo autor.

**Palavras-chave:** horta - música – amor

**Annie Gisele Fernandes**

*A lírica moderna portuguesa e o soneto*

**Resumo:** A Lírica Moderna é amplamente conhecida pelas muitas e variadas transformações do e no poema, dos seus elementos constitutivos, sejam os temáticos, sejam os estético-formais, do fazer poético. A poesia realista, por exemplo, consciente da força imagética das palavras, compõe quadros (muitas vezes, impressionistas) através dos quais o leitor pode ver o poema. A poesia simbolista, por sua vez, operou transformação muito significativa quanto à sonoridade e à plasticidade do (e no) poema, a ponto de impor tanto a orquestração sinfônica, a “Instrumentação Verbal” (René Ghill), o jogo entre o som e a supressão do som, como a interrelação e a interdependência entre som e imagem. A fortuna crítica é eloquente quanto a essas questões. Entretanto, o soneto e as variações que lhe foram incorporadas são pouco referidos. Pensemos, a título de exemplo, nos sonetos em tom de crônica (p. ex. “Soneto 8”, de António Nobre); nos sonetos com metro alternado pelo “seu quebrado” (“A Música”, de Charles Baudelaire); nos sonetos constituídos de versos decassílabos de acentuação variada (praticamente todos os de A. Nobre e de Camilo Pessanha). Nesses casos, o modelo sempre foi o soneto petrarquiano e foi nele que a renovação poética se deu, sobretudo porque, em Portugal, raríssimas vezes se compôs o shakespeariano (que, entretanto, Jorge de Sena considera e reestrutura). A proposta é refletir sobre o soneto na Lírica Moderna, tendo como pano de fundo os modelos italianos originários, que antecedem em mais de um século as composições de Petrarca

**Palavras-chave:** lírica portuguesa; soneto; modelo italiano

## Mesa 4 (AT 8 – Sala 183): Diálogos com/em José Saramago

**Marcelo Franz**

*"Mudados consoante os olhos que os veem": Camões e Pessoa segundo Saramago*

**Resumo:** Analisaremos a peça teatral *Que farei com este livro?* (1980) e o romance *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984). Utilizando como instrumental teórico o que é sugerido pela reflexão de Gerard Genette sobre formas de transtextualidade (em *Palimpsestos* (2010)), observaremos nas obras analisadas as relações intertextuais que estabelecem com textos anteriores aos quais se reportam de modo crítico. São dois interessantes casos de intertextualidade, ancorados na descrição paralela de vivências de criação literária pelos protagonistas em contextos de crise (o da controversa edificação do império ultramarino no século XVI e das guerras mundiais no século XX), o que aponta para a discussão sobre o lugar do escritor na sociedade e como as vicissitudes dessa experiência interferem na receptibilidade do que é produzido pelo artista. As metáforas do exílio e do retorno são importantes nos enredos das obras que aqui lemos. O norte de nossa reflexão é a constatação de que a experiência transtextual, baseada na vivência leitora verticalizada e radical das obras visitadas por Saramago - as quais ele faz referência e reverência -, é, nos dois livros que analisamos, tanto a motivação da iniciativa criativa do autor quanto o centro da caracterização dos personagens em suas ações.

**Palavras-chave:** Transtextualidade. Saramago. Camões. Pessoa

**Marilda Beijo Fróes**

*A influência de Montaigne na escrita de José Saramago*

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é investigar o modo como a escrita ensaística do escritor português José Saramago é influenciada pelas teorias sobre o gênero ensaio, desenvolvidas pelo filósofo Michel de Montaigne (*Ensaaios*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 1991). A ligação de Saramago com Montaigne aparece pulverizada por toda obra saramaguiana e, por isso, será necessário lançar uma visão panorâmica sobre suas ideias, traçando um percurso para chegar ao romance *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977). Pretende-se discutir os indícios do viés ensaístico, ou seja, aquele tipo de escrita consciente do ofício do escritor e do ato de escrever e que deixa transparecer na própria escrita, de forma metalinguística, essa consciência, pelo fato de colocar em foco a construção da criação literária. Saramago constrói uma reflexão intrínseca a sua escrita que faz com que o escritor discuta, profunda e seriamente, o ofício e a responsabilidade de lidar com as palavras, ensaiando uma tentativa de compreender o mundo que o rodeia, ao mesmo tempo em que compõe sua prosa de ficção.

**Palavras-chave:** José Saramago, Michel de Montaigne, escrita, ensaio, literatura portuguesa

**Rosemary Gonçalo Afonso**

*Ao encontro do autor: Saramago e Peixoto no romance Autobiografia*

**Resumo:** No romance *Autobiografia*, lançado em 2019, José Luís Peixoto traz para o seu universo ficcional o escritor português José Saramago, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1998. A narrativa, que percorre explicita e implicitamente a obra de Saramago, gira em torno da angústia provocada em um novo escritor pelo desafio de publicar um segundo romance, enquanto tenta cumprir a tarefa de biografar o colega já consagrado. Nosso trabalho observa questões inerentes ao próprio título do romance, destacando a presença do autor naquilo que escreve. Num romance que se dispõe a falar de um, sendo escrito por outro, a defesa de que os textos são autobiográficos, como concordam os dois escritores, é evidenciada. Acerca do tema, José Saramago expõe sua posição em entrevistas e textos de diferentes gêneros, sendo um deles seu romance *Manual de pintura e caligrafia*, que contribui nas reflexões propostas por nossa análise.

**Palavras-chave:** Literatura Portuguesa Contemporânea. José Luís Peixoto. José Saramago

## Mesa 5 (AT 8 – Sala 184): A novíssima ficção portuguesa

**Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo**

*O trabalho metaficcional em "Livro", de José Luís Peixoto*

**Resumo:** Esta comunicação pretende analisar o caráter metaficcional do romance *Livro*, do autor português contemporâneo José Luís Peixoto, além de deslindar a tessitura em trânsito da obra, calcada em procedimentos de intertextualidade e na convocação em alto grau do engajamento do leitor. A escolha de uma espécie de não-título por Peixoto, o caráter metaficcional e inacabado do romance, no qual o processo de construção literária sobrepõe-se ao produto final, convocam uma leitura contemporânea. Temos diante de nós um livro sem título, que remete ao infinito enquanto possibilidade criativa, e que se oferece ao leitor como o próprio objeto livro, em constante expansão, sem um centro gravitacional único de delimitação. *Livro* denota ainda o caráter intertextual e em constelação de toda obra, que não pode ser circunscrita temporalmente apenas ao período em que foi escrita, pois retoma textos anteriores e coevos, além de ecoar em períodos históricos subsequentes. As reflexões sobre metaficção serão baseadas em textos de Linda Hutcheon (1991), Cícero Corsi (2014) e Milena Maia (2016).

**Palavras-chave:** Metaficção. Intertextualidade. José Luís Peixoto

**João Gabriel Ribeiro Barbosa**

*Quinhentos anos de equívocos: memória e releitura em Deus-dará*

**Resumo:** Como um álbum de lembranças, *Deus-dará: sete dias na vida de São Sebastião do Rio de Janeiro*, ou o apocalipse segundo Lucas, Judite, Zaca, Tristão, Inês, Gabriel & Noé (2016), de Alexandra Lucas Coelho, propõe uma releitura da história da cidade do Rio de Janeiro, antiga capital do Império Português. A partir dos desdobramentos da relação Brasil-Portugal, tensiona-se passado/presente com sete personagens que transitam por uma cidade 'apocalíptica'. Com isso, o presente projeto de pesquisa de Iniciação Científica objetiva-se a investigar relação país colonizado e país colonizador na contemporaneidade, bem como as inovações estéticas que a obra traz, inserindo-a na Novíssima Literatura Portuguesa. Sendo assim, pretendemos estar amparados pelas teorias pós-colonialistas, sobretudo os trabalhos de Homi K. Bhabha (2001), Stuart Hall (2001; 2003), Edward Said (1996; 2011), e Boaventura de Sousa Santos (2001; 2003). Além disso, nos apoiaremos nas contribuições de Gabriela Silva (2016) sobre as tendências da ficção portuguesa contemporânea.

**Palavras-chave:** pós-colonialismo. memória. Brasil/Portugal. colonizado/colonizador.



**Renan Henrique Messias de Paulo**

*Cosmopolitismo e espaço habitado em Baiôa sem data para morrer, de Rui Couceira*

**Resumo:** N’O Romance Português Contemporâneo Miguel Real, escritor e ensaísta, defende a ideia de que o romance contemporâneo português “tornou-se cosmopolita, eminentemente urbano, dirigido a um leitor global, explorando temas de caráter universal, centrado em espaços geográficos exteriores à realidade nacional” (REAL, 2012, p. 11). Nesse sentido, a prosa contemporânea portuguesa tenta fugir dos traços que marcaram sua literatura na primeira metade do século XX, com romances regionais, rurais e que buscavam esboçar a identidade do sujeito português. Dito isto, este trabalho tem como objetivo encontrar no romance *Baiôa sem data para morrer*, lançado em 2022 por Rui Couceiro, traços do cosmopolitismo, uma vez que o romance narra a vida dos moradores do vilarejo Gorda-e-Feia, no Alentejo, especialmente Joaquim Baiôa que tem a missão de reconstruir as casas do vilarejo. Com uma população idosa, os moradores de Gorda-e-Feia vivem num estado de melancolia e à espera da morte. Sendo assim, este trabalho busca encontrar na narrativa elementos que enquadram o romance como cosmopolita, já que a premissa do livro não apresenta esse caráter universal. Além disso, pretende-se analisar o tom melancólico presente na obra, sendo essa melancolia promovida pelo atraso e pelas relações sociais que se configuram entre as personagens principais.

**Palavras-chave:** Romance Português Contemporâneo. Cosmopolitismo. Rui Couceiro. Melancolia

**Milena Figueirêdo Maia**

*O jardim cruziano - Uma breve leitura da Enciclopédia da Estória Universal, de Afonso Cruz*

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo realizar uma leitura da coletânea *Enciclopédia da Estória Universal*, de Afonso Cruz, e suas relações inter e intratextuais. Ao elaborar uma enciclopédia que rompe com os moldes tradicionais, Afonso Cruz assinala “o caráter duplo da ficção que mistura, de uma forma inevitável, o empírico e o imaginário” (SAER, 2022). Tal organização mescla personagens ficcionais do autor, como o pantólogo Teóphile Morel, o bibliófilo Isaac Dresner e a artista Tsilia Kasev, com personagens reais, como Homero, Séneca e Herman Melville, além de utilizar algumas estratégias metaficcional para estabelecer o cruzamento entre ficção e realidade. Ademais, será realizada uma análise de como se dá a construção da rede intertextual dos verbetes da enciclopédia com outras obras literárias e a relação intratextual de personagens do autor Afonso Cruz nos volumes da *Enciclopédia da Estória Universal* e nos romances *A boneca de Kokoschka* e *Nem todas as baleias voam*, criando uma espécie de comunidade de personagens que circulam por suas obras.

**Palavras-chave:** Afonso Cruz. Enciclopédia da Estória Universal. Metaficção. Intertextualidade. Intratextualidade

## Mesa 6 (AT 8 – Sala 28): Literaturas Africanas de Língua Portuguesa em foco

**Fabiana Francisco Tiberio**

*A escrita do testemunho em Papéis da Prisão, de Luandino Vieira*

**Resumo:** Este texto tem como objetivo propor uma leitura da obra *Papéis da Prisão*: apontamentos, diário, correspondência (1962-1971), de Luandino Vieira, à luz das teorias sobre a “literatura de testemunho”. Acredita-se que a leitura sob esse viés teórico expande as possibilidades de interpretação e permite abordar os elementos mais complexos implicados na obra, na qual a história e a literatura se imbricam e se questionam as fronteiras entre o fictício e o factual, entre literariedade e literalidade. Para tanto, serão realizadas leituras de obras consideradas emblemáticas da “literatura de testemunho” e como aporte teórico recorreremos aos textos de Márcio Seligmann-Silva, Valéria de Marco, Jeanne Marie Gagnebin, Theodor Adorno, Giorgio Agamben, Luiz Costa Lima, entre outros.

**Palavras-chave:** *Papéis da Prisão*, Luandino Vieira, literatura de testemunho

**Brigida Priscila Neves Deramio**

*Memória e identidade: uma breve análise da personagem Mwadia Malunga de O outro pé da sereia, de Mia Couto.*

**Resumo:** Mwadia Malunga, protagonista de *O outro pé da sereia*, traz forte estrutura ao cenário da trama, a começar por seu nome, que significa “canoa”. Nesse sentido, a personagem transmite a ideia de que pertencera a duas épocas, e que, assim, promove questionamentos entre o passado e o presente. Mwadia vive um histórico desafio: levar uma Santa católica encontrada nas águas até um destino seguro. E é durante essa caminhada que ela vivencia conflitos relativos à memória e à identidade. Segundo Aleida Assmann, o conceito de memória está atrelado ao tempo e as feridas não são curadas por meio da recordação, mas sim, aliviadas. A presente proposta de comunicação pretende discutir o processo de identidade enraizado através da memória da personagem em questão, cujas imagens são fortalecidas na referida obra influenciando o ato de valorização e reconhecimento da própria cultura. Para isso, a comunicação pretende utilizar teóricos como Stuart Hall, Aleida Assmann e Márcio Seligmann-Silva.

**Palavras-chave:** Literaturas africanas de língua portuguesa. Mia Couto. *O outro pé da sereia*. Memória. Identidade

**Geovanna Campos Schiavinato**

*“Duas infâncias: uma leitura comparativa entre Minha vida de menina, de Helena Morley e AvóDezanove e o segredo do soviético, de Ondjaki”*

**Resumo:** Esta pesquisa pretende construir uma perspectiva das diferentes construções narrativas sob a ótica da infância em *Minha vida de menina* de Helena Morley e *AvóDezanove e o segredo do soviético*, de Ondjaki. De um lado, uma menina criada em Diamantina-MG no final do século XIX; de outro, um menino narrando as aventuras de sua infância em uma Luanda dos anos 1980. Embora distantes geográfica e temporalmente, ambos os livros possuem a mesma composição da voz narrativa, a visão da criança sobre relações humanas e o espaço social de países que passam por uma herança colonial portuguesa. Assim, Helena Morley escreve em seu diário os acontecimentos da infância, enquanto Ondjaki, através da memória, mescla elementos da ficção com a realidade vivenciada. Espera-se, por meio dessa análise comparativa, compreender as diferentes formas de escritas de si e como elas se estabelecem quanto às especificidades das literaturas brasileira e angolana, além de aprofundar os estudos sobre as relações possíveis entre ambas as literaturas. Para tanto, tomamos como balizas teóricas principais: “Considerações sobre autobiografia”, de Maria Célia Leonel e José Antônio Segatto; *Literatura comparada*, de Tânia Carvalho; “Livro que nasceu clássico”, de Alexandre Eulálio e “África em Ondjaki”, de Rita Almeida e Francisco Topa.

**Palavras-chave:** Literaturas em língua portuguesa. Escritas de si. Literatura comparada. Helena Morley. Ondjaki

**Mariana Souza Temoteo**

*A mimese em As Vistas do Dr. Valdez', de João Paulo Borges Coelho.*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os conceitos de mimese e o papel da representação mimética, na interface da relação social entre colonizador e colonizado, no romance *As visitas do Dr. Valdez*, de João Paulo Borges Coelho. O processo mimético constatado ao longo da obra, evidenciado através da convivência das personagens em um apartamento, além de ser utilizado, neste estudo, como arte de camuflagem é reconhecido como uma ação de ambivalência representativa de um acordo irônico entre as partes. Junto a essa ambivalência de ‘imitar’ com excesso, discutiremos as mudanças que as principais personagens sofrem doravante a interferência das visitas do Dr. Valdez, traços problematizadores do impacto da colonização e da colonialidade nas relações cotidianas. Assim, optamos por focalizar a importância da mimese para demarcar a contradição social estabelecida, enquanto estratégia narrativa utilizada com a finalidade de questionar a estrutura social colonial e do pós-independência de Moçambique. Alicerçamos nossas análises nos estudos de Homi Bhabha (2014) e Albert Memmi (1967), acerca da mimese e das relações estabelecidas entre o colonizador e o colonizado, respectivamente, dentre outros.

**Palavras-chave:** Literatura moçambicana, João Paulo Borges Coelho, pós-independência, mimese, representação.

## Mesa 7 (AT 8 – Sala 185): A ficção portuguesa contemporânea de autoria feminina

### Cláudia da Cruz Cerqueira

*A astúcia da enunciação, na construção da voz feminina autoconsciente, do conto "As três mulheres sagradas", de Lídia Jorge.*

**Resumo:** A proposta da comunicação é desenvolver uma leitura do conto "As três mulheres sagradas", de Lídia Jorge. Essa leitura tem como objetivo explorar, analiticamente, as evidências de seu jogo de vozes. Com esse propósito, observar como se constroem as evidências de uma voz feminina. Explorar, portanto, a condição da intelectual contemporânea que, ao exercitar a escrita, a partir de uma elaboração autoconsciente (aquela em que a literatura tem como tema sua própria construção), procura intervir no espaço público pela palavra. Está implícito, no direcionamento desse recurso da representação, a importância dos leitores em atividade crítica. Assim se evidencia, na elaboração dessa perspectiva, um chamado da escritora implicada na narrativa que lhe permite provocar o senso comum.

**Palavras-chave:** Enunciação. Vozes literárias. Feminismo contemporâneo

### André Carneiro Ramos

*Qualquer coisa que signifique: o protagonismo da linguagem no romance "Ecologia", de Joana Bértholo*

**Resumo:** A presente comunicação propõe uma leitura do romance "Ecologia", de Joana Bértholo, explorando a criativa utilização de experimentações intersemióticas das mais diversas – QR codes, emojis, obras de arte, fotografias, simulações operacionais de computador, etc. –, que na instância narrativa em questão parecem querer atribuir à linguagem um tom de substancial protagonismo, com vistas à construção de uma reflexiva distopia. Para tanto, discutiremos essas e outras temáticas à luz de Byung-Chul Han (2015), Giovana Madalosso (2022), Italo Calvino (1990) e Michel Foucault (1996), examinando o caráter visionário dessa jovem autora, que problematizou em seu livro, dentre outros tópicos, o avanço de uma torpe atmosfera antidemocrática na atualidade, bem como o perigo do "antropoceno", conceito metaforizado na trama por intermédio da "lógica dos ecos", a evidenciar um crescente e hegemônico poder das megacorporações, com seus destrutivos impactos gerados/ampliados pelas mídias sociais e as Fake News, por exemplo. Na contracorrente disso tudo, a literatura ainda resiste como um dos últimos territórios em que a cognição e a liberdade producentemente se resguardariam.

**Palavras-chave:** Joana Bértholo. Romance português contemporâneo. Geração dos novíssimos. Intersemiótica. Antropoceno

**Vivian Leme Furlan**

*A novíssima literatura de autoria feminina: o corpo-texto de O meu amante de domingo*

**Resumo:** Pretende-se, nesta comunicação, lançar um breve olhar para o romance *O meu amante de domingo* (2014), de Alexandra Lucas Coelho, a partir de uma perspectiva crítica em relação ao corpo feminino. Isso porque a escrita praticada pelas mulheres está diretamente relacionada a um movimento corpóreo de resistência, já que o trabalho criativo das mulheres foi, por muito tempo, invisibilizado dentro da história literária. Ora, a atualidade do corajoso e irônico discurso do romance da jornalista portuguesa revelará que, cada dia, mais e mais mulheres estão despertando para uma lucidez a respeito da ocupação feminina necessária e urgente na literatura. As reivindicações atuais estão ligadas muito mais à vivência de um corpo e de uma sexualidade feminina livre, como é o caso da personagem do romance em questão. Além disso, a protagonista supera as ideias de casamento, de amor romântico e de maternidade, colocando às claras, na tessitura narrativa, a gestação do próprio livro, nos fazendo pensar que a maternidade, para a personagem, está muito mais atrelada à gestação criativa da mulher, que não produz um corpo, mas carrega consigo um corpo-livro, um corpo-texto que, em sua potência narrativa, desmantela a ideia de corpo-objeto a que nós mulheres sempre estivemos submetidas.

**Palavras-chave:** autoria feminina; corpo; novíssima literatura portuguesa; crítica literária feminista

## Mesa 8 (AT 8 – Sala 186): Dinâmicas de autorias femininas

**Tatiana Pequeno da Silva**

*Maria Gabriela Llansol, ensino e transmissão (de literatura portuguesa)*

**Resumo:** Ao final d' *O Livro das Comunidades*, Maria Gabriela Llansol adiciona, na maioria das edições, os "Apontamentos sobre a Escola da Rua de Namur", texto que talvez conte algo importante, porque político, sobre a gênese do livro que introduz sua primeira trilogia, "Geografia de Rebeldes". Interessada em discutir os impasses de uma experiência pedagógica que termina malsucedida em função das diferenças entre projetos individuais e coletivos num espaço educativo que se desejava democrático e inclusivo em seu tempo de exílio, Llansol constrói, a partir daí, e em boa parte de sua obra, um pensamento contundente sobre os "temas carcerais" da cultura portuguesa. Ao enfrentar os temas aprisionadores da (sua) cultura, a escrevente termina por esbarrar, necessariamente, na transmissão da própria literatura portuguesa, em seus rochedos e em seus impossíveis, que só puderam ser contornados pelo exercício inicialmente marginal de sua escrita. A partir disso, pretendemos refletir sobre tais limites, considerando algumas especificidades da docência de literatura portuguesa no Brasil e em seus abismos.

**Palavras-chave:** Ensino e transmissão; Maria Gabriela Llansol e ensino; Política

**Leonel Isac Maduro Velloso**

*O feminino, o cuidado e a violência: leitura de alguns temas presentes em Os pregos na erva e Um beijo dado mais tarde, de Maria Gabriela Llansol.*

**Resumo:** Em entrevista a Artur Portela (1962), depois da publicação de *Os pregos na erva* (1962), Maria Gabriela Llansol, ao responder a uma pergunta do entrevistador sobre o tema de seu primeiro livro, produzido sob a tradição da "escrita representativa", traz, como ilustração, a imagem violenta de "Uma rapariga [que] foi espancada até ficar com as vértebras à mostra". Entretanto, é importante lembrar que ainda nesse livro, as personagens femininas demonstram, apesar da violência, implicações éticas através do ato do cuidado. A "rapariga espancada" citada, personagem do conto "A via de Pilatos", é quem recebe o desconhecido e errante Simão, personagem principal do conto, alimentando-o e cuidando dos pés adoecidos – sem esperar/receber nada em troca. Em outro conto, conhecemos Natália, personagem aprisionada em uma espécie de campo de extermínio, pagando com a própria vida, pelo direito de enterrar um morto. Logo, o objetivo deste trabalho é analisar tais temáticas e apontar como elas insistem e persistem, de alguma maneira, em outro livro de Maria Gabriela Llansol, *Um beijo dado mais tarde* (1990), ao narrar, agora pela via da "textualidade", a história da figura Maria Adélia, a serva, e do "mau silêncio" de uma casa.

**Palavras-chave:** Maria Gabriela Llansol; feminino; cuidado; violência

## Mesa 09 (AT 8 – Sala 188): Interfaces da ficção portuguesa contemporânea

**Alessandra Cristina Moreira de Magalhaes**

*O corpo e a casa em "A gorda", de Isabela Figueiredo*

**Resumo:** Esta comunicação pretende compreender como a escritora portuguesa Isabela Figueiredo reconfigura e atualiza, no livro “A gorda”, o corpo e a casa como topos recorrentes da literatura portuguesa, como já anunciou Jorge Fernandes da Silveira, em “Escrevendo a casa portuguesa”. A narrativa decorre em solo português e a autora inscreve em seu corpo as lembranças do passado, é como se estivesse nele o registro significativo do peso de se carregar tais memórias. Nesse sentido, a rasura em seu próprio corpo objetiva a construção de uma outra subjetividade, sobretudo porque quer experimentar viver sem ser olhada como um sujeito-abjeto por ser gorda. A casa portuguesa é uma outra chave de leitura importante dessas memórias. Os capítulos do livro são divididos como se fossem cômodos, a planta da casa é dissecada e cada um dos lugares também marca um espaço-tempo nesse mapa em que a deslocalização se torna uma questão para os retornados. Narrar o corpo e a casa é como querer saber qual é, de fato, o lugar que se ocupa na experiência partilhada da colonização.

**Palavras-chave:** Isabela Figueiredo; a gorda; autoria feminina; literatura portuguesa contemporânea

**Ivan Takashi Kano**

*Gente estranha no bairro: leitura e violência em Gonçalo M. Tavares e Roberto Bolaño*

**Resumo:** Este trabalho propõe um recorte comparativo entre as obras do escritor português Gonçalo M. Tavares e do chileno Roberto Bolaño de maneira a analisar como os temas da violência e da leitura se relacionam na elaboração dos personagens e dos dilemas que os constituem. Trata-se, pois, de analisar esses dois conceitos como categorias que se opõem entre si – a leitura como lugar utópico da criatividade em contextos em que imperam regimes políticos de exceção como as guerras e ditaduras –, mas também de ensaiar uma reflexão sobre como essas duas linhas de força narrativas estabelecem relações de contiguidade, quando o ato de ler, em suas variadas figurações, participa ativamente da manutenção da violência como elemento que estrutura tais universos literários.

**Palavras-chave:** Leitura. Violência. Gonçalo M. Tavares. Roberto Bolaño

## Mesa 10 (AT 1 – Sala 03) – Momentos da poesia portuguesa I

**Adriane Figueira Batista**

*"Esta mulher renascida na solidão caseira" - corpo-casa-palavra na poética de Cláudia R. Sampaio*

**Resumo:** Esta proposta busca refletir sobre os processos de escritura e as imagens suscitadas na obra *Uma mulher aparentemente viva* (2022), da poeta e artista plástica portuguesa Cláudia R. Sampaio. Aqui estamos imersas na intimidade da casa, deitadas com braços estendidos à espera de algo/alguém que nos “suspenda com os olhos”. A clausura imposta faz com que a voz poética se ausente do convívio contaminado e busque na solidão uma força capaz de catapultar, arrebatando o eu pluralizado, para engendrar um espaço-mulher que é parte amplamente presente em suas pinturas, mas chega à superfície dos seus versos com maior desenvoltura somente neste último trabalho. Nas páginas dessa passagem-paisagem, o eu é feito e refeito, movimento de devir sempre inacabado, a mulher escreve tateando o impossível e caminha sangrando sobre os cacos. Um corpo feminino que se soma às paredes e ao chão do espaço em ruína — a casa como um ambiente privado, solitário, fissurado. O corpo é entrevisto, semeado, um organismo vivo flutuando sobre e através do concreto, polinizado num gesto incompleto e transubstanciado. A metáfora do fragmento, do corpo-casa-palavra atingido pela passagem do tempo, no desaparecimento anunciado das margens de fora, de dentro.

**Palavras-chave:** escritura. Cláudia R. Sampaio. casa. corpo. fragmento

**Horácio dos Santos Ribeiro Pires**

*Decolonialidade do corpo e (re)significação do eu na poética de André Tecedeiro: performatividade, metamorfose(s), silêncio*

**Resumo:** O objetivo do presente trabalho é discutir e problematizar as questões da decolonialidade do corpo e (re)significação do Eu na poética de André Tecedeiro a partir de um recorte que leva em consideração a performatividade do sujeito, suas constantes metamorfoses e o papel do silêncio para “quem (se) transforma em tantas coisas”. Essa multiplicidade do Eu que vai se construindo por metamorfoses internas/externas (o dentro e o fora), a beleza de dentro que se encontra no avesso e que, na poesia, através dos fragmentos, tornam-se mapas possíveis. Para tanto, serão utilizados materiais teóricos que (re)ensem as concepções dos discursos pós-modernos como gênero/ sexualidade/ identidade, a noção biologizante que patologiza as identidades trans etc. através das contribuições de Judith Butler, Gayatri Spivak, Stuart Hall, Meijer e Prins, dentre outros. Desta maneira, o corpo decolonizado, atravessado pela linguagem poética e personificado no(s) (e pelo/s) poema(s), produz sentidos em um determinado contexto, os quais não correspondem àqueles estabilizados/ sincretizados/ petrificados pela sociedade cisnormativa, apontando para uma emancipação de corpos, de subjetividades.

**Palavras-chave:** Corpo. Performatividade. Metamorfose(s). Decolonialidade



**Bianca Mafra Gonçalves**

*Mitos (d)e sobrevida (anti)colonial: do troll à paródia em O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial, de Patrícia Lino*

**Resumo:** A partir de uma reflexão ensaística sobre os discursos que apelam para as mitologias fundacionais no contexto português, e que são revividos de tempos em tempos desde o fim do salazarismo, busco abordar a respeito dos horizontes de resgate das místicas imperiais considerando dois tipos distintos de produção: o livro de poemas *O Kit de Sobrevivência do Descobridor Português no Mundo Anticolonial*, de Patrícia Lino (2020), e um significativo – ainda que breve – arquivo virtual da extrema-direita de Portugal, em circulação nos últimos cinco anos. Com relação ao último, tratam-se de memes que propagam uma ideologia conservadora e nostálgica do imperialismo luso, utilizados em redes sociais como provocação e deboche (ou comportamento troll) em discussões de pautas mais reativas, tais como a cidadania portuguesa para afrodescendentes e as relações interculturais atualmente estabelecidas entre a antiga metrópole e suas ex-colônias. Com isso, pretendo construir um quadro crítico acerca das questões históricas, políticas e estéticas forjadas em tais produções que assinalo pertencentes a uma “alt-right portuguesa”, em contraposição aos gestos paródicos presentes na obra de Lino.

**Palavras-chave:** Anticolonialismo. Colonialismo. Memes. Paródia. Poesia

**Gabriel Guimarães Barbosa**

*Uma tília que vai de Goethe a Fiama Hasse Pais Brandão*

**Resumo:** A apresentação busca identificar como a imagem do gênero botânico tília é construída pela poética de Fiama Hasse Pais Brandão como forma de apresentar um diálogo com a obra de Goethe, atribuindo à planta um índice intertextual, uma das marcas da obra da poeta e tradutora do alemão portuguesa. Para tal, será necessária uma breve explanação de como as plantas agem enquanto índices intertextuais na poética de Fiama, identificando, posteriormente, como a tília é utilizada enquanto imagem de uma leitura de Goethe, analisando também o uso da citação e alusões de nível mais conceitual e teórico levantadas pela obra e pelo pensamento do alemão. Como referencial teórico a respeito da cena tília no segundo Fausto e sua relação com as categorias de símbolo e alegoria e com noções de história e natureza, a comunicação se apoiará no trabalho de Marcus Vinicius Mazzari. No sentido de apresentar a importância dos elementos intertextuais na obra de Fiama, torna-se basilar as contribuições de leitura crítica especializada, como as de Jorge Fernandes da Silveira.

**Palavras-chave:** Poesia Portuguesa. Fiama Hasse Pais Brandão. Goethe

**Letícia Nery Tomei**

*Eurídice fugidia - a ninfa breyneriana*

**Resumo:** Título de diversos poemas de Sophia de Mello Breyner, Eurídice representa um tropo vital para a discussão acerca da linguagem e da escrita empreendida na poética breyneriana. Em sua concepção metafórica, a personagem representaria um fracasso do poeta na busca pela poesia, que não pode ser alcançada como plenitude ideal e se reverte no próprio poema: encenação de esforço e de perda – a tentativa de captura do pássaro do real, nas palavras da própria Sophia em sua “Arte poética III”. Como observa Blanchot, “(...) somente no canto Orfeu tem poder sobre Eurídice, mas, também no canto, Eurídice já está perdida”. Nesse sentido, é necessário perder Eurídice e sempre se perderá Eurídice. Na esteira dessa reflexão, nos indagamos, então, se seria possível compreender Eurídice como representação da Ninfa, personagem alegórica de Aby Warburg que Georges Didi-Huberman compreende como uma alegoria teórica, imagem fundamental da concepção da sobrevivência do historiador da arte alemão: fugaz, estrangeira, “a heroína dos “movimentos efêmeros do cabelo e da roupa”. Cabe, portanto, tentar compreender de que forma essa Ninfa percorre a obra de Sophia e o que sua presença parece indicar a respeito de sua poética.

**Palavras-chave:** Ninfa. Sophia de Mello Breyner. Eurídice.

## Mesa 11 (AT 1 – Sala 4) – Momentos da poesia portuguesa II

**Jean Henrique Thiesen**

*Em discussão: a heteronímia pessoana*

**Resumo:** Resumo da pesquisa: O corpus é o contexto do Modernismo Português, em especial Álvaro de Campos e Ricardo Reis, heterônimos pessoanos, focalizando, no primeiro, o sensacionismo e, no segundo, o saudosismo dos versos. O objetivo da pesquisa: Analisar o lirismo sensacionista de Álvaro de Campos e o estilo amoroso de Reis, contribuindo para uma melhor compreensão da matéria, da forma e da ideia poética. Metodologia: partimos da análise da produção poética da heteronímia, utilizando como base textos críticos de Eduardo Lourenço e Jacinto do Prado Coelho, para em seguida comparar com poetas do Romantismo, como, por exemplo, Garrett. O caminho contará com a identificação de características estilísticas, temáticas e linguísticas, visando uma compreensão das diferenças entre o que fez os heterônimos e o que fizeram alguns poetas do passado português. Justificativa: reside na importância de compreender a poesia modernista, limiar da experiência pensante do século XX em Portugal, e analisar a relação desta com o passado. Temos a possibilidade de compreender parte significativa do pensamento pessoano sobre a modernidade, sobretudo a relação entre o Neoclacissismo ricardiano e o futurismo de Álvaro, com seu coloquialismo, emoção e sensibilidade.

**Palavras-chave:** Modernismo. Heteronímia. Estilística

**Alessandro Barnabe Ferreira Santos**

*Uma poética do dedo sujo: o abjeto em Jorge de Sena*

**Resumo:** Jorge de Sena forja o seu sujeito poético no interior do lugar incômodo do testemunho, de onde deriva uma percepção do mundo manifestada na construção de imagens poéticas de sentido amplamente abjeto que ora se manifesta, no branco da página, enquanto o seu dedo sujo, única coisa que sobra, em Creta, com o Minotauro; ou mesmo na concepção de uma poesia(-testemunho) concebida no espaço da leprosaria; e, correlatamente, na evocação do despertar de uma consciência poética, via Debussy, na qual a dura realidade do mundo, uma pequenina luz, revela-se ao sujeito imperdoavelmente. A partir daquelas imagens-rio, percebe-se, na poesia de Sena, a presença frequente e pulsante (talvez estruturante?) de outros afluentes e canais de imagens de sujidade que aqui tornam-se objeto de análise com o objetivo de investigar a construção de uma poética do abjeto no interior da poesia-testemunho. Nesse sentido, esta análise convoca, para o diálogo, o sentido de informe de G. Bataille – sempre vinculado ao abjeto – e as formas da abjeção descritas no Pouvoirs de l'horreur (1980), de Julia Kristeva.

**Palavras-chave:** Abjeto. Jorge de Sena. Poesia. Testemunho

**Francisco Santos Borges**

*A escrita de Carlos de Oliveira: percepções de paisagem da Amazônia na obra turismo.*

**Resumo:** O estudo tem como objetivo principal traçar uma linha histórico-comparativa das paisagens rememoradas da infância do escritor nas edições da obra *Turismo*, salientando as mudanças ocorridas na escrita até a última versão publicada. Para fundamentar inicialmente os estudos de literatura comparada na perspectiva desejada, far-se-á a sustentação em Guillén (1984) e para abordagem dos estudos de paisagem e literatura, o diálogo será com Ida Alves (2002, 2013, 2014, 2015, 2016, 2018, 2019), Marleide Anchieta (2015) Celia Pedrosa (2014, 2016) e Angela Telles (2013). Sobre o processo de reescrita na obra de Carlos de Oliveira, consideraremos fundamentalmente o trabalho analítico de Rosa Maria Martelo (1998). Em nossa comunicação, discutiremos a percepção da paisagem amazônica e as mudanças ocorridas no processo de reescrita, percebendo o lugar do sujeito no meio social e a convivência deste com essas diferentes paisagens descritas em seu trabalho poético que rememora sua infância, cruzando imagens advindas de uma experiência vivida (a Gândara) e certamente ouvida /lida e imaginada (a Amazônia). Observe-se que o autor nasceu em Belém do Pará, de pai português e mãe brasileira, mas foi levado para Portugal aos dois anos de idade e nunca mais esteve no Brasil.

**Palavras-chave:** Poesia portuguesa - Paisagem amazônica – Reescrita

**Daniel Aparecido Veneri**

*A lição dos peixes*

**Resumo:** Partindo da minha pesquisa de doutorado, que estuda a representação do peixe na poesia brasileira e portuguesa, ou, como defini, uma “poética de cardumes”, procuro nesta comunicação interpretar o poema “XXXVI”, da poeta brasileira Hilda Hilst, e o poema “Paráfrase”, do poeta português Gastão Cruz. A partir da leitura cerrada - verso a verso - de ambos, busco, além de perscrutar as metamorfoses em peixes, a lição dos cardumes, que somente a poesia permite apreender e nos dar a ver. Contarei com o suporte teórico das obras “Literatura e animalidade” e “Animalidades: zooliteratura e os limites do humano”, de Maria Esther Maciel, estudos fundamentais para este “salto de peixe”, assim como a obra “Eloquência da sardinha: histórias incríveis do mundo submarino”, do físico e doutor em hidrodinâmica Bill François.

**Palavras-chave:** Poesias de Língua Portuguesa. Poética de Cardumes. Metamorfoses. Animalidades.

**Wendel Francis Gomes Silva**

*Leituras de Navegações (1983): poéticas do mar em Sophia de Mello Breyner Andresen*

**Resumo:** Sophia de Mello Breyner Andresen afirmou-se como uma voz poética única no século XX, sem, contudo, deixar de evidenciar sua relação com seus predecessores. Em *Navegações* (1983), a autora evoca a grandiosidade do mar, a partir da experiência da viagem de descobrimento, marcada pelo espanto do olhar que revela o mundo. Ao explorar tal temática, Sophia estabelece franco diálogo com a tradição literária portuguesa, evocando, por exemplo, nomes como Luís de Camões, Fernando Pessoa e Jorge de Sena. Em meio a essa multiplicidade de vozes, a autora revisita, a seu modo, a tradição épica e marítima de Portugal. Dessa forma, este trabalho dedica-se a analisar como se configura a relação entre o sujeito lírico andreseneano e o mar, na referida publicação, observando o modo que os ecos e vozes literárias perpassam e/ou interagem com sua própria escrita.

**Palavras-chave:** Sophia de Mello Breyner Andresen. Poéticas do Mar. *Navegações*.

## Mesa 12 (AT 1 – Sala 08): Dinâmicas comparativas

**Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier**

*A importância dos periódicos na gênese dos Integralismos em Brasil e Portugal*

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo apresentar em linhas gerais periódicos publicados nas décadas de 1910 e 1920, em Brasil e Portugal, destacando a revista *Alma Portuguesa* (1913), periódico, cuja repercussão foi irrisória no contexto de produção do que denominamos primeiro momento do Modernismo português, mas que foi decisivo por revelar um núcleo substantivo de certa intelectualidade portuguesa comprometida com o ideário monárquico e católico em plena florescência da primeira República. Considerado oficialmente pelos seus colaboradores um órgão do Integralismo Lusitano, a revista publicada em apenas dois números, pode ser considerada o primeiro suporte oficial para divulgação das ideias integralistas em Portugal, uma espécie de protótipo de outras publicações mais celebradas, divulgadas e investigadas no meio acadêmico: *Nação Portuguesa* (1913-1938) e o diário *A Monarquia* (1917-1925).

**Palavras-chave:** Integralismo. Relações Brasil Portugal. Periódicos

**Roberto Mibielli | Sheila Praxedes Pereira Campos**

*Da dinâmica do medo à "periferização": literatura e migração em Ferreira de Castro e Nenê Macaggi*

**Resumo:** Nossa discussão abrange dois diferentes autores, um de nacionalidade portuguesa, Ferreira de Castro, a outra, brasileira, Nenê Macaggi, que pautaram, em sua ficção a questão migratória, apresentando eventualmente questões referentes ao medo e às expectativas oriundas desses processos migratórios. Uma das questões que consideramos atinentes ao tema é o constructo teórico em torno da ideia de "periferização", como parte integrante desses processos de migração forçada. Nesse sentido analisamos dois textos de cada um dos autores: *Emigrantes* e *A Selva de Ferreira de Castro* e *Chica Banana* e *A Mulher do Garimpo* em Nenê Macaggi, buscando entender como, a partir de seu texto ficcional discutem ambas as questões do medo e da periferização enquanto processos.

**Palavras-chave:** Migrações. Medo. Periferização. Nenê Macaggi. Ferreira de Castro

**Robson José Custódio**

*Eugénio de Andrade e Ondjaki: relações poético-espaciais*

**Resumo:** A poesia pensando em Merleau-Ponty (1999), precisa ser, antes de tudo, vista para encontrarmos os lugares pelos quais ela perpassa e leva-nos a visitar; na sequência, teremos a permissibilidade (e a necessidade) de adentrar em suas palavras e sentir o mundo frequentado e exposto pelo poeta, pelo eu lírico e, por que não, por nós, leitores. É nessa perspectiva, portanto, que este texto se encaminha ao propor um olhar às possíveis intersecções poético-espaciais entre os poemas de "Pequeno Formato", do português Eugénio de Andrade, e de "Há prendisajens com o xão", do angolano Ondjaki. Os dois poetas, por vezes, são vistos e sentidos pelo viés realista que deixam transparecer em alguns de seus textos. O primeiro é amante da natureza e do homem, vislumbra-os nas mais densas peculiaridades da existência. Essa mesma audácia é observada na escrita do angolano, em olhares acerca das descobertas, dos lugares e das memórias. Consequentemente, com obras registrando fortes marcas da identificação africana, trabalhando a sua poesia em torno de textos provocativos, incertos e que convencem. Dessa maneira, percebe-se que as literaturas de Eugénio e Ondjaki se aproximam (mas também se distanciam), justificando a busca por uma investigação em suas intersecções literárias. Para tal análise, ampara-se em teóricos como SANTOS (2017), TUAN (1983), CANDIDO (1993) e BLANCHOT (1987), buscando decifrar algumas das construções poéticas e do espaço.

**Palavras-chave:** Literaturas contemporâneas. Espaço. Paisagem. Poesia. Interação.

## MESAS DE COMUNICAÇÕES

QUINTA FEIRA, 28 DE SETEMBRO DE 2023 | 09:00 – 11:00

### Mesa 1 (NAP/CECH – Sala 2): Interfaces da literatura portuguesa contemporânea

#### Mariana Tavares da Silva

*"Fala-se da luz de Lisboa, mas ela não iluminou Aquiles': um estudo sobre o preconceito estrutural em Luanda, Lisboa, Paraíso, Djaimília Pereira de Almeida"*

**Resumo:** O presente projeto procura analisar o choque étnico-cultural no processo de reconhecimento de sujeitos negros dentro de uma sociedade estruturalmente racista, preconceituosa e individualista, tomando como ponto de partida o romance *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019), da escritora afro-portuguesa Djaimília Pereira de Almeida, nascida em Angola e naturalizada portuguesa. A partir dos pressupostos teóricos de estudiosos como Achile Mbembe (2017, 2021), Francisco Bethencourt (2018) e Joana Gorjão Henriques (2017, 2018), discutiremos o conceito de racismo e preconceito estrutural e suas reverberações político-sociais nos espaços de língua portuguesa. A partir dessas leituras, pretendemos efetuar uma análise detida das situações efabuladas, além das complexidades em que as personagens negras do romance suscitam ao longo da trama.

**Palavras-chave:** Choque étnico-cultural; *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2019); Djaimília Pereira de Almeida.

#### Mariana Bartolomeu

*"Todas as mulheres são capazes de tudo": personagens femininas e perspectivas feministas em A Instrução dos Amantes e Os Íntimos, de Inês Pedrosa*

**Resumo:** A pesquisa busca analisar personagens femininas, a partir das tendências feministas adotadas pela escritora portuguesa Inês Pedrosa, nos livros *A Instrução dos Amantes* (1992) e *Os Íntimos* (2010). Visita-se também *Crônica Feminina* (2005) para algumas análises pontuais. A escrita da autora não fica somente voltada para as reivindicações de direitos iguais entre homens e mulheres, mas também sobre a aparência física feminina (como ocorreu com a personagem Mariana, uma adolescente do romance *A Instrução dos Amantes* (1992), que, por ser gorda, não teve seu suicídio contestado). Outra questão analisada são as falas machistas dos personagens masculinos do romance *Os Íntimos* (2010), que retratam o machismo enraizado na sociedade portuguesa. Como mecanismo de pesquisa, o trabalho utiliza alguns livros e ensaios, tais como a obra da filósofa francesa Hélène Cixous, o ensaio-manifesto *O riso da Medusa* (1975/2017), em que se discute a escrita feminista e o trabalho organizado pela pesquisadora brasileira Heloisa Buarque de Hollanda: *Tendências e Impasses: O Feminismo como Crítica da Cultura* (1994), em especial os que falam sobre crítica e escrita femininas.



**Palavras-chave:** Mulheres; Feminismo; Ficção portuguesa contemporânea; Inês Pedrosa

**Matheus Martins de Oliveira**

*“A pandemia foi apenas o despertar que nos acordou a todos”*: uma análise dos comportamentos sociais e afetivos em *Em todas as ruas te encontro*, de Paulo Faria

**Resumo:** A pesquisa buscou analisar os comportamentos afetivos e sociais desenvolvidos ao longo do romance de Paulo Faria, *Em todas as ruas te encontro* (2021), em consonância com as análises propostas por Boaventura de Sousa Santos (2021), Slavoj Žižek (2020) e Yuval Noah Harari (2020). Em um primeiro momento, percebe-se nos apontamentos de Santos (2021) e no comportamento das personagens de Faria (2021), uma tentativa de domesticar o vírus enquanto fenômeno e enquadrá-lo no domínio do compreensível através das metáforas em curso: o vírus como inimigo, o vírus como mensageiro e o vírus como pedagogo. Nota-se também que as personagens da obra ficcional dialogam com as observações realizadas por Žižek (2020) acerca do papel de um Estado forte no combate à pandemia de coronavírus. Por fim, entende-se o romance a partir da perspectiva de Harari (2020), que disserta acerca do papel dos líderes globais no combate à pandemia. Nesse sentido, conclui-se que a obra de Paulo Faria apresenta um retrato complexo da sociedade pandêmica, não se limitando a caricaturas de tipos sociais e nota-se um laborioso trabalho por parte do autor, por conseguir inserir no campo literário personagens que em tanto se assemelham com o ambiente não ficcional.

**Palavras-chave:** literatura portuguesa. pandemia. COVID-19. ficção portuguesa

**Rebeca de Toledo Altarugio**

*Resistir sempre e sempre: representações da tortura em “As Longas Noites de Caxias”* por Ana Cristina Silva

**Resumo:** A utilização legal da tortura em regimes autoritários como o nazismo, o fascismo e as ditaduras brasileiras e portuguesas, ecoa na história. A literatura desempenha um papel importante ao criar um espaço de liberdade. Em Portugal, a PIDE, polícia política do Estado Novo Salazarista, utilizava a tortura em interrogatórios contínuos, com privação do sono, imobilização forçada e espancamentos. A proposta deste trabalho é analisar o referido recurso de violência, tal como efabulado no romance de Ana Cristina Silva, *As longas noites de Caxias*, a partir de certos pressupostos teóricos (HUNT, 2009; MATTOSO, 1986; PIMENTEL, 2011; VERRI, 2000), pondo em evidência as duas personagens principais da trama: a presa política Laura Branco e a agente da PIDE Leninha. A decisão do estudo desse romance deu-se pela maneira profunda que o romance investe nas nuances da tortura. O desejo de escrever sobre esse contexto também nasce no contexto político conturbado que vivemos desde 2013, quando manifestações de extrema-direita e pedidos pela volta da ditadura militar começaram a surgir pelo país. Acreditamos na necessidade de jamais esquecer os horrores impostos por regimes não-democráticos e fascistas. Compreendemos que a investigação dessa obra constitui uma maneira também de contribuir para a memória histórica e luta.

**Palavras-chave:** ditadura; memória; resistência

## Mesa 2 (NAP/CECH – Sala 3): A novíssima ficção portuguesa de autoria feminina – Dulce Maria Cardoso e Joana Bértholo

**Gabriela Cristina Borborema Bozzo**

*A intertextualidade entre os romances de Dulce Maria Cardoso e suas ilustrações de capa de Vera Tavares*

**Resumo:** A intertextualidade é a relação que pode ser estabelecida entre dois ou mais textos. A noção de texto aqui utilizada é a barthesiana, elencada por Gentil de Faria, em que toda prática significativa pode ser considerada um texto. Assim, consideramos tanto o texto escrito (romances) quanto o pictórico (ilustrações). O corpus do presente artigo é, justamente, o discurso narrativo dos cinco romances de Dulce Maria Cardoso – Campo de sangue, Os meus sentimentos, O chão dos pardais, O retorno e Eliete: a vida normal – e as respectivas ilustrações de capa das edições da Tinta-da-China, sendo todas as artes de Vera Tavares. Objetivamos, nesse breve estudo, compreender as relações de intertextualidade que podem ser estabelecidas entre os romances e suas ilustrações de capa. Para tanto, embasar-nos-emos em Introdução à semanálise, de Julia Kristeva; “A estratégia da forma” Laurent Jenny; “Literatura, ilustração e o livro ilustrado”, de Nilce M. Pereira; “Os símbolos nas artes plásticas”, de Aniela Jaffé e “Texto e transtextualidade”, de Gentil de Faria.

**Palavras-chave:** intertextualidade. romance. ilustração

**Larissa Fonseca e Silva**

*O tédio contemporâneo nos romances de Dulce Maria Cardoso*

**Resumo:** Em 2002, Dulce Maria Cardoso publica seu primeiro romance, Campo de sangue, em que o tédio surge como um dos temas principais e, de forma irônica, como propulsor das atitudes das personagens, que vivem para gastar o tempo. A questão do tédio passa, a partir daí, a permear outras obras da autora, ora relacionando-se aos dias imensos do período da infância ou, com mais frequência, associando-se aos dias sempre iguais tão retratados na literatura moderna a partir do século XIX. Nesta comunicação, pretende-se dar foco a essa segunda representação do tédio com base em recortes dos romances Campo de sangue (2002), Os meus sentimentos (2005), O chão dos pardais (2014) e Eliete (2018). Para essa leitura, será proposta, de forma breve, uma relação entre a apatia e ausência de perspectiva dos personagens de Dulce Cardoso ao fim da “tradição ocidental de esperança” (FROMM, 2015) ou à ausência de ilusões (PESSOA, 2019) renunciada, no Portugal do início do século XX, pelo semi-heterônimo Bernardo Soares.

**Palavras-chave:** Dulce Maria Cardoso. Literatura portuguesa contemporânea. Tédio

**Bianca Rosina Mattia**

*O romance de Dulce Maria Cardoso no cenário da novíssima ficção portuguesa*

**Resumo:** Este trabalho se propõe a explorar algumas questões que se destacam nas pesquisas mais recentes no âmbito da novíssima ficção portuguesa. Para tanto, são considerados os estudos de Miguel Real (2012) acerca do romance português contemporâneo, especialmente o quadro de produção literária da primeira década do século XXI, e as respectivas características apontadas pelo autor, sobretudo o cosmopolitismo. A par disso, toma-se como corpus de análise a obra romanesca de Dulce Maria Cardoso, escritora portuguesa que teve sua estreia na literatura em 2001 com a publicação do romance *Campo de Sangue*, seguido de outros quatro romances, dentre os quais o mais recente intitulado *Eliete: a vida normal*, publicado em Portugal em 2018. Em diálogo com as discussões acerca da cosmopolitização do romance português contemporâneo, propomos uma leitura, com destaque para este último romance de Dulce Maria Cardoso, a partir dos estudos sobre a identidade cultural na modernidade tardia, conforme Stuart Hall (2015), a fim de perceber as possíveis repercussões das novas identidades ficcionalizadas e de escrita, bem como o hibridismo cultural, na novíssima ficção portuguesa.

**Palavras-chave:** Novíssima ficção portuguesa. Cosmopolitismo. Dulce Maria Cardoso

**Janaina Freire de Oliveira dos Santos**

*Uma percepção de literatura em campo expandido na obra *Ecologia*, de Joana Bértholo*

**Resumo:** A presente comunicação visa explorar o conceito de literatura em campo expandido na obra *Ecologia*, da escritora portuguesa Joana Bértholo, publicada em 2022 (Brasil). A obra em questão apresenta em seu enredo uma sociedade distópica, num futuro nem tão distante, em que as palavras passam a ser cobradas pelo seu uso, tal como produtos. A autora fez uso de recursos gráficos, artísticos e tecnológicos na composição e na constituição deste livro, ora visto como romance, ora tido como um ensaio sobre a linguagem, extrapolando toda e qualquer moldura artística, num limiar tênue, porém latente, entre realidade e ficção. Estes recursos que compõem e complementam a narrativa serão analisados a partir das proposições sobre literatura expandida fundamentadas por Florência Garramuño, Flora Sussekind e Masé Lemos. A metodologia utilizada consistirá na análise qualitativa dos referenciais teóricos de informações e reflexões sobre o tema, com a finalidade de demonstrar a experimentação formal da linguagem por parte de Bértholo e sua preocupação com o uso de elementos visuais, tecnológicos, musicais, hipertextos e outras formas de expressão artística além da linguagem verbal e escrita, com objetivo de envolver os leitores numa experiência mais interativa, participativa e inovadora, extrapolando a passividade do ato de leitura.

**Palavras-chave:** Literatura. Literatura expandida. Arte

### Mesa 3 (NAP/CECH – Sala 4): A ficção portuguesa do século XX

**Renato dos Santos Pinto**

*Um olhar sobre espaço e tempo em Casa na Duna, de Carlos de Oliveira*

**Resumo:** O título *Casa na Duna* (1943) sugere, talvez alegoricamente, a instabilidade de algo que esteja fadado a desmoronar ou ser coberto por areia. O objetivo desta comunicação é buscar elementos no romance neorrealista de Carlos de Oliveira que viabilizem uma interpretação em que a casa do título poderia ser lida como alegoria de uma previsão de instabilidade para o modelo econômico capitalista. A areia, pouco mencionada na trama, foi trazida pelo vento para a região fictícia de Corrocovo há cerca de duzentos anos, período que coincide com o início Revolução Industrial inglesa, marco do surgimento do capitalismo. Próximo ao final do romance, em poucas linhas, o narrador descreve um processo radical de industrialização da região, incluindo o nome grandes marcas, símbolos do avanço econômico capitalista. Segundo o determinismo histórico marxista, o desenvolvimento radical do capitalismo geraria suas próprias contradições que levariam à revolução comunista. O romance termina na iminência de destruição da casa dos Paulos. Tal fato, inconcluso, sugere o prosseguimento da história para além do término do romance. Utilizaremos como arcabouço teórico textos de Antonio Pedro Pita, do próprio Carlos de Oliveira sobre o movimento neorrealista, de Marx e Engels, de Michel Foucault, Slavov Zizek, dentre outros.

**Palavras-chave:** Neorrealismo português. Casa na duna. Carlos de Oliveira. espaço literário

**Raquel Trentin Oliveira**

*Aparição, de Vergílio Ferreira, no cinema: (re)interpretação e (re)criação.*

**Resumo:** Nesta comunicação, abordo os dispositivos de transfuncionalização envolvidos na adaptação do romance *Aparição* (1959), de Vergílio Ferreira, ao cinema, sob direção de Fernando Vendrell (*Aparição*, 2018). O foco está no processo de transcodificação de um sistema de comunicação para outro, reconhecendo a dificuldade de transposição para o cinema de uma mundividência de cunho reflexivo, metafísico e existencial como a de Ferreira, e seu consequente potencial de (re)interpretação e (re)criação (HUTCHEON, 2011) do romance. O estudo parte de uma análise da semiótica fílmica, recaindo sobre o modo como história, tempo, espaço, personagens são transfigurados no sentido de reler alguns eixos temáticos da obra “original”, que, no entanto, ganham mais força ou menos força no contexto da adaptação. Entre os aspectos que recebem novo vigor crítico-temático, está a subalternidade das mulheres numa sociedade conservadora, patriarcal, sob o jugo do Estado Novo, problematizada, sobremaneira, nas performances de gênero (BUTLER, 1990) que dão sobrevida (REIS, 2014) às personagens Sofia (interpretada no cinema pela atriz Victória Guerra) e Ana (interpretada pela atriz Rita Martins).

**Palavras-chave:** Vergílio Ferreira. Fernando Vendrell. Aparição. Adaptação. Performance de gênero

**Gustavo de Mello Sá Carvalho Ribeiro**

*30 anos sem Manuel da Fonseca: considerações sobre o tema da infância em seus contos*

**Resumo:** 2023 marca 30 anos da morte de um dos grandes expoentes da corrente neorrealista portuguesa, Manuel da Fonseca. Pela ocasião da efeméride, importa-nos rever sua obra, repensá-la e refletir sobre aspectos que confirmam sua originalidade. Assim, embora levemos em conta toda a sua obra, tomamos como corpus a coletânea de contos Aldeia Nova. Dentre diversos temas presentes no conjunto de narrativas, o da infância chama a atenção por ser trabalhado de forma particular por Manuel da Fonseca: a criança não é só o centro de algumas das histórias, como também é responsável pela focalização dos acontecimentos. O leitor tem contato com a áspera realidade do espaço ficcional através do olhar curioso, inocente e descobridor dessas personagens que, não participando ativamente do sistema socioeconômico, analisam-no de um modo diferente e revelador. Logo, pretende-se, com este trabalho, verificar a relevância da questão infantil na construção narrativa de Manuel da Fonseca, partindo de dois contos de Aldeia Nova: “O primeiro camarada que ficou no caminho” e “Sete-estrela”. Para tal, tomamos como embasamento principal O discurso ideológico do Neorrealismo português, de Carlos Reis, História social da criança e da família, de Philippe Ariès e O discurso da narrativa, de Gérard Genette.

**Palavras-chave:** Manuel da Fonseca; Aldeia Nova; Neorrealismo; Infância; Foco narrativo

## Mesa 4 (AT 8 – Sala 182) – Dinâmicas das diásporas, dos deslocamentos e da reclusão

**Elisangela Silva Heringer**

*O corpo e os afetos: a construção do ser na poesia ondjakiana*

**Resumo:** A presente comunicação pressupõe um breve passeio sobre a produção poética do escritor angolano Ondjaki, através do corpus: “ Há prendizajens com o xão” e “Materiais para confecção de um espanador de tristeza’ e “ Dentro de mim faz sul seguido de acto sanguíneo” com o intuito de coletar e mapear alguns elementos da relação entre corporeidade, afeto - enquanto afecção e também como afetividade entre pares - e a possibilidade de perceber o(s) outro(s) em face da busca de (re)construção e (re)definição do “eu”, individual e coletivo. Desta forma, com base nas ideias defendidas por Spinoza e Carmem Lúcia Tindó, no que tange ao afeto, e as de Merleau-Ponty, com relação à percepção e à corporeidade, busca-se problematizar como a malha poética do autor se constrói enquanto um locus em que a presença do corpo de um eu tornado poético percebe, atua e constrói a relação eu/outro/mundo em interações construtivas e subjetivas entre si. Nessa possibilidade construtiva, objetiva-se também pensar como a inserção de outros materiais, poéticos e metafóricos, são recorrentes na produção textual sinalizando para uma marca estética e ética do autor na problematização do homem e das suas relações com o fazer e o corpo poético.

**Palavras-chave:** Poesia. Afeto. Percepção. Subjetividade

**Paulo Ricardo Kralik Angelini**

*Gente sem mundo: o falhanço da civilização na obra A charca, de Manuel Bivar*

**Resumo:** Quando Jacinto, notável personagem queirosiano, por força das circunstâncias, decide deslocar-se à serra, perde pelo caminho não apenas seus trinta e sete caixotes, mas toda uma postura de arrogância oriunda do mundo civilizado. A vivência do hipercivilizado na bucólica região montanhosa abre o seu mundo para outras demandas. Mais de um século depois, é a personagem de Manuel Bivar que abandona um mundo caótico, vencido pelas doenças, por uma pandemia sem precedentes, pela mídia, pela tecnologia, por uma arrogância intelectual que desdenha do simples, para experimentar as pedras, o saber do mato, a vida reclusa. Diferentemente da personagem queirosiana, esse homem do século XXI isola-se entre uma natureza que também se mostra de forma muito diferente da desenhada no conto “A civilização”. Nesta comunicação, pretendo abordar o falhanço da civilização na perspectiva, especialmente, da personagem sem nome de Manuel Bivar, na obra ‘A charca’, lançada em 2022. Dono de um discurso potente na mesma medida que politicamente comprometido, o narrador furioso desconstrói a vida na cidade, seus vícios e ilusões, enquanto afirma-se como um bicho do mato. Utilizo, como arcabouço teórico, autores como Gilles Lipovetsky, Guy Debord, Paul B. Preciado, Zygmunt Bauman, Christian Dunker, entre outros.

**Palavras-chave:** literatura portuguesa hipercontemporânea; identidade; deslocamento; sexualidades; tecnologia

**Cíntia da Silva Belonia**

*A diáspora negra na novíssima ficção portuguesa*

**Resumo:** A imigração compreende um dos vieses temáticos da novíssima ficção portuguesa. Sendo este tema constante e espinhoso na contemporaneidade, em Portugal o “retornado” já foi (e continua sendo) tema da produção literária do país desde o 25 de Abril. No século XXI um novo perfil de escritores tem aparecido: os afrodescendentes que tem mudado e desafiado a cena literária de Portugal (SOUSA, 2021). Neste cenário destaco também os brancos sabem dançar (2017), de Kalaf Epalanga, e Luanda, Lisboa Paraíso (2018), de Djaimilia Pereira de Almeida, que, compreendidos como afro-diaspóricos, vão registrar em suas narrativas uma dupla crise de identidade nacional, tanto em Portugal quanto no continente africano. Esses escritores que vão escancarar o atraso no reconhecimento das identidades afro-diaspóricas no debate público de Portugal. Esta comunicação propõe, portanto, uma leitura acerca da identidade do imigrante negro da antiga colônia portuguesa para o país outrora colonizador a partir dos dois romances citados. O deslocamento e a identidade serão refletidos a partir de Julia Kristeva (1994), Stuart Hall (2003), Donatella Di Cesare (2020), dentre outros.

**Palavras-chave:** diáspora negra; imigração; identidade; Djaimilia Pereira de Almeida; Kalaf Epalanga



## Mesa 5 (AT 8 – Sala 183) – Perspectivas comparativas

**Arlene Rosa Eustáquio**

*180 anos da publicação de "O bobo", de Alexandre Herculano: diálogo entre os bufões Dom Bibas, de Herculano, e Guarin, de Antônio José da Silva*

**Resumo:** Em comemoração aos 180 anos da publicação de "O bobo", de Alexandre Herculano, o presente trabalho busca apresentar, de modo comparativo, os bufões Guarin, de "O prodígio de Amarante", de Antônio José da Silva e "Dom Bibas", de O bobo. Dessa forma, será evidenciado como o gracioso de Antônio José irá criticar a Igreja, o fanatismo religioso e as ações da Inquisição, de forma irônica e sarcástica, bem como, do mesmo modo, o histrião Dom Bibas terá papel fundamental no desfecho político que garantiu a independência de Portugal. Assim, buscar-se-á revelar como o bufão obteve uma dupla função nessas obras: conseguir provocar o riso e denunciar a tirania e as falhas de caráter de personalidades que se portavam como intocáveis, tais como os nobres, os monarcas e os clérigos. Para a fundamentação teórica, serão de grande importância as contribuições de Mikhail Bakhtin referentes à carnavalização e à função cômica dos graciosos, além das de Henri Bergson e George Minois sobre riso, e de Linda Hutcheon, quanto à ironia. Assim, a comunicação buscará apresentar parte do estudo desenvolvido atualmente no doutorado, de forma a evidenciar o modo como tais personagens representam o humor e o poder nas duas referidas obras.

**Palavras-chave:** O bobo. Alexandre Herculano. Bobo da corte. Humor. Poder

**Camila Almeida Suave**

*A transgressão feminina presente nas obras Primo Basílio e Dom casmurro*

**Resumo:** O presente trabalho pretende analisar a transgressão feminina presente nas obras O Primo Basílio de Eça de Queiroz e Dom Casmurro de Machado de Assis, de forma, a compreender as contradições e as restrições sociais impostas às mulheres da época, focando na análise das ações realizadas pelas personagens principais e a quebra da expectativa feminina gerada por esses feitos que oferecem uma reflexão profunda sobre a condição feminina e as restrições sociais enfrentadas pelas mulheres da época. Utilizando a linha teórica do autor Carlos Felipe focando-se na presença de discursos transgressores que se colocam entre o embate de duas forças :tradição e ruptura, para realizar tal análise. Assim podendo ter uma melhor compreensão de como essas obras questionam os papéis tradicionais de gênero e revelam as consequências de se desafiar as normas estabelecidas, ou seja, mostram os motivos que levam essas figuras femininas a realizarem tais transgressões em busca de uma "liberdade". Além de também retratarem as mulheres como seres complexos, capazes de ações e emoções que vão além do estereótipo esperado.

**Palavras-chave:** Transgressão. Mulher. Literatura Comparada.

**Ludmila Figueira Oliveira Santos**

*Gênero e sociedade: o papel da mulher em "A moreninha", de Joaquim Manuel de Macedo e em "Olhos d'água, de Conceição Evaristo*

**Resumo:** O presente trabalho pretende analisar o papel da mulher nas obras A Moreninha de Joaquim Manuel do Macedo e Olhos d'água de Conceição Evaristo de forma a compreender a completitudes das vivências femininas representadas nas duas obras para tal pretendemos compreender a escrita feminina preta e as perspectivas inovadoras que ela traz e o valor social que representa, assim como a importância da escrita feminina negra como afirma Evaristo (2005). Buscaremos compreender o papel da mulher na sociedade representado nos diferentes contextos no Brasil, desde a idealização da mulher romântica, Bosi (2006), até o lume lançado sobre as figuras femininas pretas, até então quase apagadas na literatura brasileira. A análise será feita através de pesquisa bibliográfica e método qualitativo.

**Palavras-chave:** Estudos comparados. literatura brasileira. escrita feminina. feminismo

**Matsuel Martins da Silva**

*Duas histórias e produções literárias no período Salazarista: Aquilino Ribeiro e Joaquim Paço D'Arcos*

**Resumo:** Estudo da trajetória de Aquilino Ribeiro, membro e presidente da Sociedade Portuguesa de Escritores, que produziu uma extensa e reconhecida obra, chegou a ser indicado ao prêmio Nobel de Literatura, foi um incansável defensor das liberdades e lutou contra a monarquia e a ditadura salazarista em Portugal. Essa trajetória será cotejada com a de Joaquim Paço d'Arcos, um romancista português dos mais completos e complexos, que também produziu uma vasta obra literária e que além de romancista e poeta, teve participação ativa durante o Salazarismo, como chefe dos Serviços de Imprensa do Ministério dos Negócios Estrangeiros e também foi presidente da Assembleia Geral da Sociedade Portuguesa de Escritores. O trabalho visa expor a luta contra a ditadura Salazarista e a censura sobre a produção literária durante o Estado Novo em Portugal Serão apresentados alguns trechos de romances de Aquilino Ribeiro e outros de Joaquim Paço D'Arcos para contextualizar a análise. A base teórica serão textos de Fernando Pessoa, Lukács e textos de jornais da época.

**Palavras-chave:** Liberdade. Censura. Resistência. Criatividade

## Mesa 6 (AT 8 – Sala 184) – Séculos XIX-XX em perspectivas femininas

**Aldinida Medeiros**

*Pautas das lutas feministas em três romances de Carmen de Figueiredo*

**Resumo:** A comunicação à qual nos propomos trata do estudo sobre autoria feminina tendo como objeto três romances de Carmen de Figueiredo. O objetivo é mostrar que a autora, que teve dois romances censurados pela ditadura, no Estado Novo, não apenas abordava temas considerados polêmicos, como trazia em seus enredos uma postura feminista. Ao elaborar perfis femininos que quebravam paradigmas da época, Carmen não apenas se insceveu como uma autora atenta às reivindicações e lutas dos grupos feministas, como conseguiu fazer seus romances circularem e suscitarem alguns debates que alcançaram notas em alguns jornais da época. Para confirmar e justificar nosso estudo, escolhemos os romances *Famintos* (1950), *Vinte anos de Manicômio e Vida de Mulher*. Para dar respaldo teórico à discussão, buscamos aporte em nomes como Isabel Alegro de Magalhães (1995), Conceição Flores (2010), Gayatri SPIVAK (2010), Antônio de Pádua Silva (2011), Manuela Tavares (2011), Fabio Mario Silva (2017) e Ana Bárbara Pedrosa (2017), dentre outros.

**Palavras-chave:** Carmen de Figueiredo. romance. escrita subversiva. escritora censurada. crítica literária feminista.

**Juliana de Souza Mariano**

*"Anjo és tu ou és mulher?": representações femininas em "Alice", de Maria Amália Vaz de Carvalho*

**Resumo:** Neste trabalho, analisaremos as representações femininas no conto "Alice", presente na obra *Serões no Campo* (1877), de Maria Amália Vaz de Carvalho. Nossa leitura será baseada nos estudos de Irene Vaquinhas sobre a História das Mulheres e de Peter Gay sobre a Era Vitoriana. Alice, a protagonista do conto, cumpre sua sina de ser esposa e mãe, mas nem por isso abafa seu desejo e nem romantiza a maternidade. Em um mundo no qual homens constroem imagens idealizadas das mulheres, atribuindo-lhes máscaras, Alice revela-se alguém real: nem anjo, nem demônio. Dessa forma, Maria Amália nos mostra que a mulher pura, impecável, perfeita não existe na realidade – o que todos já sabiam – e nem mais nas páginas dos livros.

**Palavras-chave:** Maria Amália Vaz de Carvalho. Autoria feminina. Século XIX. Narrativa

**Rodrigo Felipe Veloso**

*Literatura e Psicanálise: alquimia e psicocrítica textual em O regresso de Júlia Mann a Paraty, de Teolinda Gersão*

**Resumo:** Este trabalho pretende investigar a relação dialógica e intertextual construída em *O regresso de Julia Mann a Paraty*, de Teolinda Gersão no que tange à Literatura e a Psicanálise. Para estudo da narrativa em apreço, aplicar-se-á teoria da alquimia junguiana, uma vez que na narrativa encontra-se elementos simbólicos que constroem a identidade das personagens e, sobretudo, o próprio texto gerseano. Além disso, a psicocrítica textual será aplicada na análise da obra em estudo, haja vista que se justifica no âmbito da crítica literária porque a narrativa é mais do que um conjunto de categorias estéticas; é também a realização de desejo inconsciente do autor, uma espécie de ritual alquímico que passa por estágios durante a vida em contato com o outro e natureza humana. Assim, Freud, Thomas Mann e Julia Mann enquanto personagens da narrativa gerseana são uma representação, extensão da vida subjetiva, portanto, da própria Teolinda Gersão, no ato de criação. Ademais, serão utilizados autores como: Jean Bellemin-Noel (1978), Carl Gustav Jung (2018), AnnaBela Rita e Daniel Real (2021), Daniel Bergez (1997), dentre outros.

**Palavras-chave:** Literatura Portuguesa. Teolinda Gersão. Psicanálise. Alquimia Junguiana. Psicocrítica Textual.

## Mesa 7 (AT 8 – Sala 186): Literatura e pandemias

**Alessandro Barbosa**

*Uma análise do diário da peste de Gonçalo M. Tavares*

**Resumo:** Analisarei os textos do Diário da peste, de Gonçalo M. Tavares, à luz de alguns questionamentos sobre a literatura em tempos de pandemia como, por exemplo, a reflexão sobre os limites da representação, criação e "literaturalização" de um tema tão traumático como foi a pandemia da Covid-19. Nesse sentido, há alguns pontos interessantes de serem destacados e analisados em escritos que, denominados como diário, poderia ser situado no limite entre a estilização literária e a narrativa informativa crua e sem pretensão artística (mais próximo, por um viés possível para o gênero em questão, ao jornalismo do que, estritamente, à literatura); portanto, podendo mover-se entre o literário e o literal; e, no limite, entre o compromisso estético e o compromisso da nota memorativa mais particularista (típica do diário). Um outro elemento interessante sobre o qual buscarei discorrer diz respeito à consideração da narrativa de acontecimentos extremos no "calor da hora". Como método contrapontístico, considerando a narrativa imediata do Diário da peste, tecerei breves comparações com o romance A peste, de Albert Camus, interessado nas possíveis semelhanças e distanciamentos entre esses dois livros.

**Palavras-chave:** Literatura. Diário. Pandemia

**Tiago Correia de Jesus**

*"Ensaio sobre a cegueira", de José Saramago: Reflexão sobre a pandemia de uma deficiência - em obras.*

**Resumo:** A deficiência é uma condição humana que qualquer um pode experimentar. O corpo, como expressão da natureza, pode se apresentar em diversas formas, desde a sua formação embrionária, por um acidente ao longo da vida que alterou a arquitetura e cognição do corpo, ou mais tarde na fase do envelhecimento do indivíduo. A construção da representação da deficiência na literatura reproduz discursos os quais revelam crenças e construções históricas de que ela resulta de azar ou consequência do pagamento de penitência, por exemplo. Na obra, "Ensaio sobre a cegueira", de José Saramago, uma pandemia se alastra em uma cidade, deixando os habitantes impossibilitados de enxergar, por um fenômeno que cegou quase todos. Para essa comunicação, realizarei a leitura dessa obra de Saramago a partir da perspectiva anticapacitista, problematizando como o discurso sobre a deficiência ainda permanece como experimento de valorização da vida humana e portal para re-conquista de, nas palavras do escritor, "dentro de nós há uma coisa que não tem nome essa coisa é o que somos". Para isso, a discussão pauta-se nas reflexões teóricas do campo dos estudos sobre deficiência (DINIZ, 2007; FIGUEIRA, 2021, GUEDES, 2021), capacitismo (DI MARCO, 2021; LORETO, 2021) e testemunho SELIGMAN (2016).

**Palavras-chave:** Deficiência. José Saramago. Ensaio sobre a cegueira

**Gabriel Fallaci Fernando**

*O doido e a Morte, de Raul Germano Brandão: considerações e paralelos com o cenário brasileiro durante a pandemia*

**Resumo:** Pensar na retomada da vida presencial e social é algo não apenas inédito, mas também desafiador em nosso contexto social. A pandemia que vivemos mostrou não apenas nossa impotência diante do inaudito que a natureza proporciona, como também revelou que, no Brasil, a sociedade não estava preparada para um enfrentamento efetivo deste tipo de situação. Diante do que foi vivido e do desafio da retomada, a exposição por nós pretendida tem a intenção de trazer à luz um autor português canônico que está entre os séculos XIX e XX, Raul Germano Brandão, mais especificamente, a sua peça teatral *O Doido e a Morte*. Nosso objetivo é o de não apenas tecer comentários sobre a peça em questão, mas também o de evidenciar como é possível aplicar a leitura e a discussão de uma produção canônica em paralelo com a condição sócio-histórico-política que presenciamos durante os dois anos de confinamento devido à pandemia; mais do que isso, pretendemos mostrar como – infelizmente – uma peça teatral publicada há exatos 100 anos pode proporcionar as bases de uma reflexão criteriosa e, ao mesmo tempo, que dialoga com a condição de absurdidade da vida que observamos durante o período pandêmico.

**Palavras-chave:** Brasil. Raul Germano Brandão. Produção Canônica. Peça Teatral. Período Pandêmico

**Ghabriel da Silva Valente**

*Uma discussão sobre a epidemia descrita em Ensaio Sobre a Cegueira, de José Saramago, e a pandemia Covid-19*

**Resumo:** O presente trabalho tem o intuito de analisar através de uma abordagem bibliográfica a obra *Ensaio sobre a cegueira* (2008) de José Saramago, visando relacionar a epidemia descrita na obra com o cenário pandêmico da pandemia do Covid-19. As inquietações da seguinte pesquisa são discutir como o romance constrói o cenário epidêmico na obra relacionando-o ao contexto pandêmico da Covid-19. Também, de que forma se abordam os problemas sociais causados pela epidemia retratada na obra e de que maneira é narrada sobre a perspectiva dos personagens. O aporte teórico tem contribuição de Reis (2020), Magalhães et al. (2020). As discussões partem da relação dos pontos acerca da epidemia retratada no romance em questão e a pandemia do Covid-19 no recente contexto mundial. Para Reis (2020) a percepção dos personagens quanto ao contexto da epidemia é sobre o contágio e a deflagração de estado de isolamento a que foram submetidas. Já Magalhães (2011) contribui apontando os impactos sociais sofridos após a pandemia. Por fim, apontaremos como resultados que o romance apresenta em sua narrativa pontos importantes como a descrição da epidemia e a perspectiva dos personagens quanto a ela além dos impactos sociais narrados para discussão dos impactos sociais pós-pandêmicos da Covid-19.

**Palavras-chave:** Literatura portuguesa; análise; epidemia; covid-19

## **Mesa 8 (AT 2 – Sala 186): Momentos da narrativa portuguesa moderna e contemporânea**

**Bianca Gomes Borges Macedo**

*Modernidade e personagem feminina na contística de Guiomar Torresão*

**Resumo:** O presente trabalho apresenta uma análise da representação da personagem feminina, a preceptora Miss Mary, no conto “Idílio à inglesa” publicado na coletânea homônima em 1886, de Guiomar Torresão. Na Antologia do Conto Realista e Naturalista (2000), Maria Saraiva de Jesus cita a obra torresiana, destaca o subtítulo do livro, “Contos Modernos”, e comenta a evidência do volume como uma “viragem para o que era considerado moderno na época” (DE JESUS, 2000). Os temas da instrução e da profissão contribuirão para as reflexões acerca do modo como a escritora buscava uma ruptura com os moldes patriarcais e conservadores impostos às mulheres na sociedade oitocentista. A desafetação da linguagem, os efeitos cômicos e a falta da expressão sentimental da preceptora irlandesa em “Idílio à inglesa” nos conduzirão como elementos norteadores na discussão acerca do afastamento da estética romântica e um diálogo intenso com o realismo-naturalismo na escrita de Guiomar Torresão.

**Palavras-chave:** Guiomar Torresão; Contos Modernos; Personagem feminina

**Marcela Ansaloni de Azevedo**

*Retornar e partir: uma análise crítica do conto 'George', de Maria Judite de Carvalho*

**Resumo:** Nesta comunicação propomos fazer uma leitura crítica do conto George, da escritora portuguesa Maria Judite de Carvalho. Exponente da literatura portuguesa do século XX, a autora explora formas breves, utilizando uma linguagem enxuta para representar a solidão da mulher contemporânea. Essa perspectiva é evidenciada no conto “George”, da coletânea Seta Despedida, de 1995. Aqui encontramos um narrador onisciente a testemunhar o retorno de George a sua terra natal, onde consegue se reencontrar e também se despedir de uma parte da sua vida, em uma mistura de memória, imaginação e realidade. Com um olhar que se estende através do tempo, George pode juntar algumas peças de um quebra-cabeça. Ao longo da trama, o conto expõe as expectativas familiares e sociais que reprimem a liberdade de escolha de George, demonstrando a influência do meio social em sua trajetória e a tentativa de limitação de sua autonomia. É pela venda da casa herdada que a personagem se liberta e abre espaço para novas possibilidades. Assim, a necessidade de George de retornar e partir, de encontrar Gi, a jovem de dezoito anos, e Giorgina, a mulher de cerca de 70 anos, é fundamental para que ela possa voltar e, por fim, partir resignada.

**Palavras-chave:** Maria Judite de Carvalho; conto português contemporâneo; emancipação feminina

**Matheus Medeiros Pacheco**

*Meu Brasil português: os estereótipos do Brasil em Meu Portugal brasileiro*

**Resumo:** Este trabalho propõe-se a analisar como o Brasil e o brasileiro são retratados na obra *Meu Portugal brasileiro*, de José Jorge Letria (2008), com base em teorias do estereótipo. Para Robert Stam (2008), estereótipos são atalhos mentais por meio dos quais os indivíduos caracterizam, de maneira esquemática, outro grupo pouco ou nada conhecido. Homi K. Bhabha (2005) aponta que esse instrumento é a principal estratégia discursiva do colonialismo, que deve ser constantemente repetido e que fornece uma forma fixa e fetichista de representação do outro. Podemos encontrar diversos estereótipos ao Brasil e ao brasileiro ao longo da obra de Letria, narrado do ponto de vista de um português no Brasil do século XIX. O Brasil é retratado como um país perfumado e colorido, repleto de frutas e comidas exóticas, pessoas de muitas raças, em que há liberdade nos costumes e uma cultura atrasada. O livro contesta o estereótipo de país “selvagem, repleto de pretos, índios e macacos” (p. 65), mas acaba reafirmando estereótipos de negras sensuais, povo malandro e preguiçoso etc. Portanto, mesmo que o livro tente questionar representações equivocadas do Brasil, acaba caindo em uma estereotipagem que ainda persiste no século XXI.

**Palavras-chave:** Estereótipo. Representações do Brasil. Literatura portuguesa contemporânea.



## Mesa 9 (AT 1 – Sala 02) – A novíssima ficção portuguesa: Djaimília Pereira de Almeida, Isabela Figueiredo e Gonçalo M. Tavares

**Paulo Williams de Souza | Adriana Pimenta da Silva**

*A arquitetura literária em Senhor Valéry*

**Resumo:** A proposta é refletir, em *O Senhor Valéry e a Lógica* (2011), de Gonçalo M. Tavares, como parte do projeto literário “O Bairro”, sobre a ideia da espacialização e plasticidade na concepção da escrita literária. “O Bairro” constitui um projeto arquitetônico previamente desenhado, cuja projeção e espelhamento já pode ser observado desde a escolha do título *Valéry*, que abre a série. O célebre autor do simbolismo francês nutria um verdadeiro fascínio pela arquitetura sendo essa admiração e pensamento crítico/filosófico expressa na obra *Eupalinos ou O Arquiteto – Escritos de Circunstância* (Valéry, 1921). Territorialidades, medidas, proporções, linhas são elementos articulados e friccionados na obra. Entre literatura, arquitetura e filosofia, a obra *O Senhor Valéry e a Lógica* se ergue nos deslocamentos e passagens que operam a travessia por uma espécie de mapa-diagrama. Na obra, a intertextualidade ultrapassa muros com a aplicação dos princípios de criação arquitetônica à escrita e da palavra-desenho, imbricando a simplificação lógica da narrativa em vários níveis.

**Palavras-chave:** intertextualidade, interartes, interartístico, palavra-desenho, arquitetura

**Ana Maria Carneiro de Mello**

*A novíssima literatura portuguesa e suas estratégias literárias: “O caderno de memórias coloniais”, de Isabela Figueiredo*

**Resumo:** *Caderno de memórias coloniais* (2009), da autora Isabela Figueiredo, filha de pais portugueses, nascida em Moçambique, narra a história de uma menina, desde a infância até os treze anos. A trama se passa no final do Império colonial português, nos anos 70. Trata-se de uma novela, e o cenário principal é a cidade de Lourenço Marques, hoje Maputo, capital de Moçambique. O enredo traz, além da visão de a criança sobre seu entorno sociocultural, a multiplicidade de sentimentos de admiração, culpa, repulsa e amor da filha pelo pai. Isabela, em sua narrativa desprezenciosa, ao mesmo tempo intrigante, retrata a realidade vivida pelos negros e por ela mesma, os conflitos sociais com os colonizadores e seus próprios conflitos, provocados pela realidade em que se insere, em uma narrativa única, capaz de intensificar os fatos a que se refere. Para Isabela: “O Caderno de memórias coloniais” nunca estará acabado em mim. A minha memória tem um caráter fragmentado, muito sensível aos eventos do cotidiano” (FIGUEIREDO, p. 177). Na obra *Caderno de memórias coloniais* (2009), a memória é uma dádiva e uma maldição. Esse paradoxo se evidencia ao Isabela expor a catarse dessas memórias e a maldição dos reflexos que

delas surgiram, como a culpa que carrega por não ter sido capaz de transmitir um recado solicitado pelo pai, visível no trecho: “Nunca entreguei a mensagem de que fui portadora” (FIGUEIREDO, 2009, p. 132). Nesse contexto, a ficção de Isabela se constrói de incertezas, personagens e espaços dúbios, que se misturam entre o real e o ficcional, levando a confundir o leitor. Ao analisar esta obra de Isabela Figueiredo me debrucei sobre questões como metaficção historiográfica, em que, segundo Seamon (1983, 212-216), a ficção e a história se interrelacionam historicamente e variam de acordo com o passar do tempo. No caso dos romances, o metaficção e o historiográfico aparecem nos intertextos da narrativa e acrescentam informações sobre o contexto cultural e histórico da escrita ficcional (WOLF, 1982, 12). Essa interrelação entre passado e presente pode ser percebida na narrativa de Figueiredo em “O caderno de memórias coloniais”, em que se entrelaçam fatos passados com o momento presente na vida das personagens, o que traz uma compreensão ampliada do cenário narrativo proposto pela autora. Além disso, o livro de Isabela Figueiredo possui uma escrita memorialista sobre a trajetória de construção da identidade da narradora-personagem, no decorrer de sua vida, em diferentes momentos e locais, como, por exemplo, o período da colonização portuguesa em Moçambique e o retorno da personagem para Portugal, depois da Revolução de 25 de Abril de 1974. Segundo Figueiredo (2018), o Caderno é “uma autobiografia romanceada, ou um romance de inspiração autobiográfica, expressões usadas para designar obras que partem da experiência do eu”. O que leva a uma análise mais detalhada da obra, permitindo que sejam abordadas questões como memórias, metaficção historiográfica, permitindo um maior entendimento a respeito da essência desta novela, que se construiu em meio à ficção e à realidade.

**Palavras-chave:** contemporâneo. literatura portuguesa. racismo. escrita de si. caderno de memórias coloniais.

**Jêssyka Silva Cardoso | Marcio Jean Fialho de Sousa**

*Desafiando Normas e Reconstruindo Valores: A Transgressão de Júlia Mann em uma Sociedade Patriarcal*

**Resumo:** No século XIX, as mulheres enfrentaram inúmeros desafios e restrições em uma sociedade patriarcal e machista, onde seus papéis eram rigidamente definidos e suas contribuições, frequentemente, subestimadas. Em *O Regresso de Júlia Mann a Paraty*, Teolinda Gersão destaca uma figura notável desse período. Júlia Mann confrontou as normas sociais e reivindicou o seu valor, contrariando as expectativas convencionais da sociedade alemã. Este estudo pretende evidenciar a capacidade das mulheres de desafiar normas sociais opressivas, tendo como exemplo a figura de Júlia Mann; analisar o valor da mulher em uma sociedade patriarcal e investigar como Júlia transgrediu as normas sociais, contribuindo para a reconstrução de valores relacionados ao papel da mulher. Esta comunicação consiste em uma pesquisa bibliográfica, com análise da obra literária *O Regresso de Júlia Mann a Paraty*; e para compreender a trajetória de Júlia Mann e as ideias predominantes sobre a mulher em uma sociedade patriarcal serão utilizados autores como: Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral (2005), Gerda Lerner (2019), Maria Lúcia Del Farra (2007), dentre outros.

As ações de Júlia Mann ressaltam a importância de reconhecer e valorizar as contribuições femininas; servindo como inspiração para a luta pela valorização e empoderamento das mulheres, na sociedade.

**Palavras-chave:** Teolinda Gersão. O Regresso de Júlia Mann a Paraty. Transgressão. Patriarcalismo. Contribuições Femininas.

## Mesa 10 (AT 1 – Sala 2): Dinâmicas setecentistas e oitocentistas

**Paulo Victor Alves Lima da Silva**

*A PENA-BISTURI: Uma leitura dos prefácios naturalistas de Alfredo Gallis.*

**Resumo:** Quando nos debruçamos sobre as manifestações literárias do naturalismo, entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, é indiscutível a relevância dos prefácios doutrinários, que acompanhavam os romances naturalistas, para a defesa e difusão da “cartilha” do movimento. É o caso do prefácio de Germinie Lacerteux, dos Irmãos Goncourt, e do célebre texto de Zola que introduz Thérèse Raquin, escritos essenciais no estabelecimento das bases estéticas e de observação e análise científica da realidade. Em Portugal, no prefácio de Abel Botelho à segunda edição d’O barão de Lavos (1898), expõe-se o interesse pelo “patológico”, pela descrição dos sujeitos “desequilibrados” e “aberrantes”. Nesta comunicação abordaremos os paratextos do também português (e bem menos conhecido) Alfredo Gallis, especialmente os que integram os romances do seu ciclo naturalista “Tuberculose Social” (1901-1904). Os longos proêmios doutrinários-científicos de Gallis nos oferecem um amplo retrato do tecido social lusitano, orientados pelo objetivo de diagnosticar e denunciar as supostas “nódoas” que degeneravam a nação, como a prostituição, alcoolismo e a homossexualidade. Buscamos evidenciar os elos entre literatura, teorias científicas, observações cotidianas e elementos históricos que visam reforçar o intuito pedagógico da obra e apontam para as afinidades entre naturalismo e licenciosidade.

**Palavras-chave:** Naturalismo. Alfredo Gallis. Literatura Portuguesa

**Sara Vitória Silva Monteiro**

*Ideias de progresso em textos de imprensa de Eça de Queirós e André Rebouças (1880-1882)*

**Resumo:** Na segunda metade do século XIX, diferentes noções do conceito de progresso estiveram presentes em produções artísticas e intelectuais. A imprensa periódica possibilitou a formação de uma arena de debates paralelos aos debates políticos institucionais, ampliando os espaços públicos e dando projeção a indivíduos de origens diversas. Esse é o caso de Eça de Queirós (1845-1900) — cônsul e escritor — e de André Rebouças (1838-1898) — engenheiro e professor —, que publicaram crônicas e outros textos não-ficcionais em jornais e revistas na segunda metade do século XIX, versando sobre temas variados. Nessa comunicação, pretendo apresentar uma comparação entre as concepções de progresso para André Rebouças e Eça de Queirós, entre os anos de 1880 e 1882. Nesse período, ambos os intelectuais publicaram em periódicos brasileiros: Eça se dedicou à Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro (conjunto de textos conhecidos posteriormente como Cartas de Inglaterra), enquanto Rebouças redigia colunas para a Revista de Engenharia. Apesar dos diferentes públicos, abordagens e foco das publicações, é possível estabelecer diálogos entre os pensamentos de tais indivíduos acerca de tema tão presente na produção

intelectual da segunda metade do século XIX, identificando pontos de aproximação e afastamento entre a visão dos autores.

**Palavras-chave:** Eça de Queirós; André Rebouças; Textos de imprensa

### **Amanda Carvalho**

*Entre o amor e o desejo: As várias formas de se relacionar em Os Maias e no século XIX*

**Resumo:** A cultura romântica teve um importante papel nos modelos de erotismo construídos no século XIX, mesmo o que se apresentava de forma velada, com representações de amor ardente, como na literatura do início dos oitocentos. Pode-se concluir de tal observação que a literatura é um forte pilar dessa sexualidade e dos novos costumes que entravam em voga no cenário pós-Revolução Liberal em Portugal. Almeida Garrett e Camilo Castelo Branco, por exemplo, já haviam começado a mencionar uma suposta separação entre amor e sexo, ainda no Romantismo. Apesar disso, Eça de Queirós vai além. O autor fala sobre a sexualidade de forma mais explícita, devassando, de fato, as alcovas. Em *Os Maias*, obra selecionada para análise no presente trabalho, vemos como os portugueses se portavam em relação a várias questões sociocomportamentais, mas vamos nos ater ao fio tênue que começava a separar de forma mais incisiva o amor e o desejo no terreno oitocentista lusitano.

**Palavras-chave:** Eça de Queirós; Sexualidade; Século XIX

### **David Alves Paulino**

*Os conceitos de A essência do Cristianismo em Eça de Queirós: uma análise de A relíquia.*

**Resumo:** Neste estudo, apresentaremos uma análise do livro *A relíquia* (1887), de Eça de Queirós (1845-1900), relacionando-o com os conceitos presentes em *A essência do Cristianismo* (1841), de Ludwig Feuerbach (1804-1872). Para isso, utilizamos autores como Adolfo S. Vásquez (1997), Francesco Tomasoni (2015), Aparecida de F. Bueno (2000), Fernando Catroga (1988), dentre outros. Em *A relíquia*, deparamo-nos com um narrador irônico, Teodorico Raposo, que após a morte de seus pais, ainda em sua infância, passa a viver com sua tia D. Patrocínio das Neves. No decorrer do livro, são descritas personagens religiosas, não religiosas, lugares cristãos, não cristãos e sonhos pouco ortodoxos com recursos estilísticos e literários para dialogar com conceitos filosóficos advindos de pensadores europeus que o autor havia tido contato em sua fase formativa. Um dos autores é Ludwig Feuerbach. A investigação evidencia que os conceitos feuerbachianos de alienação, o caráter antinatural do Cristianismo, o milagre, a essência do coração, dentre outros, podem estar presentes em diversos momentos da obra.

**Palavras-chave:** Eça de Queirós. Ludwig Feuerbach. *A relíquia*. *A essência do Cristianismo*.

## Mesa 11 (AT 1 – Sala 8): Escritas de autoria feminina e violências

**Marinei Almeida**

*Corpos oprimidos: violentas condições de mulheres em narrativas de autoria feminina*

**Resumo:** Levar-se-á em consideração, para a proposição desta intervenção, uma atenção voltada à textos literários que apontam para a problematização sobre o lugar de mulheres, em diferentes espaços e situações e que convidam para discussões sobre a diversidade, a desigualdade, o racismo, o sexismo e que também afirmam, denunciam e/ou apontam uma saída da condição de subalternização dessas mulheres. Pensando no entrelaçamento, portanto, na relação gênero, raça e classe social, propomos uma reflexão sobre mulheres negras inseridas em uma sociedade patriarcal e a(s) violência(s) perpetrada(s) contra elas, problematizando algumas das violências a que elas estão sujeitas. Como fio condutor de um diálogo intertextual, tomamos como escopo a leitura de algumas narrativas das Literaturas de Língua portuguesa, a exemplo: *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), de Conceição Evaristo, *A Gorda* (2016), de Isabela Figueiredo, dentre outras.. Nestas reflexões apontamos para a necessidade da utilização do termo violências no plural, como nos sugere Irme Salete Bonamigo (2008), levando em consideração que uma violência está atrelada às outras, são várias violências sobrepostas ao mesmo tempo, sobretudo quando se trata da mulher negra de classe baixa em espaços periféricos, vítimas de violências de gênero, racismo e da exploração capitalista.

**Palavras-chave:** Violências, interseccionalidade, feminino, Literaturas de Língua Portuguesa.

**Marcio Jean Fialho de Sousa**

*O reencontro de Júlia Mann: marcas da violência xenofóbica em Teolinda Gersão*

**Resumo:** Ainda que suas raízes sejam muito mais antigas, as consequências dos grandes discursos científicos do século XIX, tais como as ideias de normalidade e anormalidade, assim como a de superioridade de raça, estão todas registradas em muitas e diferentes obras literárias de diversas épocas, sejam de modo a promover a manutenção do status quo ou de despertar o leitor às mais diversas reflexões que urgem na contemporaneidade. Não se isentando desse debate, Teolinda Gersão, com a obra *O regresso de Júlia Mann a Paraty*, de forma perspicaz e cuidadosa, insere seu leitor no exercício catártico junto à personagem homônima da obra, que se vê obrigada a se normatizar em uma cultura dita superiora, sofrendo as mais variadas violências xenofóbicas ao ponto de desconfigurar sua verdadeira identidade. Desse modo, em diálogo com Michel Foucault (1997) e Grada Kilomba (2020), esta comunicação pretende estabelecer uma reflexão crítica acerca do verdadeiro regresso de Júlia Mann a sua cidade natal no fim do romance, tratado de modo alegórico, revelando muito de uma sociedade xenofóbica e exclusivista.

**Palavras-chave:** Teolinda Gersão. Julia Mann. Xenofobia. Normalidade. Apagamento.

## MESAS DE COMUNICAÇÕES

**SEXTA-FEIRA, 29 DE SETEMBRO DE 2023 | 09:00 – 10:30**

### **Mesa 1 (AT 8 – Sala 181): Dinâmicas oitocentistas I**

**Wilian Augusto Inês**

*A mulher na família burguesa oitocentista: uma análise do romance Uma Família Inglesa, de Júlio Dinis*

**Resumo:** No século XIX, a figura masculina era a autoridade máxima na família, por outro lado a mulher deveria transparecer “uma receptividade passiva em relação aos desejos dos homens e, a seguir, dos filhos” (KEHL, 2008, p. 48). Mesmo as mulheres sendo submissas aos homens nesse período, é importante ressaltar que a figura feminina era uma das principais responsáveis pelo desenvolvimento da família burguesa, pois ela que educava os filhos e tomava conta do ambiente doméstico. Segundo Irene Vaquinhas (2004, p.163): “o século XIX legou-nos uma imagem da mulher como ausente dos espaços públicos, mas com poderes nas esferas do doméstico e do privado, estendendo-os tentacularmente a toda a sociedade”, ou seja, a mulher burguesa oitocentista, mesmo que de forma velada, influenciava os homens com seus conselhos, vindo então a manejar os seus comportamentos. Com base nisso, este projeto visa analisar a personagem Jenny do romance Uma Família Inglesa (1868), de Júlio Dinis (1839-1871), analisando como Jenny possui um poder de governo oculto no romance, sempre buscando harmonizar a família nos momentos de discórdia e, principalmente, no processo de transformação de comportamento das outras personagens.

**Palavras-chave:** Representação da mulher. Família burguesa. Romance português oitocentista. Júlio Dinis

**Bianca de Oliveira Picaccio**

*O romance queiroziano e a condição feminina: uma análise crítica-literária da personagem Luísa, de O Primo Basílio*

**Resumo:** No romance queiroziano, encontramos algumas das formas de violência perpetradas sobre as mulheres ao longo da História ocidental, que serão estudadas nesta pesquisa: a restrição à liberdade feminina; a vigilância e o controle sobre os seus corpos, vistos como meros objetos de status ou de prazer e o julgamento social sobre aquelas que, mesmo que indiretamente, ousam contrariar as expectativas. Dessa maneira, o presente trabalho busca no romance de Eça de Queiroz, por meio da análise da personagem Luísa, típica burguesa da sociedade oitocentista portuguesa, algumas das problemáticas relacionadas ao mundo feminino, em meio à crítica realista que o escritor faz à sociedade em geral, a fim de dimensionar e compreender as diversas formas de violência a que as mulheres eram submetidas no século XIX, traçando um paralelo com a sociedade atual.

**Palavras-chave:** Literatura Portuguesa. Século XIX. Condição feminina

**Moisés Baldissera da Silva**

*Amanhã (1901), de Abel Botelho: um roman ouvrier?*

**Resumo:** *Amanhã (1901)* é o terceiro romance da pentalogia intitulada “Patologia Social”, com a qual Abel Botelho pretendeu retratar e criticar a sociedade portuguesa em final do século XIX. É, também, o único a retratar a vida operária. Santana (2007) aponta que o romance talvez tenha sido “aquele que mais legitimamente se pode rotular de romance proletário” (p.230) na literatura portuguesa. A pesquisadora, ao passo que apresenta tal hipótese, a refuta, em seguida, com um trecho do prefácio, pois, para ela, o romance é dirigido “às classes dirigentes e ao público esclarecido em geral”, seu sentido é de “meditação e piedade”. Dessa forma, apesar do romance não ser direcionado aos operários, o retrato dessa classe social promove debate e reflexão. Assim, proponho, com base em estudos mais recentes sobre o roman ouvrier, discorrer sobre o status de *Amanhã (1901)* na literatura portuguesa.

**Palavras-chave:** Naturalismo. Romance Proletário. Abel Botelho



## Mesa 2 (NAP/CECH – Sala 5): Dinâmicas oitocentistas II

**Flávia Pais de Aguiar**

*Representação das emoções a partir de uma estética da violência na poesia de Manuel Maria Barbosa du Bocage.*

**Lucia Maria Moutinho Ribeiro**

*"Os Cavaleiros" de Antônio Nobre: o romanceiro ibérico e suas projeções*

**Resumo:** O trabalho aborda o poema "Os Cavaleiros" de Antônio Nobre, publicado no SÓ, única edição em vida do poeta, em 1892. Demonstra como o texto reproduz com mestria as características próprias do gênero poético ibérico e tradicional, denominado "romanceiro", de acordo com Menéndez Pidal (1957), assim como os modernistas brasileiros Mário de Andrade e Cecília Meirelles as preservam, na lenda de "A Serra do Rola-Moça" e no histórico "Romanceiro da Inconfidência", respectivamente. Menciona como no texto "Meu sonho" de Álvares de Azevedo, a imagem do cavaleiro, segundo Cândido (1985), se impregna de sexualidade, enquanto parece ausente no nobriano. Trata-se de demonstrar a prevalência da poesia e a permanência da tradição ibérica a conviver com a modernidade.

**Palavras-chave:** Romanceiro. "Os Cavaleiros". Antônio Nobre.

### Mesa 3 (AT 8 – Sala 182): Interfaces do Modernismo português

**Miguel Graciano Silva da Costa**

*A Teoria do Sensacionismo de Pessoa em Alberto Caeiro*

**Resumo:** A intenção desta comunicação é provocar uma reflexão sobre a teoria do sensacionismo de Fernando Pessoa na poética de Alberto Caeiro, por meio da análise do poema *Sou um guardador de rebanhos*. Para tanto, serão evidenciadas a pluralidade do eu, defendida na primeira regra da referida teoria, segundo a qual se deve abolir o “dogma da personalidade”, dando corpo à ideia de que cada indivíduo deve ser muitos indivíduos, o que consiste na representação da universalidade/pluralidade do ser, ideia essa concretizada com a heteronomia em Fernando Pessoa, a qual demonstra a teoria do sensacionismo colocada em prática, bem como a linha mestra que a define, ou seja, a “primordialidade da sensação”, a qual é apresentada em três espécies distintas: “sensações vindas do exterior, sensações vindas do interior e sensações do abstrato”.

**Palavras-chave:** Sensacionismo, Fernando Pessoa, Alberto Caeiro, pruralidade do eu, primordialidade da sensação

**Ana Clara Albuquerque Bertucci**

*O fluxo de consciência no conto "O Peregrino" de Fernando Pessoa*

**Resumo:** O século XX é marcado pelo recorrente uso do fluxo de consciência por escritores como Woolf e Joyce. Entretanto, pouco se fala sobre o fluxo de consciência em Fernando Pessoa. Propomo-nos a mostrar a presença do fluxo de consciência no conto “O Peregrino”. Este se inicia com uma personagem não nomeada que se deparará com um Homem de Preto, apesar de não se lembrar de conversar com esse homem, sua presença causou uma angústia avassaladora e a única frase que ele se lembrava era: “Não fites a estrada, segue-a até o fim” (PESSOA, 2022, p. 142). A partir desse momento, a personagem começa um longo trajeto em busca de um sentido para a vida. Willian James (1890) afirma que o fluxo de consciência se estabelece pelo constante movimento em busca do desconhecido: a personagem sai de seu vilarejo em busca do Homem de Preto, o desconhecido. Outro ponto discutido por James é a sensibilidade do mundo e as alterações mentais que as personagens sofrem, percebe-se esse elemento ao longo de todo o conto por meio das emoções sentidas pela personagem. “O Peregrino” é um conto em busca do desconhecido repleto de transições de pensamentos, sentimentos divergentes e simbologias fundamentais.

**Palavras-chave:** Fluxo de consciência; sentimentos; Fernando Pessoa

**Oscar José de Paula Neto**

*O Livro do Povo: António Botto e o testemunho do cotidiano de Lisboa*

**Resumo:** Uma leitura mais detida das obras de António Botto da década de 1940 revela de forma mais presente a sua preocupação com o aspecto social e como esse dado se inscreve na paisagem do ambiente urbano lisboeta. Em *O Livro do Povo* (1944) conhecemos Lisboa através dos olhares de sujeitos poéticos que deambulam pela cidade e entram em contato com seus habitantes, cujos trajetos pelas ruas, pelos estabelecimentos, pelos monumentos e por outros espaços conhecidos da capital informam uma cartografia do espaço geográfico e um testemunho do cotidiano cidadão. Assim, o poeta reflete sobre as experiências de indivíduos que cruzam tais ambientes com olhares curiosos, instigantes e desassossegados com as disparidades sociais e com as transformações desiguais da capital portuguesa. Mediante possíveis diálogos com a estética neorrealista que passava a despontar em Portugal desde a década anterior, Botto apresenta textos que rompem significativamente com sua criação poética mais tradicional, na qual havia um distanciamento consciente dos problemas políticos e sociais. Dessa forma, apresentamos a obra destacada como um destacado instante de ruptura no conjunto poético bottiano, quando o autor intentou reformular a sua atuação literária e aproximar-se das novas gerações de escritores.

**Palavras-chave:** António Botto. Poesia Portuguesa. História Literária. Testemunho. Poesia social

## Mesa 4 (AT 8 – Sala 183): Dinâmicas estéticas contemporâneas I

**Giovanni Nilson Rosalino**

*“O corpo exposto à invasão dos sinais”: representações da AIDS em Que Sinos Dobram por Aqueles que Morrem como Gado?, de Rui Nunes*

**Resumo:** Em um primeiro momento, este trabalho possui o objetivo de apresentar resultados e discussões oriundos do estudo da obra *Que sinos dobram por aqueles que morrem como gado?* (1995), de Rui Nunes, levando em consideração, por um lado, as representações da aids presentes na trama, e, por outro, o modo como o projeto de escrita nuniano vocaliza essas questões associadas à doença e aos seus estigmas. Já em uma segunda parte, pretende-se coligir a estrutura da obra investigada com a de *Glas*, de Jacques Derrida (1974), retirando-se daí desdobramentos que abarcam o luto, a homossexualidade, o gesto de taxonomizar, dentre outras questões que, como se verá, estão relacionadas à aids e às suas representações.

**Palavras-chave:** Rui Nunes; aids; hiv

**Fernanda Gappo Lacombe**

*“Vamos por partes, como o esquartejador” - A fragmentação corporal como desumanização em Balada da praia dos cães, de José Cardoso Pires*

**Resumo:** Segundo Gabriella Campos Mendes (2022), no verbete dedicado à personagem Mena Ataíde, do Dicionário de personagens da Ficção Portuguesa, sua descrição é sexualizada e em partes, mediada pelo desejo de Elias Santana, o Covas; o corpo de Mena nunca é apresentado em sua inteireza, mas sempre em partes exploradas e devassadas pelo olhar de Santana, também na vida, mas principalmente pelas fotografias e por sua imaginação. O corpo de Mena, entretanto, não é o único representado aos pedaços por Cardoso Pires: tanto o Major Dantas, quanto Covas, são "esquartejados" em sua descrição corporal, integrando o conjunto de partes corporais fragmentadas espalhadas pela Balada. Nesta comunicação, pretendemos explorar de que maneira esta estratégia de esquartejamento literário proposta pelo autor compõe a representação da perda de subjetividade e até humanidade elaborada pelo romance.

**Palavras-chave:** José Cardoso Pires. Balada da praia dos cães. corpo. esquartejamento literário. Desumanização

**Lucas Pereira Pessin**

*E todo menino é um rei-mandado*

**Resumo:** Neste aniversário de 25 anos da morte de José Cardoso Pires, esta comunicação visa homenagear a sua memória e a sua dedicação às linhas de literatura com uma leitura do conto “Os reis-mandados”, publicado na antologia *O burro-em-pé* (1979). Datado de fevereiro de 1960, mas lançado em um livro posterior à Revolução de Abril, esse conto apresenta a dolorosa situação de João Janico, uma criança longe de ser tratada como tal. Tido como um mini-adulto e até mesmo como hóspede em sua casa, diante de tanta pobreza e dificuldades, o menino se vê obrigado a largar a sua infância e abraçar a busca por trabalho na zona dos ricos. Desloca-se. Nessa procura sem qualquer sucesso, o conto nos traz um contraponto entre o triste dia de Janico e a cena, vista por ele, de crianças a brincar de “os reis-mandados”. Neste trabalho, veremos a forte influência do neorrealismo e da ironia cardosiana, sobretudo, lembraremos do profundo senso de responsabilidade cívica desse escritor que deixa um recado bem claro: toda criança tem de sonhar. E todas são reis-mandados.

**Palavras-chave:** José Cardoso Pires. Criança. Reis-mandados. Neorrealismo

## Mesa 5 (AT 8 – Sala 184): Dinâmicas estéticas contemporâneas II

**Andrea Bittencourt**

*Entre a virtude e o vício: lugares de mulher em "Ensaio sobre a cegueira", de José Saramago*

**Resumo:** Em vista da comemoração dos 25 anos do Prêmio Nobel de José Saramago (1922-2010), busca-se analisar sua obra laureada, a saber, *Ensaio sobre a cegueira* (1995), com foco nas personagens femininas, tão importantes e grandes condutoras da narrativa. Considerando a grande quantidade de estudos nesse sentido, lança-se luz, especificamente, à constituição moral de duas personagens a princípio antagônicas, sendo elas a mulher do médico e a rapariga dos óculos escuros, representativas da virtude/razão e do vício/prazer, respectivamente. Para essa análise, com vistas a buscar similaridades e distinções entre suas caracterizações, são empregadas como fundamento teórico as premissas da filosofia moral de David Hume (1711-1776), de forma a auxiliar na identificação das paixões mais relevantes na constituição dessas personagens, findando por verificar se houve a concretização de uma das premissas principais do filósofo, qual seja, a primazia das paixões sobre a razão.

**Palavras-chave:** Ensaio sobre a cegueira. José Saramago. Representação feminina. Filosofia moral. David Hume.

**Kairo Lazarini da Cruz**

*Interidentidades portuguesas em o esplendor e Portugal, de António Lobo Antunes*

**Resumo:** Este trabalho tem por finalidade analisar o romance *O Esplendor de Portugal* (1997), de António Lobo Antunes, sob uma perspectiva pós-colonial. A partir da noção de interidentidades articulada por Boaventura de Sousa Santos (2003), segundo a qual a “[...] auto-representação do colonizador português cria uma disjunção caótica entre o sujeito e o objeto de representação colonial” (SANTOS, 2003, p. 25), procuro compreender de que maneira a evocação da desagregação geográfica, familiar e identitária experimentada pelas personagens Isilda, Carlos, Rui e Clarisse, colonos portugueses em África no contexto da Guerra Civil Angolana (1975-2002), prefiguram, metonimicamente, interidentidades que contribuem à irônica (HUTCHEON, 2000) subversão dos sistemas simbólicos (SILVA, 2014) de representação do ethos colonial do “Império Português” ecoada no microcosmos familiar, e, desse modo, colocam sob suspeita a noção de “esplendor de Portugal” popularizada pela historiografia oficial do Estado Novo português (1933-1974).

**Palavras-chave:** interidentidade; ironia; colonialismo; pós-colonialismo; ficção portuguesa contemporânea; António Lobo Antunes

**Cintia Tavares Saviam**

*O silêncio obstinado das coisas caladas: uma análise da personagem jorgiana Milene Leandro*

**Resumo:** O presente trabalho propõe uma análise da personagem Milene Leandro, pertencente ao romance *O Vento Assobiado nas Gruas*, da escritora portuguesa Lídia Jorge, publicado em 2002. Através de um apanhado de conceitos sobre o estudo da personagem, difundidos por renomados autores como E. M. Forster, Carlos Reis e Jens Eder, intui-se analisar a heroína baseando-se nos artifícios ficcionais e retórico-discursivos usados pela autora na composição e figuração dessa personagem tão complexa, que tem de enfrentar inúmeros preconceitos e violências ao longo de sua narrativa, por conta da sua neurodivergência, chamada oligofrenia. Ademais, considerando os contextos histórico-sociais trabalhados por Lídia Jorge, e as tendências da literatura portuguesa contemporânea, visa-se relacionar de um modo mais geral, a personagem a respeito das temáticas abordadas pela autora em suas obras, tais como a figura da mulher portuguesa durante e após a Guerra Colonial Portuguesa. Além de pensar em como a sociedade a qual Milene está inserida reage as suas deficiências, e quais são as possíveis interpretações que podemos fazer – pensando em questões como a misoginia, o machismo, e preconceito, seja ele racial, seja ele com pessoas que tenham alguma deficiência. Em suma, compreender o que a personagem em questão representa em sua narrativa.

**Palavras-chave:** Personagem, narrativa, figuração, literatura portuguesa contemporânea, Milene Leandro

## Mesa 6 (AT 8 – Sala 187): A ficção portuguesa contemporânea

**Pedro Rogério Tavares da Silveira**

*Recordar, compor: a ficcionalidade de "Um deus passeando pela brisa da tarde"*

**Resumo:** No romance "Um deus passeando pela brisa da tarde" (1994), de Mário de Carvalho (1944-), conhecemos as memórias de Lúcio Valério Quíncio, outrora magistrado em Tarcis, cidade localizada na região da Hispânia, no Império Romano. Exilada em sua propriedade rural, altura em que "o tempo é lerdo, a vida baça", "os dias arrastam-se" e "Cómodo impera", e instigada, diremos nós, por uma pergunta algo melancólica ("como ser feliz?", diz ela, para si mesma) e também pela visita de um seu conhecido dos tempos de magistratura, é ali que a personagem dará início à sua escrita, não sem antes afirmar: "O que não conseguir recordar, comporei, sem qualquer escrúpulo". Recordar e compor são aqui afinal as duas faces de uma mesma moeda, a moeda da ficção, "Aos 213 anos da era de Augusto", "sob o império de Marco Aurélio Antonino". Nesta comunicação, propomo-nos a apresentar algumas considerações a respeito da matéria ficcional e narrativa desse romance, contando, sobretudo, com o auxílio de outras obras literárias, sem fazer de nenhum texto teórico o nosso guia, embora com notadas dívidas às contribuições dos filósofos Walter Benjamin (1892-1940) e Paul Ricoeur (1913-2005).

**Palavras-chave:** Mário de Carvalho. Romance. Ficção

**Lucas Augusto Dâmaso Oller do Nascimento**

*O Físico Prodigioso: um estudo ecfrástico da obra de Jorge de Sena*

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é fazer uma análise interpretativa da obra "O Físico Prodigioso", de Jorge de Sena, a partir do dispositivo retórico da ekphrasis, tendo como referência os textos do professor Mário Avelar sobre o tema. Para o desenvolvimento deste projeto, será realizado um estudo iconográfico das pinturas medievais que possivelmente influenciaram o autor na construção de sua obra, a partir das pesquisas da Professora Maria Cristina Correia Leandro Pereira.

**Palavras-chave:** Ekphrasis; Idade Média; Jorge de Sena; O Físico Prodigioso



**Fernando Henrique de Paulo**

*O erotismo em O Belo Adormecido, de Lídia Jorge, e Orlando, de Virginia Woolf*

**Resumo:** Lídia Jorge, em seu conto *O Belo Adormecido*, presente no livro de mesmo título, faz a sua própria versão do clássico conto de fada, subvertendo a estrutura da história, ao criar uma narrativa em que um menino, Francisco, o belo adormecido do título, conhece e se envolve, mesmo que de forma platônica, com uma mulher mais velha, Berta Helena, uma atriz se preparando para encarnar Orlando, de Virginia Woolf, no teatro. Nos contos de fadas, o encontro harmonioso do príncipe e da princesa, o despertar de um para o outro, é um símbolo do que implica a maturidade: não só a harmonia dentro de nós, mas com o outro. A vinda do príncipe no tempo certo pode ser interpretada como o evento que produz o despertar da sexualidade ou o nascimento de um ego mais aprimorado, e isto vai depender do ouvinte; a criança compreende os dois significados. Comparar *O Belo Adormecido* com *Orlando*, de Virginia Woolf, através do estudo das obras de autores como George Bataille (*O Erotismo*), Bruno Bettelheim (*A psicanálise dos contos de fadas*) e Maria Rita Kehl (*Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana*), é o tema de nossa proposta.

**Palavras-chave:** Lídia Jorge; *O Belo Adormecido*; *Orlando*; Literatura portuguesa

## Mesa 7 (AT 8 – Sala 188): Poesia de língua portuguesa e tempo presente

**Maria Silva Prado Lessa**

*Leitura e experiência de poesia em tempos de indignação*

**Resumo:** E por que poesia em tempos de indignação? Sugerimos uma torção na questão originalmente proposta num verso de “Pão e vinho”, poema de Hölderlin (“[...] e por que poetas em tempos de indignação?”), e um deslocamento da Alemanha oitocentista à universidade pública brasileira de 2023. O sentimento de crise que atingiu dimensões imprevistas a partir de março de 2020 não é novo, tampouco resultado apenas da pandemia num dos países mais afetados pelo coronavírus. A perda do sentido do mundo nos últimos anos, provocada pela combinação indigente da pandemia de Covid-19 com desemprego, redução da renda mensal familiar, luto, doença, solidão e ensimesmamento tem impactos diretos no trabalho com poesia em sala de aula com alunos da graduação em Letras. Defendemos a necessidade de revisitar e transformar as práticas de leitura e interação dos alunos com a produção poética luso-afro-brasileira, por compreendermos a experiência poética como potência perturbadora dos limites imaginativos instaurados pela retórica da crise permanente e de seus efeitos cotidianos. Nosso objetivo será apresentar estratégias didáticas a adotar rumo a uma experiência com a poesia num cenário de crescente miséria e violência, que incidem diretamente sobre as possibilidades de realização libertadora da imagem poética.

**Palavras-chave:** Poesia. Política. Ensino. Universidade. Pandemia

**Sergio Guilherme Cabral Bento**

*Poesia no youtube: entre o cânone e a margem*

**Resumo:** A comunicação tem por objetivo colocar em perspectiva comparatista duas manifestações contemporâneas do fenômeno poético no Youtube, maior plataforma de vídeos do mundo. Uma delas é a vídeopoesia, produção especificamente pensada para tal meio, em que a intersemioticidade permitida pelo vídeo faz com que o poema narrado e as imagens em movimento sejam produtoras de sentido. Como objeto, a obra de Matilde Campilho, autora bem estabelecida na poesia contemporânea portuguesa, de sólida penetração acadêmica. A outra, os registros de eventos presenciais ligados ao hiphop que abundam na plataforma, com grande alcance de views. Nesse caso, serão objeto de análise filmagens de competições de poesia slam e de batalhas de rima, como os vídeos da Batalha da Aldeia, que ultrapassam a casa de um milhão de visualizações. O objetivo é pensar semioticamente o vídeo como forma (no caso de Campilho) e como arquivo (no caso das batalhas), bem como nas implicações de tal dicotomia.

**Palavras-chave:** vídeopoesia. Matilde Campilho. slam. hiphop. batalha de rima

## Mesa 8 (NAP/CECH – Sala 2): Celebrar José Saramago

**Naiara Martins Barrozo**

*(Não) contentar-se com o espetáculo do mundo: Saramago e Ricardo Reis*

**Resumo:** É sabido, por diversas declarações de Saramago, a centralidade que Ricardo Reis tem para o autor. Como afirmou na Revista Trespuntos em 1998, além de ter sido o primeiro heterônimo de Pessoa com o qual teve contato, aos dezenove anos, a leitura trouxe imediatamente uma "forte impressão, de repúdio". Em sua fala, o escritor cita uma frase em especial que acabou por marcar grande parte de sua produção literária: "Sábio é quem se contenta com o espetáculo do mundo". Saramago era o total oposto: alguém que não era capaz e não queria ter uma atitude distante e apática da realidade social que o cercava. É aquela frase que está no cerne da escolha do heterônimo para figurar como protagonista de seu romance "O ano da morte de Ricardo Reis", que é, por seu turno, uma forma de materializar o impacto causado pela poesia. Como nos conta no "Jornal de Letras, artes e ideias", em 1984, sua intenção no livro era "a de confrontar Ricardo Reis, e, mais que ele, a sua própria poesia". A comunicação que proponho tem como objetivo analisar essa dicotomia Saramago - Reis (o Reis do Saramago), pensando dois modos possíveis de postura intelectual frente ao mundo.

**Palavras-chave:** Saramago. Reis .Engajamento

**Ana Clara Magalhães de Medeiros**

*Portugal, povo de suicidas: uma leitura unamuniana d'O ano da morte de Ricardo Reis de José Saramago*

**Resumo:** A presente proposta visa apresentar Miguel de Unamuno como crítico literário da literatura portuguesa (notadamente a que se inscreve no período de 1870-1920) e como pensador das "tierras de Portugal" que impacta decisivamente o andamento narrativo e os sentidos ético-estéticos do romance O ano da morte de Ricardo Reis, publicado por José Saramago já em fins do século XX (1984). Desde uma perspectiva dialógica, aproximamos Saramago (interessa-nos sua produção romanesca dos anos 1980) e Unamuno (intelectual da primeira metade do século XX, falecido em 1936), para inscrevê-los no "grande tempo" (Bakhtin, 2006) da cultura ibérica, de modo a pensar as conexões literárias e históricas entre o começo e o desfecho do "século dos extremos" (Hobsbawm, 2008) na Península Ibérica. Com o aporte dos estudos de Carlos Reis (2020; 2022) e Sáez Delgado (2018; 2020) sobre iberismo e transiberismo, discutimos a presença das relações Portugal-Espanha na tessitura do romance de 1984, bem como avaliamos a permanência do pensamento unamuniano na poética do Nobel português. Finalmente, avaliamos relações de aproximação e afastamento (crítico e artístico) entre Miguel de Unamuno e Fernando Pessoa – poeta angular para a composição do livro por nós estudado de José Saramago.

**Palavras-chave:** Saramago. Unamuno. Pessoa. Iberismo. Transiberismo

## Mesa 9 (NAP/CECH – Sala 3) – “Momentos do Teatro Português I”

**Leicina Alves Xavier Pires**

*Diferentes tipos de amor em D. Duardos*

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo analisar as diferentes relações amorosas de seis personagens da Tragicomédia de Don Duardos, do teatrólogo português Gil Vicente. Essa obra, baseada no Primaleón (1512), e encenada provavelmente em 1523, é uma narrativa cavaleiresca concebida e intensamente divulgada na Península Ibérica quinhentista. Nela, há três casais que compõem o núcleo dramaturgicamente: Don Duardos e Flérida; Camilote e Maimonda; e Julião e Constança, os quais estão entrelaçados pelo elo do “amor intenso”. Partimos da hipótese de que esse dramaturgo equipara esses três pares, dando exemplos da força do amor, que os agregam, apesar de ser em níveis diferenciados: o amor cortesão, com Flérida e Dom Duardos; o amor idealizado e às avessas, composto por Camilote e Maimonda; e, o amor natural, distante das regras do amor cortês, de Constança e Julião. Como cita Zimic (1983), apesar de Gil Vicente retratar amores em níveis diferentes, que recordam as convenções literárias, o sentimento amoroso dessas personagens, transcende as mesmas. Sendo assim, pretendemos demonstrar como se dá nessa tragicomédia, a realização de diferentes tipos de amor, concebido por cada casal.

**Palavras-chave:** Tragicomédia. Casal. Amor

**Claudia Barbieri**

*Do drama à comédia: considerações sobre "Amor de filha" e "Educação Moderna" de Guiomar Torrezão*

**Resumo:** O nome de Guiomar Torrezão (1844-1898), escritora, jornalista, contista, dramaturga, romancista e poetisa lisboeta, está completamente ausente dos livros de História do Teatro Português. Estudiosos como José de Oliveira Barata, Duarte Ivo Cruz, Luciana Stegagno Picchio, Luiz Francisco Rebello não mencionam o nome de Torrezão, contudo, ao longo de sua vida, a autora traduziu e imitou várias peças e escreveu alguns originais. Além de tradutora e dramaturga, Guiomar Torrezão exerceu o importante e incomum papel de crítica teatral para alguns periódicos como o "Diário Ilustrado" e "Ribaltas e Gambiarras" (1881), feito espantoso para uma mulher à época. A comunicação pretende abordar as personagens Virgínia e Baronesa, do drama "Amor de Filha" (1869) e Christiana e Gabriela, da comédia naturalista "Educação Moderna" (1891). Separadas por mais de duas décadas, as peças discorrem, sobre a educação feminina, o casamento e discutem o papel da mulher na sociedade portuguesa oitocentista. É possível perceber mudanças importantes na concepção das personagens e na valoração da autonomia e da liberdade femininas, uma vez que as atitudes, as ações e as falas se tornam mais potentes. Para embasar as leituras, entre outros, são recuperadas as críticas coevas das peças e artigos da própria Guiomar refletindo sobre educação como “A instrução feminina”, publicado em "Batalhas da Vida".

**Palavras-chave:** Guiomar Torrezão. Dramaturgia de mulheres. Teatro português. Amor de Filha. Educação Moderna

## Mesa 10 (NAP/CECH – Sala 5): “Momentos do teatro português II”

**Mariana de Oliveira Arantes**

*As presenças do rei D. Sebastião na dramaturgia de Natália Correia*

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma análise da construção do herói com base no mito do rei D. Sebastião. As obras literárias que corroboram tal percepção são duas dramaturgias de Natália Correia, *O encoberto* (1977) e *Erros meus, má fortuna, amor ardente* (1991). Cada uma dessas produções literárias demarca certas características do personagem D. Sebastião, escolhas autorais norteadas por cada contexto histórico da escrita dramática. Objetiva-se verificar a representação do rei português feita por Correia e mostrar, por consequência, a concepção de herói construída na personagem. Assim, uma figura tão importante para a nação portuguesa, como é D. Sebastião, será aqui revista a partir dos dramas de Natália Correia em paralelo com as análises filosóficas discutidas por Eduardo Lourenço (2009) e com a crítica ao conceito de herói discutida por Anatol Rosenfeld (1982).

**Palavras-chave:** Natália Correia. Sebastianismo. Dramaturgia portuguesa

**Luciana de Cassia Camargo Pirani**

*O personagem-cidadão - Uma proposta de leitura da dramaturgia de José Saramago*

**Resumo:** A personagem e a ação são elementos essenciais na dramaturgia, bem como na ficção de José Saramago. Esta comunicação, a partir dos textos não ficcionais saramaguianos, aborda as especificidades da criação e desenvolvimento dos personagens protagonistas nas peças do Nobel português. Soma-se aos textos saramaguianos os trabalhos de Pirandello e Sartre a respeito do drama do personagem e da situação dramática. Desse diálogo identifica-se que além de serem heróis ou vilões os personagens protagonistas são personagens-cidadãos, pois estando diante de uma situação, são convocados a fazer escolhas tal qual o fazem os indivíduos na vida real, tal qual o drama do cidadão-autor José Saramago. Assim como a esses, ao personagem dramático saramaguiano é conferido o direito à liberdade como num jogo sartreano em que determinada ocorrência faz ver como a personagem se constrói em e por meio de uma situação com o outro.

**Palavras-chave:** José Saramago. Dramaturgia. Personagem . Situação dramática.

**Lucas Almeida Dalava**

*Que faremos com esta peça? Literatura, história e política no teatro de José Saramago*

**Resumo:** Em 1980, por ocasião dos 400 anos da morte de Luís Vaz de Camões, José Saramago escreve *Que farei com este livro?*, peça na qual buscou retratar a vida do autor de *Os Lusíadas* no momento em que tentava publicar a sua obra-prima. Saramago, no entanto, pouco se preocupa com a fidelidade à história, adaptando-a de certo modo para que, através da peça, pudesse, mais uma vez, expor suas considerações a respeito de arte e política. Nas poucas páginas que compõem esse texto, o romancista (pois ele assim se definia) muito fala sobre a posição do artista na sociedade, sobre as relações de poder que operam sobre a arte, sobre o trabalho de escrita e os discursos que se manifestam nas diversas leituras. No fim, trata-se de um trabalho poderosíssimo que se apropria do passado apenas para melhor apontar os problemas do seu presente. A proposta deste trabalho é pensar todas essas considerações sob o ponto de vista da crítica marxista, pois, considerando o posicionamento político do autor, existe nela uma boa chave de leitura para se entender a literatura de José Saramago. 2022 marcou as comemorações do centenário de nascimento de Saramago e 450 da publicação de *Os Lusíadas*.

**Palavras-chave:** *Que farei com este livro?*. Teatro saramaguiano. Literatura portuguesa. História e política. Crítica Marxista.

## Mesa 11 (AT 1 – Sala 2): Literaturas Africanas de Língua Portuguesa em foco

**Eusébio Djú**

*Representação da tradição oral na poética de Odete Semedo*

**Resumo:** Tradição, oralidade, representação do passado e identidade estão entre os elementos que compõem a arte poética de Odete Semedo. Assim, este estudo pretende tecer questões relacionadas com a tradição oral como representação da identidade guineense na poética de Odete Semedo, cujos temas são objeto da nossa investigação da tese de doutorado. Para isso, tomamos Augel (2007), Vansina (2010), Jobim (2020) como aporte teórico, pois consideram a tradição como algo que tem um sentido dado por um povo que a pratica, enquanto a representação é uma imagem que nos remete a algo que está ausente. A visão de mundo construída pelos mais velhos é recolhida e transmitida aos demais novos indivíduos da geração. Assim, a poética de Semedo cruza os elementos físicos da natureza, o rio, a água, o vento, o humano e os elementos mitológicos, os Irans. Explica que a água é um elemento usado pela tradição para falar com os Irans presentes no Santuário e matar a sede dos ancestrais. O rio serve como local de purgatório na cerimônia tradicional dos Irans, onde os devotos mergulham na água do rio para se livrar de todos os erros e assumir as responsabilidades tradicionais.

**Palavras-chave:** Tradição oral. Odete Semedo. Guiné-Bissau. Literaturas africanas de língua portuguesa.

**Letícia Alves Franzini**

*Entre mulheres e contemporaneidades: uma análise da obra Neighbours, de Lília Momplé*

**Resumo:** A presente proposta de comunicação visa analisar a obra Neighbours (1995), da escritora Lília Momplé enquanto espaço de elaboração da contemporaneidade moçambicana a partir de sua heterogeneidade e seus conflitos. Para isso, pretende-se abordar o conceito de contemporaneidade explicitando seu caráter questionador para demonstrar como a contemporaneidade moçambicana e sua presença na literatura se constrói por meio da junção de elementos tradicionais e formas canônicas ligadas às antigas metrópoles colonizadoras. A fim de construir uma literatura que está aberta às dinâmicas do mundo e ainda assim realiza em si as multifacetadas contemporaneidades que tecem o seu espaço de desenvolvimento. Além disso, tenciona-se analisar as personagens femininas, buscando entender como a autora constrói sua representação do espaço moçambicano pós independência, abordando a narrativa dos que silenciaram e dos que foram silenciados. Por fim, pretende-se analisar a aparição da violência como fio condutor da narrativa, representando, em larga escala, como um fator formador dessa sociedade. Como arcabouço teórico tem-se textos de Francisco Noa, Gayatri Spivak, Michel Foucault, Achille Mbembe e autoras feministas moçambicanas. Assim, pretende-se entender como Lília Momplé responde

a tarefa de recriar, pelo olhar ficcional, múltiplas composições do indivíduo feminino e da sociedade moçambicana.

**Palavras-chave:** Contemporaneidade moçambicana. representação feminina. Lília Momplé.

**Elisangela Silva Heringer**

*O corpo e os afetos: a construção do ser na poesia ondjakiana*

**Resumo:** A presente comunicação pressupõe um breve passeio sobre a produção poética do escritor angolano Ondjaki, através do corpus: “ Há prendizajens com o xão” e “Materiais para confecção de um espanador de tristeza’ e “ Dentro de mim faz sul seguido de acto sanguíneo” com o intuito de coletar e mapear alguns elementos da relação entre corporeidade, afeto - enquanto afecção e também como afetividade entre pares - e a possibilidade de perceber o(s) outro(s) em face da busca de (re)construção e (re)definição do “eu”, individual e coletivo. Desta forma, com base nas ideias defendidas por Spinoza e Carmem Lúcia Tindó, no que tange ao afeto, e as de Merleau-Ponty, com relação à percepção e à corporeidade, busca-se problematizar como a malha poética do autor se constrói enquanto um locus em que a presença do corpo de um eu tornado poético percebe, atua e constrói a relação eu/outro/mundo em interações construtivas e subjetivas entre si. Nessa possibilidade construtiva, objetiva-se também pensar como a inserção de outros materiais, poéticos e metafóricos, são recorrentes na produção textual sinalizando para uma marca estética e ética do autor na problematização do homem e das suas relações com o fazer e o corpo poético.

**Palavras-chave:** Poesia. Afeto. Percepção. Subjetividade



## Mesa 12 (AT 1 – Sala 3): Literatura e outras linguagens

**Beatriz Moraes de Abreu**

*"Contágio": Performance artístico-pedagógica inspirada em Saramago*

**Resumo:** Este trabalho discorre sobre um processo criativo elaborado a partir da obra "Ensaio sobre a Cegueira" (SARAMAGO, 1995) e desenvolvido para o projeto artístico-pedagógico Trocas Literárias, criado em 2019 com estudantes do Ensino Médio de uma escola da rede SESI-SP. Trata das atividades desenvolvidas pela Trupe Trocas – nome atribuído ao grupo formado pelos participantes do referido projeto – sobretudo, na apresentação da performance "Contágio" (2022). Exprime associações entre Literatura e Artes da Cena, pautando-se no contexto pandêmico em concatenação com a ideia central da obra de Saramago. O trabalho baseia-se em autores como Eleonora Fabião (2013) e Albert Camus (1947), a fim de estabelecer relações teórico-filosóficas entre as subjetividades que engendraram a proposta de trabalho interdisciplinar e subversivo com as linguagens, condizente com os desdobramentos da Covid-19. Apresenta uma abordagem qualitativa da pesquisa-ação realizada, a qual se propôs a explicar e a intervir na realidade social e escolar dos estudantes. Descreve como foram realizadas as pesquisas de corpo sobre a obra – técnica que desenvolveu o senso crítico, estético, leitor e artístico da Trupe. O projeto Trocas Literárias impactou diretamente cerca de 200 estudantes e obteve reconhecimento na rede SESI-SP e no Centro Cultural FIESP.

**Palavras-chave:** Ensaio sobre a cegueira. Literatura portuguesa. Performance. Educação. Covid-19.

**Márcio Aurélio Recchia**

*A figura paterna como representante do colonialismo português em África: duas formas de ressignificar a memória da infância acerca do papel do pai*

**Resumo:** A escritora Isabela Figueiredo (Lourenço Marques, Moçambique, 1963) e a documentarista Diana Andringa (Dundo, Angola, 1947) têm em comum o fato de terem nascido e crescido em antigas colônias portuguesas em África. Há muito vivendo em Portugal, ambas possuem forte ligação afetiva com as terras onde nasceram, além do fato de terem produzido obras dedicadas à memória de seus pais, obras essas que abordam recordações de suas infâncias em territórios coloniais africanos onde explorações e violências de toda sorte eram praticadas contra as populações locais. Embora pertencentes a classes sociais distintas, sendo o pai da escritora eletricitista e o pai da documentarista engenheiro, ambos gozavam dos privilégios de gênero e de raça dentro de uma estrutura colonial opressora baseada no racismo, que, por sua vez, era reflexo das políticas oriundas da metrópole. Assim, esta comunicação tem o objetivo de discutir de que forma as autoras de Caderno de memórias coloniais (FIGUEIREDO, 2009) e do documentário Dundo, memória colonial (ANDRINGA, 2009) lidam com a memória de seus respectivos pais, homens que representaram, em graus diferentes, personificações do colonialismo português em África.

**Palavras-chave:** Colonialismo. Memória Colonial. Literatura e Cinema.

**Emanoely Cristina Lima**

*Peregrinação de João Botelho: A fragmentação do épico*

**Resumo:** Este tem como objetivo compreender a longa-metragem *Peregrinação* (2017), do realizador português João Botelho, utilizando como chave de leitura o Anti-épico. Dessa forma, contrastando a obra audiovisual e a obra épica de Luís Vaz de Camões, visto a sua importância para a criação de um imaginário nacional português em relação às conquistas ultramarinas, assim como o passado e o caráter glorioso do povo português, temáticas utilizadas também por Botelho. Para tanto, nos baseamos na teoria dos gêneros proposta por Aristoteles e a teoria Anti-épica de Lukács para analisar as duas obras e contrastar as representações do projeto expansionista português no qual se baseia o imaginário do povo Lusitano.

**Palavras-chave:** Os Lusíadas. *Peregrinação*. Épica. Anti-épica.

## Mesa 13 (AT 1 – Sala 4): Repensar algumas fissuras coloniais

**Suzana Costa da Silva**

*Os deslocamentos do sujeito pós-moderno: revisitando o (não)lugar do retornado português*

**Resumo:** O homem marcado pela pós-modernidade encontra-se condicionado ao eterno deslocamento e essa deambulação é o princípio da marginalização do sujeito, um não estar e não pertencer a lugar nenhum. Mesmo diante da necessidade de pertencimento, o sujeito inserto na ótica pós-moderna é representado pela eterna movência e encontra-se no entre-lugar. Sua trajetória passa a ser uma frequente procura pela continuidade perdida e já fragmentada pelo mundo moderno e global. Os sujeitos em deslocamento podem ser arrivistas ou párias, turistas ou vagabundos, segundo concepção de Zygmunt Bauman. Outros sujeitos também surgem ao longo da história como o ingênuo Flâneur e o sofrido refugiado. Ao falar dos deslocamentos do sujeito pós-moderno, trataremos em obras de António Lobo Antunes e Dulce Maria Cardoso, de um deslocamento específico que se manifesta na figura do “retornado”. Sujeito este que, inevitavelmente, se desloca a sítios e situações em que, sequer, desejaram estar.

**Palavras-chave:** Deslocamento. Retornados. Memória. Fragmentação. Guerra colonial

**Luiz Eduardo Rodrigues Amaro**

*Reflexões sobre as relações entre a literatura e o cinema: aspectos dialógicos e filosóficos existentes entre Os Lusíadas (Camões) e Non ou a vã glória de mandar (Manoel de Oliveira) sob a perspectiva de Mikhail Bakhtin e de Eduardo Lourenço.*

**Resumo:** Poucos escritores influenciaram a identidade coletiva de um povo como Luís Vaz de Camões, principalmente por meio de sua obra épica. Nela, o poeta uniu a narrativa ficcional mitológica com a história de Portugal, exprimindo ideologias e reflexões sobre a realidade de Portugal, como são os casos da voz do Velho do Restelo e do narrador, quando faz inferências críticas. O próprio Camões vaticina a queda do império português. Non é o monossílabo que dá um basta ao apogeu português, a realidade que faz a nação voltar o seu olhar a si mesma, a vã glória de mandar que se mostrou uma dura ilusão. A narrativa de Non ou a vã glória de mandar faz uma releitura do passado de Portugal, ligando a batalha de Alcácer-Quibir com a Revolução dos Cravos. Por meio da perspectiva realista e, ao mesmo tempo, carnavalizada, o diretor faz uma releitura crítica à apologia expansionista de Portugal por meio da encenação traumática de eventos desastrosos dessa utopia colonizadora, desconstruindo a roupagem de concepção camonianiana. Mostramos a desconstrução do passado português hipertrofiado e discutimos aspectos técnicos do filme, suas intersecções com a epopeia camonianiana sob a perspectiva dialógica de Mikhail Bakhtin e filosófica de Eduardo Lourenço.

**Palavras-chave:** Camões. Cinema. Literatura. Bakhtin. Eduardo Lourenço.